



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA**  
**DEPARTAMENTO DE SAÚDE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM E SAÚDE**



**PERCEPÇÃO DE PESSOAS IDOSAS INTEGRANTES DE GRUPOS DE  
CONVIVÊNCIA SOBRE O VIVER/ENVELHECER CIDADÃO**

**LUANA MACHADO ANDRADE**

**JEQUIÉ/BA**  
**2012**

**LUANA MACHADO ANDRADE**

**PERCEPÇÃO DE PESSOAS IDOSAS INTEGRANTES DE GRUPOS DE  
CONVIVÊNCIA SOBRE O VIVER/ENVELHECER CIDADÃO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, área de concentração em Saúde Pública, para apreciação e julgamento da Banca Examinadora.

**LINHA DE PESQUISA:** Política, Planejamento e Gestão.

**ORIENTADORA:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Edite Lago da Silva Sena

**JEQUIÉ/BA  
2012**

Andrade, Luana Machado.

A568      Percepção de pessoas idosas integrantes de grupos de convivência sobre o viver/envelhecer cidadão/Luana Machado Andrade.- Jequié, 2012.

109 f. il.; 30cm. (Anexos)

Dissertação (Mestrado-Programa de pós-graduação em Enfermagem e Saúde) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2012. Orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Edite Lago da Silva Sena.

## FOLHA DE APROVAÇÃO

ANDRADE, L. M. **Percepção de pessoas idosas integrantes de grupos de convivência sobre o viver/envelhecer cidadão**. 2012. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde. Área de Concentração: Saúde Pública. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Jequié/BA.



---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Edite Lago da Silva Sena – Orientadora e Presidente da Banca  
Doutorado em Enfermagem. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.



---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marlene Gomes Terra  
Doutorado em Enfermagem. Universidade Federal de Santa Maria.



---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Tânia Maria de Oliva Menezes  
Doutorado em Enfermagem. Universidade Federal da Bahia.

Jequié – BA, 27 de novembro de 2012.

**A meus avós maternos e paternos,  
Morena,  
Juca (*in memoriam*), Hilda (*in memoriam*)  
e Nilo (*in memoriam*).**

Vocês foram a minha maior inspiração!  
Cada um vivenciou e vivencia a velhice de  
maneira singular, despertando em mim o  
enorme desejo de envolver-me em um  
mundo do qual todos  
nós faremos parte um dia.

Espero que Deus preserve em mim a  
lucidez de Morena, a honestidade de Juca,  
a sinceridade de Hilda  
e a alegria de Nilo.

**Às queridas idosas que estiveram presentes  
em cada encontro deste trabalho.**

Vocês transformaram a minha inspiração em arte!  
A arte de descrever, de compreender e,  
principalmente, a arte de viver. Muito obrigada por me  
possibilitarem vivenciar uma nova experiência  
a cada instante.

## AGRADECIMENTOS

Ao **Deus** que me faz sentir viva e que está em todas as coisas...Em cada gesto, em cada palavra, em cada vitória!

À **Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb)**, em especial ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde (PPGES), por tornar possível a minha ascensão pessoal e profissional.

À **Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb)**, pela concessão da bolsa de pesquisa e o apoio financeiro que, durante alguns meses, foi indispensável para a realização das atividades da pós-graduação.

A minha professora e orientadora **Dra. Edite Lago**, por dividir comigo (mais uma vez) conhecimentos e experiências. Sua sabedoria e sua presença amiga, segura e acolhedora foram meu suporte afetivo e intelectual para superar os desafios desta caminhada.

Aos **professores e funcionários do PPGES**, em especial a **Neilma** e ao **Prof. Cesar Casotti** pela presteza e atenção com que me atenderam sempre que precisei de ajuda.

Aos **idosos da** Associação de Amigos, Grupos de Convivência e Universidade Aberta com a Terceira Idade (**Aagruti**), pela sabedoria e experiência, digna de menção em qualquer trabalho científico. Sem a participação de vocês seria impossível realizar este estudo. Deixo-lhes toda a minha gratidão e respeito!

A minha família, **Rita, Alfredo (in memoriam), Everaldo, Lucas, Aquiles e Zora**. Devo-lhes a minha história e tudo o que há de mais verdadeiro em minha vida: o amor. A simples presença de vocês é o que me fortalece.

A meu “namorientador”, **Saulo!** Obrigada por ser, em alguns momentos, o meu guia. Obrigada por me suportar, me admirar e, acima de tudo, por me amar! As suas palavras, ditas muitas vezes com o olhar, foram indispensáveis para que eu chegasse até aqui.

A meus **colegas de mestrado** e, em especial, ao meu “grupinho”, que tanto me alegrou, **Moema, Isnara e Wanderley.** Vocês tornaram esta etapa muito mais suave do que imaginava. Tenho certeza de que adquiri não só colegas, mas bons amigos.

A minhas amigas, **Laís, Luma e Isabel,** por compartilharem conhecimento, orientações, colaboração, estímulo e dedicação e por me ajudarem, direta e indiretamente, na construção deste trabalho. Foi muito bom caminhar ao lado de vocês!

A minhas colegas de profissão e professoras, **Patrícia Anjos, Edmeia Meira e Gleide Pinheiro.** Não existe nessa vida lição melhor que o exemplo! Obrigada pelas valiosas contribuições.

Às professoras **Marlene Gomes Terra e Tânia Maria de Oliva Menezes,** pela valiosa participação, contribuição e disponibilidade em participar da banca examinadora.

## **Tempos Modernos**

Eu vejo a vida  
Melhor no futuro  
Eu vejo isso  
Por cima de um muro  
De hipocrisia  
Que insiste  
Em nos rodear...  
Eu vejo a vida  
Mais clara e farta  
Repleta de toda  
Satisfação  
Que se tem direito  
Do firmamento ao chão...  
Eu quero crer  
No amor numa boa  
Que isso valha  
Pra qualquer pessoa  
Que realizar, a força  
Que tem uma paixão...  
Eu vejo um novo  
Começo de era  
De gente fina  
Elegante e sincera  
Com habilidade  
Pra dizer mais sim  
Do que não, não, não...  
Hoje o tempo voa amor  
Escorre pelas mãos  
Mesmo sem se sentir  
Não há tempo  
Que volte amor  
Vamos viver tudo  
Que há pra viver  
Vamos nos permitir...

*(Lulu Santos)*

## RESUMO

Trata-se de um estudo com base no exercício da cidadania de idosos fundamentado na filosofia da experiência de Merleau-Ponty. Com o intuito de desvelar as vivências no constante processo de vir a ser cidadãos na velhice, a pesquisa tem como objetivo: descrever a percepção de pessoas idosas integrantes de grupos de convivência sobre o exercício da cidadania. Consiste em compreender os fenômenos que se mostram à percepção, a partir da intersubjetividade de 13 idosas integrantes de grupos de convivência da Associação de Amigos, Grupos de Convivência e Universidade Aberta a Terceira Idade (Aagruti) na cidade de Jequié/BA. Como estratégia para a produção das descrições vivenciais, utilizamos a técnica de pesquisa de grupo focal, que se trata de um recurso fundado na compreensão do processo de construção das percepções de grupos humanos. As descrições vivenciais foram submetidas à analítica da ambiguidade, técnica que consiste em suspender as teses que postulam ser as coisas em si mesmas e perceber as ambiguidades que lhes são inerentes. Os resultados fundamentaram-se na noção de *corpo próprio*, desenvolvida por Merleau-Ponty, sendo apresentados sob a forma de três manuscritos: *ser cidadão idoso no contexto da experiência habitual e perceptiva; o grupo de convivência como corpo falante; a experiência do outro e o vir a ser cidadão idoso*. Nesse contexto, o ideário social da velhice, constituído na contemporaneidade, mostrou-se como fator preponderante na percepção das pessoas idosas integrantes de grupos de convivência, que, em alguns momentos, tenta personificar-se com a imagem do *jovem cidadão idoso*, para atender as exigências sociais. Apresentamos o entendimento de que os grupos de convivência podem constituir-se como espaços de ressignificação da velhice, à medida que, diante da intercorporeidade presente nos encontros, favorecem a transcendência da pessoa idosa e sua expressão habitual, à luz do olhar merleau-pontyano, como *velho cidadão idoso*. Desse modo, o trabalho permitiu concluir que a comunidade acadêmica, a sociedade e a gestão pública precisam planejar e desenvolver ações na perspectiva de estimular e mobilizar o cidadão idoso para repensar suas demandas existenciais e a importância de reivindicá-las.

**Palavras-chave:** Idoso. Políticas públicas. Participação cidadã. Filosofia em enfermagem.

## ABSTRACT

This is a study based on the citizenship of the elderly based on the experience philosophy of Merleau-Ponty. Aiming at unveiling the experiences in the constant process of becoming citizens in old age, the research has as objective: to describe the perception of the elderly members of acquaintance groups on the exercise of citizenship. It consists of understanding the phenomena that show themselves to the perception, from the intersubjectivity of 13 elderly women members of acquaintance groups from the Association of Friends, Acquaintance Groups and Open University to Third Age (Aagruti – from Portuguese) in the city of Jequié/BA. As a strategy for the production of experiential descriptions, we have used the focus group research technique that is a feature based on the understanding of the construction process of human groups' perceptions. Experiential descriptions were submitted to the ambiguity analytics, a technique that consists in suspending the theories that postulate be things in themselves and realize the ambiguities inherent in them. The results were based on the notion of *body itself*, developed by Merleau-Ponty, being presented as three manuscripts: *being an elderly citizen in the context of habitual and perceptual experience; acquaintance group as a speaking body; the experience of others and the becoming an elderly citizen*. In this context, the social ideals of old age, composed contemporarily, has showed up as a major factor in the perception of the elderly members of acquaintance groups, which, at times, tries to embody the image of the *young senior citizen*, to meet the social requirements. We present the understanding that the acquaintance groups might constitute themselves as spaces of old age redefinition, as before the inter-body relationship present at meetings, favors the transcendence of the elderly and their usual expression, under the light of Merleau-Ponty look, as *old senior citizen*. Thus, the study allowed to conclude that the academic community, society and governance need to plan and develop actions aiming at encouraging and mobilizing the senior citizen to rethink their existence demands and the importance of claiming for them.

**Keywords:** Elderly. Public policies. Citizen participation. Philosophy in Nursing.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|   |    |
|---|----|
| <b>Quadro 1</b> – Caracterização dos grupos de convivência/Aagruti, Jequié, 2012.....   | 52 |
| <b>Quadro 2</b> – Caracterização das idosas, participantes da pesquisa, Jequié, 2012... | 54 |
| <b>Figura 1</b> – Foto da <i>Árvore de temas</i> utilizada nos grupos focais.....       | 59 |
| <b>Figura 2</b> – Maças temáticas utilizadas para conduzir as reuniões.....             | 60 |

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AAGRUTI - Associação de Amigos, Grupos de Convivência e Universidade Aberta a Terceira Idade.

BVS - Biblioteca Virtual em Saúde.

CEP - Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos.

CF - Constituição Federal.

CNDI – Conselho Nacional de Direitos dos Idosos.

GAM - Grupo de Ajuda Mútua.

GREPE - Grupo de Estudos e Pesquisas no Envelhecimento.

LOAS - Lei orgânica da Assistência Social.

NOAS - Norma operacional de assistência à saúde.

OMS - Organização Mundial da Saúde.

ONG - Organização Não Governamental.

PNI - Política Nacional do Idoso.

PNSI - Política Nacional de Saúde do Idoso.

PNSPI - Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa.

PPGES - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde.

SESC - Serviço Social do Comércio.

SUS - Sistema Único de Saúde.

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

UATI - Universidade Aberta com a Terceira Idade.

UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1 O VIVER/ENVELHECER CIDADÃO: O INÍCIO DE UMA PESQUISA.....</b>                                | <b>12</b> |
| <b>2 REVISÃO DE LITERATURA: A RETOMADA DAS FALAS FALADAS.....</b>                                 | <b>17</b> |
| 2.1 O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO.....   | 18        |
| 2.2 POLÍTICAS PÚBLICAS E DE SAÚDE PARA OS IDOSOS.....   | 23        |
| 2.3 O CONHECIMENTO DO VELHO CIDADÃO: PARTICIPAÇÃO EM GRUPOS DE CONVIVENCIA.....                   | 27        |
| <b>3 REFERENCIAL TEÓRICO-FILÓSOFICO: A NOÇÃO DE CORPO SOB A PERSPECTIVA MERLEAU-PONTYANA.....</b> | <b>33</b> |
| 3.1 INTRODUÇÃO À FENOMENOLOGIA DE EDMUND HUSSERL.....   | 33        |
| 3.2 O <i>CORPO PRÓPRIO</i> E SUAS DIMENSÕES NA PERSPECTIVA MERLEAU-PONTYANA.....                  | 39        |
| 3.2.1 O <i>corpo habitual</i> .....   | 41        |
| 3.2.2 O <i>corpo perceptivo</i> .....   | 42        |
| 3.2.3 O <i>corpo falante</i> .....  | 43        |
| 3.2.4 O <i>corpo sexuado</i> .....  | 44        |
| 3.2.5 O <i>corpo do outro</i> .....   | 45        |
| <b>4 PERCURSO METODOLÓGICO PARA A PRODUÇÃO DAS DESCRIÇÕES VIVENCIAIS.....</b>                     | <b>48</b> |
| 4.1 NATUREZA E MÉTODO DE PESQUISA.....  | 49        |
| 4.2 CENÁRIO DA PESQUISA.....  | 50        |
| 4.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA.....  | 53        |
| 4.4 ESTRATÉGIA PARA A OBTENÇÃO E PRODUÇÃO DAS DESCRIÇÕES VIVENCIAIS.....                          | 55        |
| 4.4.1 <b>Técnica de grupo focal</b> .....   | 55        |
| 4.4.2 <b>Procedimento para realização dos grupos focais</b> .....                                 | 57        |
| 4.5 PROCEDIMENTOS PARA A COMPREENSÃO DAS DESCRIÇÕES   |           |

|   |            |
|---|------------|
| VIVENCIAIS.....   | 61         |
| 4.6 DIMENSÕES ÉTICAS.....   | 63         |
| <b>5 O RETORNO ÀS COISAS MESMAS: PERCEPÇÃO DE IDOSOS<br/>SOBRE O SER CIDADÃO.....</b>                       | <b>64</b>  |
| 5.1 PRIMEIRO MANUSCRITO: SER CIDADÃO IDOSO NO<br>CONTEXTO DA EXPERIÊNCIA <i>HABITUAL E PERCEPTIVA</i> ..... | 66         |
| 5.2 SEGUNDO MANUSCRITO: O GRUPO DE CONVIVÊNCIA COMO<br><i>CORPO FALANTE</i> .....                           | 86         |
| 5.3 TERCEIRO MANUSCRITO: A EXPERIÊNCIA DO <i>OUTRO</i> E O VIR<br>A SER CIDADÃO IDOSO.....                  | 102        |
| <b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O INACABAMENTO DO SER CIDADÃO<br/>IDOSO.....</b>                                 | <b>119</b> |
| <b>REFERÊNCIAS</b>  | <b>125</b> |
| <b>APÊNDICES</b>  | <b>136</b> |
| <b>APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido</b>  | <b>137</b> |
| <b>APÊNDICE B – Cronograma e Roteiro das Reuniões de Grupo Focal</b>  | <b>140</b> |
| <b>APÊNDICE C – Cronograma de execução da pesquisa</b>  | <b>147</b> |
| <b>APÊNDICE D – Orçamento da pesquisa</b>   | <b>150</b> |
| <b>ANEXOS</b>   | <b>151</b> |
| <b>ANEXO A – Parecer consubstanciado/CEP – Uesb</b>   | <b>152</b> |

## **1 O VIVER/ENVELHECER CIDADÃO: O INÍCIO DE UMA PESQUISA**

A verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo, e nesse sentido uma história narrada pode significar o mundo com tanta “profundidade” quanto um tratado de filosofia (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 19).

A discussão em torno do envelhecimento ganha ênfase a partir do século XX, quando entra em cena a pessoa idosa, como um novo ator político e social capaz de promover mudanças e transformar o cenário das políticas públicas no Brasil. Nesse sentido, com o intuito de compreender o significado da participação cidadã para o segmento idoso na cidade de Jequié, no interior da Bahia, o estudo fundamenta-se numa abordagem fenomenológica a respeito do exercício da cidadania pela pessoa idosa que agora deve configurar-se como verdadeira protagonista neste processo de viver e envelhecer como cidadã.

O cenário demográfico mundial experimenta uma transição caracterizada por mudanças nos índices de mortalidade, natalidade e desenvolvimento científico-tecnológico, que indicam uma redução no número de jovens e um aumento proporcional do número de pessoas idosas. Segundo dados do censo demográfico do IBGE (2010), no Brasil, o número de habitantes está em torno de 190.755.799 e o contingente de pessoas com mais de 60 anos chega a 21 milhões, ou seja, 10,8% da população (IBGE, 2010). Na cidade de Jequié-BA, o fenômeno também se evidencia, e com um percentual significativo, pois, de acordo com o mesmo censo, dos 151.895 habitantes do município, 17.296 são pessoas com idade acima de 60 anos, o que corresponde a um percentual de 11,3% dos habitantes (IBGE, 2010).

Com base nesses dados, verifica-se que a mudança do perfil demográfico da população acarreta alterações nos perfis epidemiológico, econômico e social, peculiares à faixa etária em ascensão. Decorre daí a urgência de discussão e implantação de políticas públicas destinadas às pessoas idosas, necessidade cada vez mais imperiosa em nosso país e no município citado, nos quais predomina a ineficiência da participação popular e da efetivação dos direitos essenciais deste segmento populacional.

No Brasil, em meados da década de 1970, foram ampliadas as discussões sobre a importância do controle social, diante da formulação e da implementação de políticas públicas, dando início ao processo de redemocratização social que culminou com a promulgação da Constituição federal (CF) em 1988 (TELLES, 2010). Desde então, conquistamos a garantia de direitos que se efetivam com a participação cidadã, especialmente, através de instâncias de controle social.

Nesta perspectiva, diversas instituições começaram a ser consolidadas como associações, conselhos e grupos de terceira idade, visando a atender às demandas da pessoa idosa, resultando em um novo movimento social, em que os idosos buscam reivindicar políticas públicas para atender as suas demandas. Tal movimento obteve avanços legislativos e regulamentares cujo objetivo era fornecer proteção e efetivar os direitos da pessoa idosa, no campo da saúde, previdência social, trabalho, esporte, educação, lazer, cultura e turismo, de que são exemplos as leis nº 10.741/03, *Estatuto do idoso* (BRASIL, 2003) e nº 8.842/94, *Política nacional do idoso* (PNI) (BRASIL, 1994), e as portarias nº 2.528/06, *Política nacional de saúde da pessoa idosa* (PNSPI) (BRASIL, 2006a) e nº 399/GM, *Diretrizes do pacto pela saúde* (BRASIL, 2006b).

No entanto, apesar do aparato legal existente, na prática, os idosos não foram efetivamente contemplados com estratégias que promovam o envelhecimento ativo e a inclusão social. Para alguns autores, este cenário justifica-se pelo fato de que os supostos movimentos sociais explicitados não possuem a presença efetiva dos próprios idosos, sendo movidos por entidades, estudiosos e especialistas da área do envelhecimento que, por sua vez, acabam formulando políticas pouco consistentes para atender às demandas deste grupo etário (PERES; VIEIRA; PASTANA, 2005).

Mobilizados pela ideia de que a participação cidadã é direito e dever de todos, sujeitos de suas próprias vidas, alguns idosos começaram a inserir-se em grupos de convivência, que, apesar de ter como objetivo a viabilização de oportunidades para o exercício da cidadania, têm priorizado atividades de lazer, educativas e culturais, o que contribui, em maior parte, para manter o idoso em atividade e ampliar sua rede social (GRACIANI; FRANCO; SILVEIRA, 2009; OLIVEIRA, 2010). Desse modo, pouco estimulam os movimentos reivindicatórios em busca da efetivação de direitos e subestimam o potencial dos grupos para a promoção da cidadania.

Na cidade de Jequié, por exemplo, contamos com a presença, desde 2001, de uma entidade denominada Associação de Amigos, Grupos de Convivência e Universidade Aberta a Terceira Idade (Aagruti), instituída devido à necessidade de unificar e fortalecer o trabalho voluntário que já existia em 12 grupos de convivência para a terceira idade, com o propósito de contribuir para a conquista da cidadania e consequente melhoria da qualidade de vida dos idosos.

Mesmo com um número expressivo de associados que participam dos grupos de convivência vinculados a esta associação, as políticas relativas às pessoas idosas, na cidade, ainda não foram devidamente implantadas, não se instalou o Conselho Municipal de Idosos, ou sequer existe uma rede de atenção à saúde articulada para atender às demandas do segmento, como acontece em outras localidades.

Esta constatação ocorreu durante nosso processo de formação profissional como enfermeira, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb), quando nos engajamos em projetos de pesquisa e extensão envolvidos com as questões do envelhecimento humano e verificamos que as mudanças no perfil demográfico trariam novas demandas sociais ao Brasil e, em especial, ao município onde nascemos - a cidade de Jequié/BA. Desde então, inserimo-nos no Grupo de Estudos e Pesquisas no Envelhecimento (Grepe), no qual começamos a nos envolver, na condição de bolsista, com o projeto de pesquisa *Perfil das pessoas com diagnóstico da doença de Alzheimer e respectivos cuidadores na cidade de Jequié/BA* e com o projeto de extensão que se constituiu, na mesma cidade, como *Grupo de Ajuda Mútua (GAM) para cuidadores de pessoas com doença de Alzheimer*.

Ao mesmo tempo em que despertávamos para a questão do envelhecimento humano, a cada encontro do GAM, tínhamos a oportunidade de experimentar a intersubjetividade presente nos diálogos desenvolvidos com cuidadores e idosos, o que nos despertou o interesse pela busca da compreensão do conhecimento fenomenológico, muitas vezes abordados pela coordenadora dos projetos em seus estudos e reuniões. Foi então que desenvolvemos, durante o Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação de Enfermagem, uma pesquisa que unia o processo de envelhecimento, concentrado na doença de Alzheimer, e a fenomenologia.

As experiências vivenciadas e o entendimento inacabado das pesquisas fenomenológicas fizeram-nos buscar novos conhecimentos na área. Ainda como integrante do Grepe, tivemos a oportunidade de conhecer a Aagruti e começamos a questionar os desafios enfrentados pelas pessoas idosas da cidade de Jequié/BA, na luta diária pela conquista de seus direitos, em especial no campo da saúde. Assim, submetemo-nos à seleção do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde (PPGES/Uesb) em setembro de 2010, com um projeto enfocando as políticas públicas e o exercício da cidadania dos idosos.

Com a aprovação no PPGES demos continuidade ao projeto e, aprofundando os estudos sobre envelhecimento humano, passamos a perceber que muitos idosos não compreendiam a finalidade de sua inserção no movimento social, como oportunidade para denunciar os preconceitos e mitos relativos à velhice e para anunciar novas formas de luta no processo de construção de cidadania e como algo prático e diário, capaz de propor verdadeiras mudanças na realidade em que vivem (RODRIGUES, 2000).

Desse modo, para o desenvolvimento desta pesquisa, não buscamos questionar a função ou a maneira como os grupos de convivência estimulam a participação dos idosos, mas sim, de que maneira estes últimos se percebem como cidadãos participativos e decisivamente capazes de promover mudanças sociais, pois é indispensável pensar em como podemos trabalhar esta questão e os mecanismos que devem ser utilizados para inserir a pessoa idosa como partícipe no processo. A participação deve ser compreendida como uma trajetória infundável, em constante vir a ser, sempre se fazendo, tendo como essência a autopromoção e desvelando-se como conquista processual que, por sua vez, nunca é suficiente nem acabada, pois, no momento que se imaginaria completa, nisso mesmo, já começaria a regredir (DEMO, 2009).

Tais inquietações levaram-nos a refletir sobre as ambiguidades existentes no processo de vir a ser cidadãos participativos e engajados em movimentos sociais na busca pelo respeito aos direitos já conquistados e a implantação das políticas públicas específicas para este grupo etário na cidade de Jequié-BA. Neste sentido, emergiram inquietações como: qual o conhecimento dos idosos sobre as políticas públicas,

assistenciais e de proteção social para a velhice? Apesar da existência de dispositivos legais que garantem os direitos à pessoa idosa, o que, com base em suas vivências, impede a conquista e a efetivação de tais direitos? De que maneira os idosos reconhecem-se como cidadãos, responsáveis pela luta em busca do respeito a seus direitos? O que, de fato, significa para os idosos fazerem parte de uma associação ou de grupos de convivência caracterizados como instâncias de controle social? E enfim, para a pergunta de pesquisa estabelecemos: como as pessoas idosas integrantes de grupos de convivência percebem o viver/envelhecer cidadão?

Por se tratar de uma pesquisa cujo objeto foi desvelar vivências e percepções, optamos por fundamentá-la com a abordagem filosófica de Maurice Merleau-Ponty, cuja matriz teórica é a fenomenologia de Edmund Husserl. Para o filósofo, “ser uma experiência é comunicar interiormente com o mundo, com o corpo e com os outros, ser com eles em lugar de estar ao lado deles” (MERLEAU-PONTY, 2011, p.142). Portanto, essa ontologia permitiu-nos alcançar o objetivo desta pesquisa, que consistiu em descrever a percepção de pessoas idosas integrantes de grupos de convivência sobre o viver/envelhecer cidadão.

A relevância da pesquisa situa-se no fato de construir um conhecimento que poderá propiciar a reflexão da comunidade acadêmica, da sociedade e da gestão pública para o entendimento de que o exercício da cidadania, no contexto gerontológico, ocorre na perspectiva de quem o vive, os idosos, e que os grupos de convivência precisam planejar e desenvolver ações que estimulem e mobilizem seus integrantes para repensarem suas demandas existenciais e a importância de reivindicá-las, especialmente no que concerne à adequada execução das políticas públicas já garantidas por instrumentos legais.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA: A RETOMADA DE FALAS FALADAS

A operação de expressão quando é bem sucedida não deixa apenas um sumário para o leitor ou para o próprio escritor, ela faz a significação existir como uma coisa no próprio coração do texto, ela a faz viver em um organismo de palavras (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 248).

A revisão de literatura consiste em uma retomada de falas faladas, isto é, de produções científicas relacionadas ao tema a ser estudado. A partir de então, efetua-se a contextualização e definição do objeto de estudo, que emerge da percepção de lacunas no conhecimento, cujo preenchimento ocorre pela construção de novas pesquisas. Neste sentido, por mais que busquemos reproduzir algo que já foi dito na área do envelhecimento ou em qualquer outra área, sempre estaremos colocando uma visão nova sobre o que está posto, um pensamento que não é só meu, nem só do outro, mas que é nosso e acontece no instante em que rompemos o silêncio adormecido nas palavras (MERLEAU-PONTY, 2011).

Vale ressaltar que a revisão de literatura não é condição *sine qua non* para a realização de estudos com abordagem fenomenológica. No entanto, nesta dissertação, a revisão foi construída em atendimento às exigências acadêmicas do programa de pós-graduação. Para tanto, realizamos uma busca nas bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e do Scopus.

A seleção dos artigos baseou-se nos seguintes critérios: estar incluído nos descritores: idoso, políticas públicas, envelhecimento e participação cidadã; serem publicados a partir de 2003, tendo em vista a promulgação da Lei 10.741 que apresenta o Estatuto do Idoso como um marco na história das políticas públicas para idosos no Brasil delimitando um recorte temporal de oito anos (2003 a 2011); estar em língua portuguesa, devido ao objetivo da pesquisa restringir-se a âmbito nacional e; envolver em seu resumo aspectos do processo de envelhecimento, no que tangem as questões sociais, econômicas, culturais e demográficas, bem como, abordagens referentes à participação e efetivação dos seus direitos. Foram excluídas abordagens específicas sobre doenças, institucionalização e estudos em outros países, bem como, teses,

dissertações e monografias. Foi realizada, ainda, uma análise documental sobre a legislação brasileira do período situado entre os meses de junho de 2011 e setembro de 2012.

Essa pesquisa conduziu-nos à elaboração de uma revisão narrativa de literatura, destacando os aspectos e dimensões peculiares ao tema, que foram traduzidos nas seguintes categorias: o processo de envelhecimento; políticas públicas e de saúde para os idosos; conhecimento do velho cidadão: participação em grupos de convivência.

## 2.1 O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

O processo de envelhecimento pode ser compreendido a partir dos vários aspectos que tomam como base a heterogeneidade das pessoas idosas e das necessidades específicas para cada grupo etário inserido nesta população. Mas afinal, quem são estes idosos?

Os estudos procuram formular conceitos em torno do ser velho, ser idoso, ser pessoa idosa ou ser da terceira idade. Inúmeras tentativas precárias para conceituar aquilo que não se pode determinar, porque envelhecer subentende atravessar o tempo e desse modo, viver é envelhecer e envelhecer é viver (HILLMAN, 2005). A vida gera, alimenta, consome e nos entrega à morte e, durante o processo de viver, passamos por constantes ciclos de renovação. A cerimônia de renovação nos propicia o envelhecer. Quanto mais vivermos, mais velhos estaremos. Todos conhecem a veracidade desse processo, mas a grande maioria das pessoas não o aceita, porque anseia, equivocadamente, por um “modelo de juventude eterna”. Afinal, ninguém pode escapar do processo natural do envelhecer (HILLMAN, 2005).

No entanto, o que encontramos muito na literatura é o uso frequente de eufemismos para nomear a velhice e tudo o que a ela se refere, numa falida tentativa de suavizar o peso que nossa sociedade atribui à palavra *velho*. Parece que a velhice, como alguma coisa muito ruim, não pode ser nomeada sem provocar medo e rejeição.

Dessa forma, o substantivo *velho* começou a dar lugar a *um senhor de terceira idade* ou *uma senhora de idade avançada*, e a muitas outras tentativas de nomeação de

alguma coisa que não é mais nominável no discurso do homem da modernidade. Queremos dizer com isto que o fato de ser jovem ou velho, aparentemente tão simples para a consciência individual, passa a tornar-se incerto quando percebemos que as noções de juventude e velhice sofrem sérias transformações ao longo de nossa existência (GOLDFARB, 1997).

Quando chegamos aos 80 anos, o velho é sempre o outro, como dizia Simone de Beauvoir (1990), que incluía a velhice na categoria dos “irrealizáveis” sartreanos. Ela afirmava que o sujeito não pode ter uma experiência plena do ser velho: esta seria uma experiência irrealizável em si própria, e a velhice, a decadência e a finitude são mais aspectos percebidos pelos outros, do que pelo próprio sujeito que envelhece. É o olhar do outro que aponta nosso envelhecimento. Assim, o velho será sempre o outro e tratamos de representar o que somos através da visão que os outros têm de nós (GOLDFARB, 1997; HILLMAN, 2005).

Desse modo, a dificuldade principal para categorizar a velhice consiste em que ela não é unicamente um estado, mas um constante e sempre inacabado processo de subjetivação. Assim podemos dizer que, na maior parte do tempo, não existe um “ser velho”, mas um “ser envelhecendo”. Remontamo-nos aí a um tempo que não se refere à nossa idade cronológica, que advém do tempo Kronos, mas sim, a um outro tempo que nos pertence, denominado Kairós. Essa palavra grega refere-se ao personagem mitológico que simboliza o movimento circular, espiralado, não linear (HILLMAN, 2005).

Kairós é um tempo não consensual, vivido e oportuno. Esse tempo pertence ao ser que se encontra na ação, no movimento de passagem, na mudança, no fluxo. Enquanto o tempo Kronos é tempo-coisa, o tempo Kairós é tempo-verbo. É o momento certo para o que há para ser manifestado. É o tempo da história individual, idiossincrática, colorida pela escolha do sujeito. O tempo do ser é aproveitado, saboreado, sentido, bem utilizado porque é o *momentum* que se tem e que se é (MARTINS, 1998). Viver no próprio tempo é viver consigo mesmo. Esse é o grande problema da velhice: saber que os movimentos do corpo diminuem para que você não fuja de você mesmo.

Dessa maneira, após a compreensão em torno do fenômeno da velhice, começamos a entender que os idosos diferem de acordo com a sua história de vida, com seu grau de independência funcional e com a demanda por serviços mais ou menos específicos (BRASIL, 2006a). Como um conjunto de fatores biológicos, físicos, psicológicos e sociais, o envelhecimento nem sempre atua de maneira concorrente em todos os indivíduos, podendo até mesmo descaracterizar um indivíduo de 70 anos como velho, ou até mesmo caracterizar outro indivíduo aos 50 anos como tal (MARTINS et al., 2007).

O envelhecimento é antes um estado próprio do ser humano idoso que apresenta especificidades socioeconômicas, culturais, ambientais, individuais e/ou coletivas, segundo épocas e lugares, e apresenta-se em cada ser humano de modo singular e único (BRASIL, 2006a; MARTINS et al., 2007; MACHADO, 2007; ALENCAR; CARVALHO, 2009; ALVES; VIANNA, 2010).

No Brasil, para fins de levantamentos demográficos, considera-se como idoso aquele indivíduo com idade a partir de 60 anos, corte definido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e posteriormente pelo *Estatuto do idoso*, (BRASIL, 2003; SOUZA JÚNIOR; KULLOK; TELLES, 2006). Apesar disso, a PNSPI afirma que não se fica velho aos 60 anos, tendo em vista que o envelhecimento é um processo natural que ocorre ao longo de toda a experiência de vida do ser humano, por meio de escolhas e de circunstâncias (BRASIL, 2006a).

Além da caracterização do processo de envelhecimento, outro aspecto bastante enfatizado nos estudos refere-se à imagem sociocultural que se tem da velhice, estigmatizada pela existência de preconceitos e estereótipos (ALENCAR; CARVALHO, 2009; ALVES; VIANNA, 2010; LARANJEIRA, 2010; MENEZES; LOPES, 2012). O preconceito contra a velhice e a negação da sociedade quanto a esse fenômeno colaboram para a dificuldade de se pensar políticas específicas para esse grupo. Ainda há os que pensam que se investe na infância e se gasta na velhice (BRASIL, 2006a). Daí o cuidado que se deve ter na formação das novas gerações para que não absorvam o *ageism*, expressão que deriva do vocábulo inglês *age* ('idade') e designa 'os processos sociais de marginalização e de construção de estereótipos

pejorativos relativos à idade cronológica' (ALVES; VIANNA, 2010; LARANJEIRA, 2010).

Nesse sentido, Veras (2007) reforça necessidade desse cuidado ao considerar que, à desinformação, ao preconceito e ao desrespeito aos cidadãos da terceira idade, se somam a precariedade de investimentos públicos para atendimento às necessidades específicas da população idosa, a falta de instalações adequadas, a carência de programas específicos e mesmo de recursos humanos, seja em quantidade, seja em qualidade.

Outros autores referem que as políticas públicas devem contemplar o envelhecimento saudável da população, com investimentos econômicos e sociais contínuos e duradouros que envolvam todas as gerações de cidadãos, para que a educação gerontológica seja uma realidade capaz de mudar o atual quadro de discriminação e preconceito contra os idosos (ALVES; VIANNA, 2010). Este problema não se vincula apenas ao olhar dos demais grupos etários, mas também ao posicionamento dos idosos na sociedade. Os idosos procuram parecer e agir como os jovens para ser valorizados, perdendo toda noção de inserção social e dignidade nesta fase da vida (KALACHE, 2008). Atitude oposta ocorre nas sociedades não ocidentais, em que se verifica uma imagem bastante diferente, pois o envelhecimento é considerado de forma positiva e os idosos são respeitados pela sabedoria e não precisam camuflar-se para esconder sua idade com receio da associação da velhice à decrepitude, à senilidade e à decadência, tão presente no mundo ocidental (SOUSA JÚNIOR; KULLOK; TELLES, 2006).

Tal fato talvez aconteça porque esta sociedade tem dado muita ênfase à aparência física e à imagem visual, que é um dos elementos fundamentais que estimula a cultura do consumo. Assim, o velho é estimulado, nos meios de comunicação, com imagens que reforçam a necessidade de manter, nesta fase da vida, sua juventude, vitalidade e atividade (MENEZES; LOPES, 2012).

Nesse contexto, os idosos tornam-se consumidores e inserem-se cada vez mais no mercado, buscando novas alternativas para manter-se nesta sociedade capitalista. Desse modo, as políticas precisam preocupar-se, também, em inserir estes idosos no mercado de trabalho, na educação, na capacitação profissional, para que tenhamos, no

futuro, idosos ativos e economicamente participantes, gerando renda ao invés de despesas o que, de alguma maneira, construiria, junto a eles e à população, uma outra concepção de velhice (ANDRADE et al., 2012).

No entanto, a desigualdade socioeconômica do nosso país, atrelada ao rápido processo de envelhecimento populacional, configura uma realidade bastante desigual para os idosos (PAIVA; WAJNMAN, 2005). É na situação de classe que se verifica a marcante diferença entre as circunstâncias como se dá o envelhecimento, ou seja, em cada classe social esse processo assume características diferentes (MACHADO, 2007). Nas classes mais altas, encontramos idosos saudáveis, participativos e conscientes das leis que existem para sua proteção. Nas classes mais pobres, numa mesma sociedade, encontramos idosos dependentes, doentes e marginalizados, incluindo aí a grande maioria da população idosa no Brasil (SOUZA JÚNIOR; KULLOK; TELLES, 2006; CAMARGOS; MENDONÇA; VIANA, 2006).

Esta desigualdade, atrelada ao processo de dependência vivenciado, na maioria dos casos, por idosos carentes, mostra a necessidade de a sociedade preparar-se, através de reformas institucionais na área da seguridade social, para a inerente necessidade de aposentar-se na última fase da vida, bem como para a carência de assistência pública à saúde que predomina na população idosa, que também eleva os custos fiscais da sociedade em que vivemos (WONG; CARVALHO, 2006).

Desta maneira, concluímos com o pensamento de Kalache (2008), Paiva e Wajnman (2005) de que o caminho seria repensar a aposentadoria, de modo a fortalecer as pensões públicas com a contribuição de parceiros sociais, encorajar a poupança privada e sistemas privados de pensão e oferecer oportunidades para a continuidade da vida de trabalho e emprego – desde que sistemas de proteção social para os mais pobres e excluídos sejam prioridades explícitas das políticas sociais.

## 2.2 POLÍTICAS PÚBLICAS E DE SAÚDE PARA OS IDOSOS

A PNI, a PNSPI, e o *Estatuto do idoso* são dispositivos que norteiam ações sociais e de saúde, garantem os direitos das pessoas idosas e obrigam o Estado a sua proteção. Porém, sabemos que a efetivação de uma política pública requer atitude consciente, ética e cidadã dos envolvidos e interessados em viver envelhecendo de modo mais saudável possível, em que o Estado, profissionais da saúde, idosos e sociedade em geral sejam corresponsáveis por esse processo (MARTINS et al., 2007).

A nova realidade demográfica e epidemiológica do nosso país aponta para a urgência de mudanças dos paradigmas de atenção à saúde da população idosa e reclama estruturas criativas, com propostas de ações diferenciadas a fim de que o sistema ganhe efetividade, e o idoso possa usufruir integralmente os anos proporcionados pelo avanço da ciência (VERAS, 2007).

A pessoa idosa não necessita da totalidade de sua reserva funcional para viver bem e com qualidade e não deve ser considerada como doente, pois as doenças mais comuns nessa etapa da vida são passíveis de prevenção, diagnosticáveis e tratáveis (MARTINS et al., 2007; KALACHE, 2008). À medida que as tendências demográficas se aceleram, há um aumento na prevalência de doenças crônicas, o que acarreta a urgência de priorizar a prevenção em todos os países. No entanto, apesar de preconizar suas prioridades para atenção básica, o Sistema Único de Saúde (SUS) é orientado pelo imediatismo, com ênfase no cuidado agudo e não na prevenção e no cuidado crônico (KALACHE, 2008; CAMACHO; COELHO, 2010).

Soma-se a isto, a inclusão da Geriatria e da Gerontologia como especialidades imprescindíveis para a prestação de assistência, inclusive com a determinação da realização de concursos públicos com a finalidade de inserir esses profissionais em equipes para que se pudessem realizar as primeiras ações de saúde em nível social com vistas ao atendimento dessas populações (CAMARGOS; MENDONÇA; VIANA, 2006).

No âmbito da saúde, a PNI (BRASIL, 1994), destaca em seu Capítulo IV a necessidade de:

garantir ao idoso a assistência à saúde, nos diversos níveis de atendimento do SUS; prevenir, promover, proteger e recuperar a saúde do idoso, mediante programas e medidas profiláticas; adotar e aplicar normas de funcionamento às instituições geriátricas e similares, com fiscalização pelos gestores do SUS; elaborar normas de serviços geriátricos hospitalares; desenvolver formas de cooperação entre as Secretarias de Saúde dos Estados, do Distrito Federal, e dos Municípios e entre os Centros de Referência em Geriatria e Gerontologia para treinamento de equipes interprofissionais; incluir a Geriatria como especialidade clínica, para efeito de concursos públicos federais, estaduais, municipais e do Distrito Federal; realizar estudos para detectar o caráter epidemiológico de determinadas doenças do idoso, com vistas a prevenção, tratamento e reabilitação; criar serviços alternativos de saúde para o idoso[...]

Nesse contexto, destacam-se os avanços nos estudos que vêm sendo desenvolvidos no campo da enfermagem gerontogeriatrica, que se caracteriza como uma especialidade da enfermagem que, no Brasil, vem se organizando recentemente para se constituir num corpo de conhecimentos específicos, aliado a um conjunto razoável de habilidades práticas apropriadas já acumuladas pela experiência (GONÇALVES; ALVAREZ, 2004; SANTOS, 2010). A enfermagem imbuída dessa visão holística do ser humano desenvolve suas atividades profissionais junto ao cliente idoso de modo pontual em aspectos específicos de sua competência. Entretanto, atua sempre cooperativamente com os demais membros da equipe multiprofissional da gerontogeriatrica, com vistas ao fim comum, o atendimento (cuidado) eficiente que resulte em melhor bem-estar e em maior qualidade de vida do cliente idoso e de seus familiares cuidadores (GONÇALVES; ALVAREZ, 2004).

Posteriormente, é proposta a organização e a implantação de redes estaduais de assistência à saúde do idoso, criadas pela portaria nº 702/SAS/MS (BRASIL, 2002a), tendo como base as condições de gestão e a divisão de responsabilidades definida pela *Norma operacional de assistência à saúde* (NOAS) e, como parte de operacionalização das redes, são criadas, pela portaria nº 249/SAS/MS - (BRASIL, 2002b), as normas para cadastramento de centros de referência em atenção à saúde do idoso.

Após algumas tentativas de fornecer atenção integral e específica a população idosa, surgem, por meio da portaria nº 399/GM (BRASIL, 2006b) as *Diretrizes do pacto pela saúde* que contemplam o *Pacto pela vida*, em que é afirmada a necessidade de enfrentamento dos desafios impostos por um processo de envelhecimento ora caracterizado por doenças e/ou condições crônicas não transmissíveis, porém passíveis de prevenção e controle, e por incapacidades que podem ser evitadas ou minimizadas (BRASIL, 2003; MARTINS et al., 2007).

Em outubro de 2006, o Ministro da Saúde, considerando que são muitas as questões que acompanham o envelhecimento da população, revoga a *Política nacional de saúde do idoso* (PNSI) e, com base no *Estatuto do idoso*, que fortalece ações para garantir à pessoa idosa proteção à vida e à saúde, aprova a PNSPI, a qual assume que o principal problema que pode afetá-lo, em consequência da evolução de suas enfermidades e de seu estilo de vida, é a perda de sua capacidade funcional – definida como perda das habilidades físicas e mentais necessárias à realização de suas atividades básicas e instrumentais diárias (BRASIL, 1999, 2003, 2006a).

Apesar do desenvolvimento e das mudanças nas políticas públicas para amparar de forma adequada o idoso, há ainda a necessidade de uma reorientação dos serviços de saúde, investindo-se principalmente na atenção básica com discussões de estratégias preventivas e de promoção à saúde (ANDRADE et al., 2012). Os modelos vigentes de atenção ao idoso têm se mostrado pouco adequados, e até mesmo inviáveis, em função do atendimento à demanda desta clientela, talvez pelo fato de que o SUS foi implantado com a prioridade de atender às demandas materno-infantis e, hoje, não consegue atender às exigências do manejo das doenças crônicas não transmissíveis e às incapacidades que acompanham o envelhecimento (VEIGA; MENEZES, 2008; ALENCAR; CARVALHO, 2009; CAMACHO; COELHO, 2010).

Por outro lado, os autores acima citados também consideram que os profissionais de saúde, principalmente aqueles que atuam na rede de atenção básica, devem ser alvo de treinamento e capacitação continuados para se adequarem às necessidades da população idosa.

Para assistir aos usuários dos serviços de saúde e, de forma especial, aos idosos que buscam atendimento, o profissional precisa agir com a intenção de fazer o bem ao assistido, buscar nunca causar o mal, dispensar a todos um tratamento adequado dentro das possibilidades de cada serviço e respeitar a vontade do assistido (MARTINS; MASSAROLLO, 2010).

Um modelo de atenção à saúde do idoso que pretenda apresentar efetividade e eficiência precisa aplicar todos os níveis da prevenção e possuir um fluxo bem desenhado de ações de educação, de promoção à saúde, de prevenção de doenças evitáveis, de postergação de moléstia e de reabilitação de agravos (VERAS, 2009).

Assim, observa-se, por intermédio do senso comum, que até o momento não ocorreu uma mobilização relevante do setor saúde frente ao contexto assistencial, fato que ocorre possivelmente em decorrência da incipiência das políticas, assim como da adesão, ainda inexpressiva, dos profissionais e das estruturas que se ocupam do atendimento à pessoa idosa (CAMARGOS; MENDONÇA; VIANA, 2006).

Enfim, comparando o sistema brasileiro às novas propostas voltadas para a preservação da capacidade funcional desenvolvidas internacionalmente, outra pesquisa conclui que um foco inovador e criativo deve ser dirigido ao cuidado do idoso e aos que têm doença crônica, que são os que mais sofrem os efeitos de sua própria fragilidade e os que mais demandam serviços de saúde (VERAS, 2012).

Desse modo, os programas sociais e de saúde devem buscar responder à necessidade premente de desmistificar os preconceitos a respeito da velhice, ancorados na moderna ciência do envelhecimento, para a construção de condições socioculturais propícias para uma velhice digna e prazerosa, para que possamos construir um país constituído de cidadãos, pessoas incluídas e acolhidas em políticas sociais e de saúde, não importando sua faixa etária (MARTINS et al., 2007).

### 2.3 O CONHECIMENTO DO VELHO CIDADÃO: PARTICIPAÇÃO EM GRUPOS DE CONVIVÊNCIA

Diante das características peculiares que envolvem o processo de envelhecimento e suas inerentes demandas em todos os campos, é necessário que haja uma focalização neste grupo social, para que eles sejam percebidos como uma parcela da população que, ao invés de apenas necessitar da preservação de seus direitos, possa também exercer seus deveres e lutar contra todas as iniquidades referentes a sua não-efetivação. É necessário conduzir os idosos para uma imagem sábia da velhice, para que eles possam assumir seu papel na sociedade e configurarem-se como atores, atuantes do sistema político, social e econômico (ANDRADE et al., 2012).

Para Souza Júnior, Kullok e Telles (2006), precisamos partir da análise de que os idosos estão se tornando uma parcela significativa da população, com o potencial de influenciar a vida política do país, seja com o seu voto seja por se fazer representar em diferentes instâncias da sociedade. Portanto, não podem ter negligenciado seu papel social, configurando-se em uma nova “categoria sociocultural” relevante.

A participação social já é marcante na legislação brasileira desde a CF (1988), que trata, no capítulo II, *Da seguridade social*, artigo 194, que esta organização deve-se basear no “caráter democrático e descentralizado da gestão administrativa, com a participação da comunidade, em especial de trabalhadores, empresários e aposentados” (TELLES, 2010, p. 2669). Desse modo, o texto constitucional assegura sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida como fundamentos do Estado Democrático de Direito (CIELO; VAZ, 2009).

A inclusão da pessoa idosa é tratada, ainda, na PNI, cujo principal objetivo era garantir os direitos sociais das pessoas idosas promovendo sua independência e inserção social (CAMARGOS; MENDONÇA; VIANA, 2006; CIELO; VAZ, 2009). Esta mesma lei previa a criação do Conselho Nacional do Idoso e fazia referência aos conselhos estaduais e municipais e do Distrito Federal, com um conjunto de ações governamentais que deveriam implementar as políticas para a pessoa idosa em várias áreas, como assistência social, habitação, saúde, educação, cultura, lazer e previdência

social (BRASIL, 1994; TELLES, 2010). Mais adiante, a regulamentação do Conselho Nacional de Direitos do Idoso (CNDI) foi feita através do decreto de nº 4.227, de 13 de maio de 2002, pelo então presidente da República, Fernando Henrique Cardoso (TELLES, 2010).

Desde então, tanto o CNDI quanto os conselhos estaduais têm buscado estratégias de mobilização social e de participação efetiva nas políticas públicas. De um problema social, a questão da população idosa passa, gradativamente, a ser tratada no âmbito dos direitos de cidadania que hoje constituem-se como uma das maiores conquistas da pessoa idosa em nosso país (TELLES, 2010; CIELO; VAZ, 2009).

No entanto, ainda assim, existe um abismo entre a lei e a realidade dos idosos no Brasil, considerando que a sociedade só será ética, quando reconhecer o potencial de seus membros idosos, quando lutar para que o direito os reconheça como cidadãos e, finalmente, quando todos os idosos tiverem sua cidadania reconhecida e garantida. Só assim, estará conquistando o nosso próprio espaço no futuro e resguardando, para nós mesmos, um envelhecimento digno (CIELO; VAZ, 2009).

Além dos direitos contemplados na CF e na PNI, temos ainda, entre outros, a *Lei orgânica da assistência social* (LOAS), lei nº 8.742/93, a PNSI e o *Estatuto do idoso* que estabelecem diversos princípios federais previstos para contemplar os idosos, como: direito à participação na comunidade, defesa da sua dignidade, bem-estar e do direito à vida; direito à prestação alimentícia, direito à igualdade; gratuidade no transporte coletivo; direito do idoso a ser amparado pela família; direito à informação sobre o processo de envelhecimento; direito à previdência e assistência social, direito à reserva de assentos nos transportes coletivos e às prioridades relativas à saúde, educação, esporte, lazer e cultura (MOIMAZ et al., 2009).

Desse modo, percebemos que o caminho, contudo, não é nebuloso ou desconhecido. Bastaria que houvesse, por parte da família, da sociedade e do Estado, um compromisso de implantar uma vida digna para todos os cidadãos (CIELO; VAZ, 2009). Tudo realmente começa com a efetivação do princípio da dignidade humana (CAMARGOS; MENDONÇA; VIANA, 2006).

Para isso, contamos com diversos movimentos sociais que se manifestam por meio de grupos de convivência e associações. O convívio em grupos de convivência ou de idosos é um espaço importante para desencadear, tanto na pessoa idosa quanto na comunidade, uma mudança comportamental diante da situação de preconceito que existe nesta relação (RIZZOLI; SURDI, 2010).

O histórico dos grupos de convivência de idosos brasileiros remonta à década de 1970, quando o Serviço Social do Comércio (SESC) iniciou um programa para a terceira idade. Desde então, os grupos de convivência de idosos vêm proliferando em clubes, paróquias, associações comunitárias, centros de saúde e instituições de ensino superior (BRITO; RAMOS, 2000; GARRIDO; MENEZES, 2002; BARRETO et al., 2003; ARAUJO; CARVALHO, 2004; VERAS; CALDAS, 2004).

Esses grupos realizam atividades variadas, de cunho recreativo, cultural, social, educativo e de promoção da saúde. Em pesquisa realizada em Minas Gerais, Borges et al. (2008) relataram que os idosos que participam de grupos de convivência são, em sua maioria, de baixa renda, independentes para deambulação e para as atividades da vida diária e atividades instrumentais do dia-a-dia, e relatam satisfação com seus relacionamentos sociais. Em outra pesquisa, Rizzoli e Surdi (2010) constataram que as mudanças proporcionadas pelos grupos atingiram principalmente os fatores que se relacionam com a questão da saúde, sendo que muitos idosos relataram que, antes de frequentar os grupos, viviam com dores que os impossibilitavam de realizar atividades comuns da vida diária. As atividades proporcionadas pelos grupos auxiliaram muito para que os idosos deste estudo pudessem obter um estilo de vida mais saudável e, conseqüentemente, uma melhora na qualidade de vida.

No entanto, apesar das inúmeras vantagens proporcionadas pela inserção nos grupos de convivência, alguns autores afirmam que existe um preconceito em relação ao movimento da terceira idade vinculado a seu caráter sociocultural e de lazer, não reconhecendo as possibilidades abertas aos idosos de vivenciarem experiências de desenvolvimento pessoal e descoberta de uma nova maneira de viver com mais autonomia e liberdade (CAMARGOS; MENDONÇA; VIANA, 2006; MOIMAZ et al., 2009).

Assim, em pesquisa realizada com idosos participativos de associações e conselhos da terceira idade, Machado (2007), verificou que, quando foram inquiridos a respeito do desinteresse por tornar visível ao Estado e à sociedade, por meio de ações políticas, a sua situação de abandono e carência, responderam prontamente que não acreditavam que as coisas pudessem mudar e que em nosso país não adianta falar porque os pobres e sem poder não são ouvidos. Optavam, portanto, por atividades de convivência social, práticas culturais e de lazer, buscando formas de viver os anos que lhes restam com mais alegria e companheirismo, bem como, de ampliar e construir o conhecimento sobre a pessoa idosa, de discutir as políticas públicas e seus direitos de cidadania (ALENCAR; CARVALHO, 2009).

Nesse contexto, Paiva e Wajnman (2005), consideram que as decisões de políticas públicas quase sempre decorrem de pressões da sociedade, quer mediante manifestações no Poder Legislativo, quer através da mídia, quer, ainda, por meio da mobilização da sociedade organizada e, no caso dos idosos, por meio da participação em grupos de convivência. O autor afirma ainda que o grande problema é que as mudanças para um envelhecimento digno são processuais e demandam algum tempo, de modo que é mais comum a população se mobilizar por questões cujos efeitos sejam sentidos de imediato.

Falar em mobilização social e exercício de cidadania recai, portanto, no contexto sociocultural no qual o idoso foi inserido ao longo de sua vida. É sabido que os idosos presentes em grupos de convivência e na população em geral são, em sua maioria, mulheres, ex-donas de casa que tiveram pouco ou nenhum acesso à educação. Hoje, fazem parte da maioria dos movimentos sociais, no entanto, não foram educadas politicamente para desenvolverem o exercício de sua cidadania e a efetivação dos seus direitos.

Os estudiosos têm apontado para a necessidade de inserção da educação gerontológica desde a infância, até com os próprios idosos. A educação busca vislumbrar as imensas possibilidades, num movimento orgânico de ação-reflexão, de trocas, de *empowerment* ('capacitação'), de inclusão, de transformação incorporadas ao dinamismo da vida individual e coletiva, conscientizando-os quanto à sua

participação ativa na sua comunidade (ALENCAR; CARVALHO, 2009; ALVES; VIANNA, 2010; LARANJEIRA, 2010; SANTOS, 2010).

Alguns consideram a necessidade de políticas públicas educacionais efetivas, que possibilitassem o exercício da cidadania pelo idoso e de seu papel social na construção do conhecimento, de atitudes e valores que possam tornar a sociedade mais solidária, crítica e participativa, propiciando um espaço de convivência social que favoreça a inclusão de todas as pessoas, de modo que eles possam encenar a vida em sociedade, como protagonistas e não como espectadores (ALVES; VIANNA, 2010; LARANJEIRA, 2010).

No entanto, a importância da educação se dá não só para os trabalhadores que cuidarão dos seres humanos idosos, mas para os próprios idosos e para a sua família. Acreditamos que esta parece ser uma saída para se trabalhar melhor os estigmas que a sociedade e o próprio idoso insistem em assumir em relação à velhice. Não é qualquer educação direcionada aos idosos que vai trazer transformações necessárias para que o idoso e a sociedade mudem de atitude. Há possibilidade de uma educação permanente, planejada com base em um alicerce de equilíbrio dinâmico entre a sua imanência e a sua transcendência e os grupos de convivência devem ser espaços que facilitem a construção desse processo educacional (SANTOS, 2010).

Sabendo da impossibilidade de concluir esta discussão faz-se necessário citar Telles (2010). O autor afirma que, quanto aos avanços e às conquistas institucionais na esfera dos direitos sociais da população idosa brasileira, a presente década tem se apresentado como um período de criação, articulação, integração e consolidação de planos e redes de proteção e de garantia dos direitos das pessoas idosas, entretanto, ainda existem lacunas importantes nas políticas implantadas no país que merecem destaque e atenção por parte, principalmente, do movimento social.

O Brasil começa então a se preocupar com essas questões e, após o período de redemocratização social e incorporação da CF (1988), algumas leis vêm sendo implantadas na tentativa de suprir as novas necessidades da tendência mundial e urgência nacional: o envelhecimento. Para muitos esta palavra arrasta uma série de fatores depreciativos e socialmente descartáveis. No entanto, o que se pretende mudar

definitivamente é que este preconceito continue circulando numa sociedade que daqui a alguns anos terá quase que 30% da sua população composta por idosos.

O conjunto de políticas, considerada no todo, estatutariamente, marca um compromisso nacional com o fortalecimento da democracia e dos direitos humanos, por intermédio do reconhecimento explícito do respeito às diversas idades. Trata-se, portanto, de afirmar o compromisso constitucional e democrático de tratamento dos cidadãos idosos, sem distinções fundadas em preferências de gerações etárias: fortalece-se o respeito a todos os homens e mulheres.

As políticas para idosos no Brasil devem seguir em consonância com a realidade de nosso país e primar sempre para uma política de estar saudável, seja biológica, psicológica ou socialmente.

É necessário incentivar nesta população a consolidação de um movimento novo, um movimento capaz de colocar questões relacionadas à vida de todos os idosos, apontar diferenças impostas pelas aposentadorias, pelos serviços de saúde, pela dificuldade de acesso à cultura e à educação, pela falta de respeito nos transportes, enfim um movimento capaz de construir, efetivamente, outra identidade para os velhos, mostrando ao Estado e à sociedade que podem desempenhar papéis sociais até o fim de suas vidas, sendo produtivos e mais felizes. Participando da política, das universidades abertas, dos grupos de convivência, dos fóruns, dos conselhos e associações de aposentados, dançando, namorando, viajando, fazendo teatro, canto, artes plásticas, enfim, vivendo a vida plenamente, trazendo à política para um novo patamar e exercendo a cidadania plena.

### **3 REFERENCIAL TEÓRICO-FILOSÓFICO: A NOÇÃO DE CORPO SOB A PERSPECTIVA MERLEAU-PONTYANA**

O mundo fenomenológico não é a explicitação de um ser prévio, mas a fundação do ser; a filosofia não é o reflexo de uma verdade prévia mas, assim como a arte, é a realização de uma verdade (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 19).

A matriz teórica fundamental do pensamento de Maurice Merleau-Ponty é a fenomenologia de Edmund Husserl, da qual ele foi um dissidente. Por isso, a apresentação do referencial teórico-filosófico desta pesquisa precisa ser precedido por uma breve introdução à fenomenologia husserliana.

#### **3.1 DA FENOMENOLOGIA DE EDMUND HUSSERL À ONTOLOGIA DA EXPERIÊNCIA MERLEAU-PONTYANA**

A fenomenologia surge a partir da percepção de Edmund Husserl de que o conhecimento científico encontrava-se em crise. Na sua concepção, a ciência se criou na perspectiva de buscar a unidade dos fenômenos, conforme pensavam os gregos. Mas, como seria compreender essa unidade? A ciência não poderia continuar especializando-se e deixando de lado a sua essência, o seu caráter universal. Nesse contexto, o surgimento da fenomenologia consiste na tentativa de retornar ao ideal clássico de ciência, de entender a unidade do fenômeno, aquilo que se diz dos entes. Ela tinha como perspectiva tornar-se uma ciência rigorosa, um método fenomenológico que possibilitasse investigar a consciência como núcleo da unidade do discurso científico e da unidade da existência (HUSSERL, 2002; SENA, 2006).

Até o século XVI, o conhecer, sustentado pela tradição grega, tinha a ver com uma comunidade entre o corpo e o mundo, e essa comunidade só seria possível através dos sentidos (SENA et al., 2011). A partir do século XVII, com a instalação da racionalidade moderna e o desenvolvimento das ciências da natureza, quando surgem os instrumentos de observação, passa a ocorrer uma relativização da percepção sensível e, nesse sentido, o modelo clássico de ciência entra em crise (SENA, 2006).

As impressões, atualizadas no corpo pelos sentidos, passam a ser apanhadas pelos instrumentos de geometria analítica (MOURA, 2001; MÜLLER-GRANZOTO, 2004).

Desse modo, durante muitos anos, o conhecimento tem sido concebido sob duas óticas: a objetivista e a subjetivista. A primeira, originada por Galileu, acreditava que o conhecimento estava nos objetos da natureza, nas coisas em si e na tecnologia; a segunda, defendida por René Descartes, não concebia, como os objetivistas, que houvesse um real fora da representação, portanto, o conhecimento não poderia ser apenas a representação desse real. Para ele, mais importante do que representar a natureza era investigar o processo de representação ou o conhecimento (MÜLLER-GRANZOTTO, GRANZOTTO, 2003; SENA, 2006). No entanto, ambos convergiam em um aspecto: acreditavam que o conhecimento tinha lócus definido: ou no sujeito psicofísico (subjetivismo psicologista) ou nos objetos da natureza.

É nesse dualismo que a fenomenologia ganha destaque como alternativa de superação, caracterizando-se como um novo olhar em relação à produção do conhecimento, aquele que o concebe como resultado da relação dialógica, da intersubjetividade (MERLEAU-PONTY, 2011).

Para entender as particularidades, aplicações e potencialidades deste método faz-se necessário retornar ao conceito mais aproximado de *fenômeno*. Na visão de Moustakas (1994, p. 26), *fenômeno* significa “o que aparece na consciência, ou seja, trazer à luz, colocar sob iluminação, mostrar-se a si mesmo em si mesmo, a totalidade que se mostra diante de nós [...]”. Cabe complementar que o fenômeno é algo que acontece e se faz ver independentemente de nossa vontade.

A fenomenologia não se define etimologicamente como “o estudo dos fenômenos objetivos”, mas significa a maneira como acontece o conhecimento, como aparecem os vividos e não como eles são. “Trata-se de descrever aquilo que se mostra à percepção, não de explicar ou analisar” fatos que ocorrem na realidade (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 3). Consiste, portanto, em reconhecer naquilo que se mostra algo que nos seja próprio. Para tanto, fala-se em descrições de vivências essenciais como uma filosofia que repõe as essências na existência, e que se mostra como fenômeno, conforme afirma Merleau-Ponty em sua obra *Fenomenologia da percepção* (2011, p.1):

a fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Buscar a essência da percepção é declarar que a percepção é não presumida verdadeira, mas definida por nós como acesso à verdade. Mas a Fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua “facticidade”. É uma filosofia transcendental que coloca em suspenso, para compreendê-la, as afirmações da atitude natural, mas é também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre “ali”, antes da reflexão, como uma presença inalienável [...].

Mais precisamente, a fenomenologia passa a ser divulgada no início do século XX com a obra *Investigações lógicas*, de Edmund Husserl (1859-1938). Para o autor, a fenomenologia é uma forma totalmente nova de fazer filosofia, deixando de lado especulações metafísicas abstratas e entrando em contato com as “próprias coisas”, dando destaque à experiência vivida (SERRA, 2009).

Em seus estudos com o psicólogo Franz Brentano, Husserl aprende algo que é fundamental para sua filosofia: a teoria da intencionalidade, a partir da diferença entre fenômenos físicos e fenômenos psíquicos (BRENTANO, 1994). Esta teoria constitui a base fundamental de toda a história da fenomenologia, desde Husserl às suas derivações até a fenomenologia da expressão de Merleau-Ponty que se pretende trabalhar neste estudo (SENA, 2006).

A teoria brentaniana tenta explicar o processo de como acontece o conhecimento, referindo-se primeiramente à intencionalidade como um fenômeno psíquico que não demanda deliberações corticais superiores, como é o caso dos sentimentos. Brentano ainda acreditava que esse todo espontâneo proporciona orientação objetiva aos atos superiores: o conhecimento, como processo perceptivo, era entendido como resultado da intencionalidade, ocorrendo no interior do corpo, como propriedade de um ego psicofísico (MÜLLER-GRANZOTTO; GRANZOTTO, 2003).

Husserl compartilhava as ideias de Brentano no sentido de que o conhecimento parte de um ato intuitivo primário que preenche um ato indicativo, mas divergia no momento em que percebe que Brentano não conseguia responder em que sentido este conhecimento torna-se universal. Desse modo, ele atualiza a visão de Brentano ao trazer a intencionalidade como processo de identificação reflexiva, mostrando como o

fenômeno se faz ver, chega à consciência e posteriormente torna-se universal, configurando-se como uma terceira característica à teoria da intencionalidade (SENA, 2006).

Husserl reconhece que existe uma unidade a partir da reunião dos atos intuitivos (intuitivo primário) e categoriais (ato indicativo) que, ao se constituírem como essências ou objetos intencionais, têm a capacidade de reconhecer ou identificar algo que tenha ou não a ver consigo. Esta terceira característica, Husserl vai chamar *corpo* e, mais tarde, Merleau-Ponty a retoma, enfatizando a noção de *corpo próprio* (HUSSERL, 1983; MERLEAU-PONTY, 2011).

Na tentativa de desconstruir a ideia de consciência psicofísica como espaço geográfico, Husserl utiliza a noção de campo, como uma organização espontânea de vários vividos, que flui no tempo e que só conseguimos produzir na relação. Os vividos não constituem lembranças históricas guardadas dentro de nós, são mais do que isso, são uma experiência intuitiva que muda a cada segundo a partir da nossa posição no mundo, sendo sempre atual. Retomamos uma vivência que é sempre modificada, construímos um novo que se mostra sempre em perfil como reflexo de um espelho.

Assim, o filósofo introduz o sentido de temporalidade, em que a noção de campo é substituída pela noção de consciência como um processo temporal que corresponde à forma originária da intencionalidade operativa. Mais tarde, Merleau-Ponty desenvolve a noção de coexistência a partir da ideia husserliana de temporalidade em que, a todo o momento, através da experiência perceptiva, contraímos no presente um horizonte de passado e outro de futuro, constituindo uma vivência de campo ou vivência do *corpo próprio* (MERLEAU-PONTY, 2011). Esta seria a ideia de campo fenomenal ou mundo da vida, no qual estamos inseridos como ambiguidades (SENA, 2006; SENA et al., 2010; SENA et al., 2011).

Numa visão merleau-pontyana (2011, p. 558), em que “o tempo não é uma linha, mas uma rede de intencionalidades”, percebemos que o sonho dos filósofos é “conceber uma ‘eternidade de vida’ para além do permanente e mutante” e, “se devemos encontrar uma espécie de eternidade, será no coração de nossa experiência do tempo e não em um sujeito intemporal que estaria encarregado de pensá-lo e de pô-lo”.

Neste trabalho quando nos ocupamos em descrever a percepção dos idosos sobre o exercício da cidadania, as falas dos idosos traduzem uma generalidade, ou seja, a percepção consiste vivências essenciais com as quais os idosos que compõem os grupos de convivência se identificam.

Desse modo, o conhecimento passa a ser compreendido a partir da intersubjetividade, como afirma Merleau-Ponty (2011, p. 89-90):

[...] o primeiro ato filosófico seria então retornar ao mundo vivido aquém do mundo objetivo, já que é nele que poderemos compreender tanto o direito como os limites do mundo objetivo, restituir à coisa sua fisionomia concreta, aos organismos sua maneira própria de tratar o mundo, à subjetividade sua inerência histórica, reencontrar os fenômenos, a camada de experiência viva através da qual primeiramente o outro e as coisas nos são dados, o sistema “Eu-outro-as coisas” no estado nascente.

Merleau-Ponty, seguindo a tradição fenomenológica de Edmund Husserl, desenvolveu seu pensamento com ênfase no conceito ser-no-mundo, buscando compreender a experiência do mundo vivido e sua expressão por meio do *corpo próprio* (MÜLLER-GRANZOTO, 2001). Para o autor, o *corpo próprio* deve ser entendido como “um todo de significações vividas que vai em direção ao seu equilíbrio” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 154), e tudo o que é percebido como uma figura sobre um fundo faz parte de um campo, sendo inconcebível a ideia de percepção pura, ou seja, ao figurarmos uma paisagem jamais teremos percepções pontuais, “o todo se faz visão e forma um quadro diante de nós” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 10). É por percebermos esse todo que a atitude compreensiva pode, posteriormente, identificar semelhanças ou contiguidades e não o contrário (MERLEAU-PONTY, 2011). Contudo, o mundo permanece transcendente e, portanto, a consciência não é imanente a ele, mas se dirige a ele e, desse modo, o corpo e a consciência dependem um do outro (JOSGRILBERG, 2007; TERRA et al., 2009).

No pensamento de Merleau-Ponty, a palavra transcendental indica que a reflexão não conduz jamais a uma visão completa do fenômeno intencionado, mas apenas a visões parciais (MERLEAU-PONTY, 2011). No entanto, o mundo transcendental é o *fundo* que possibilita o conhecimento (JOSGRILBERG, 2007). Toda percepção, portanto, é incompleta e esse grau de indeterminação está presente

tanto na percepção quanto na ciência. A qualidade do objeto percebido está para a consciência e não na consciência. É enganoso, porém, crer que o sentido dado às qualidades percebidas seja pleno e determinado, pois o ser humano é fator de ambiguidade na existência do mundo. Portanto, “precisamos reconhecer o indeterminado como um fenômeno positivo” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 12).

Assim, entendemos que o mundo existe para tudo que se movimenta nele e para ele: enfim, trata-se de um campo fenomenal onde tudo é visto em perfil, um campo não exclui outro campo como a consciência o faz, ao contrário, tende a ampliar-se, pois estabelece a abertura pela qual somos expostos ao mundo de coexistências (SENA, 2006).

Em relação à experiência do outro este se fundamenta na compreensão husserliana, segundo a qual, se eu quero saber que é o outro que me abre possibilidades, só posso fazê-lo se interrogá-lo, pois, através da resposta a esta interrogação eu obtenho uma compreensão concreta e posso compartilhá-la. Desse modo, compreender o outro ou fazer fenomenologia não é afastar-me das relações, pelo contrário, somente quando eu vou para a ação, quando eu me aproximo do outro é que percebo algo que nos é comum, universal (HUSSERL, 1983; SENA, 2006; MERLEAU-PONTY, 2011).

Por fim, para o autor, o ego transcendental é toda uma identidade que se constrói, à medida que sou uma possibilidade ao outro e o outro o é para mim. Nesse momento, experimentamos uma unidade no campo intersubjetivo que constitui o corpo e mostramos que o conhecimento acontece na relação, ou seja, ele não está nem no objeto, nem no sujeito, mas na intersubjetividade.

Nessa perspectiva, percebemos que diversos estudos vêm sendo desenvolvidos utilizando a abordagem fenomenológica e a ontologia da experiência de Merleau-Ponty como referencial para dar sustentação à produção de conhecimentos no campo da saúde, em especial na área de enfermagem (MERIGHI; GOLÇALVES; FERREIRA, 2007; TERRA et al., 2009; TERRA et al., 2006; SENA et al., 2010; TERRA et al., 2010).

Desse modo, consideramos que esta abordagem fenomenológica constitui a fundamentação teórica mais adequada para a descrição da maneira como acontece a percepção dos idosos quanto ao exercício da cidadania. Tal escolha decorre da convicção de que esta é uma tarefa prática, que se dá a todo o momento, como um processo de constante vir a ser e que, por sua vez, os idosos passam a vivenciá-la numa fase em que experimentam sensações corporais ambíguas pelo fato de o seu corpo representar a vida e suas possibilidades infinitas e, ao mesmo tempo, proclamar a morte futura e a finitude existencial.

Assim, acreditamos que, ao trazer a compreensão do corpo como um espaço expressivo, com capacidade “para desenvolver totalidades que nenhuma de nossas partes pode esgotar”, tentaremos restaurar o valor ontológico da experiência de ser cidadão integrante de grupos de convivência, lembrando que é na relação do ser humano com o mundo que acontece a experiência do corpo consigo mesmo pela percepção, sensação e ação (TERRA et al., 2010).

Para tanto, faremos uma breve descrição fundamentada na obra *Fenomenologia da Percepção* de Merleau-Ponty, buscando compreender a evolução de seu pensamento em direção à noção do “outro”, adentrando no tema da percepção que, para o filósofo, corresponde ao *corpo próprio*.

### 3.2 O CORPO PRÓPRIO E SUAS DIMENSÕES NA PERSPECTIVA MERLEAU-PONTYANA.

A partir da leitura de sua obra, percebemos que Merleau-Ponty não interpreta Husserl ao pé da letra, mas retoma o pensamento desse filósofo para desenvolver a noção de percepção. A fenomenologia não caminha, então, na direção da ciência, porque põe entre parênteses as informações científicas e não é, absolutamente, um retorno idealista. Ao afirmar que não há homem interior, Merleau-Ponty, além de transcender a perspectiva dualista que divide o homem em interior e exterior, nega o idealismo transcendental, que despoja o mundo de sua opacidade. Coloca a percepção como o fundo sobre o qual todos os atos liberam-se, ao mesmo tempo em que ela é pressuposta por estes. A percepção, para Merleau-Ponty, é o campo de revelação do

mundo, campo de experiência, e não como uma função psíquica, como pressupõe a psicologia clássica. Ela é o campo onde se fundem sujeito e objeto, numa perspectiva intercorporal, e que flui no tempo a partir das várias dimensões do *corpo próprio* (MOREIRA, 2004).

Vale ressaltar que o corpo, em Merleau-Ponty, não é o corpo fisiológico, embora necessite deste para que opere. Para o autor, o corpo é uma carne porosa, é o nosso veículo do ser-no-mundo: o homem está no mundo e dirige-se para ele na busca da compreensão do conhecimento, e a percepção corresponde ao *corpo próprio*, que flui no tempo retomando os vividos e escoando-se a cada novo instante. Desse modo, só podemos compreender a função do corpo vivo realizando-a nós mesmos, na medida em que somos um corpo que se levanta em direção ao mundo (MERLEAU-PONTY, 2011).

O *corpo próprio* é responsável pelo fato de nos dar sensações duplas, ambíguas, como dois polos que se entrelaçam e se complementam – um, que é da ordem do sentir (impessoalidade) e outro, que se refere à personalidade, ao mundo da cultura – e ambos apresentam-se em perfil a nossa percepção (MERLEAU-PONTY, 2011).

Por se tratar de um estudo que tem como objetivo descrever a **percepção** de idosos, comprometemo-nos em situar a noção de percepção do ponto de vista de um referencial teórico. Entre os fundamentos teóricos mais discutidos e aplicados em estudos no contexto da saúde estão a abordagem da psicologia clássica, que concebe a percepção como função do *ego* psicofísico, e a abordagem filosófica. Neste estudo optamos pela noção de percepção sob a perspectiva do filósofo Maurice Merleau-Ponty, por entender que este a compreende de uma forma mais ampla, ou seja, a percepção é considerada necessária à existência dos seres humanos como seres no mundo, o que envolve a compreensão de si mesmo, as interações com as coisas, com os outros e com o mundo. Essa noção de percepção é apresentada pelo filósofo na obra *Fenomenologia da percepção* (2011) sob cinco dimensões, sobre as quais discorreremos a seguir.

### 3.2.1 O *corpo habitual*

O *corpo habitual* vincula-se ao estilo que se manifesta a partir da relação com o outro, à medida que nos identificamos com ele e nos diferenciamos dele. Ou seja, percebemos aquilo que nos aproxima e nos distancia culturalmente, mas sempre produzindo um conhecimento que não é só nosso, nem ao menos do outro, e assim, de maneira ímpar, o manifestamos em nosso contexto sociocultural (SENA et al., 2010; MERLEAU-PONTY, 2011).

Desse modo, o *corpo habitual* se revela independentemente de nossa vontade, pois nos ocorre de forma involuntária. Não é algo que se repete, é sempre um evento extraordinário e criativo, é a percepção que flui no tempo de maneira renovada. Embora seja algo que retomamos, é sempre novo e não a repetição de uma experiência vivida.

Segundo o filósofo, “a consciência é o ser para a coisa por intermédio do corpo e quando um movimento é aprendido é sinal de que o corpo o compreendeu”, quer dizer, ele o incorporou a seu universo de experiências e “mover seu corpo é mirar as coisas através dele, é deixá-lo corresponder à sua solicitação sem que seja necessário exercer sobre ele alguma representação” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 193).

Neste estudo, o *corpo habitual* é também o que retomamos das falas a partir de nossa interação com o trabalho. É verdade que percebemos a coisa em si, como objetividade, mas essa percepção nos ocorre sempre de forma intersubjetiva e por meio de vários perfis. Nesse sentido, o *corpo habitual* constitui aquilo que está por trás das manifestações fenomênicas e, assim, o mundo aparece para nós em partes, mas sempre traz consigo um fundo, um hábito (SENA, 2006).

Logo, o hábito tem a ver com algo que está em lugar algum. Ele se impõe a nós sem que possamos decidir ou escolher e só o percebemos quando, por exemplo, estamos doentes. Neste instante, sentimos falta de algo ou valorizamos essa expressão habitual quando não conseguimos mais fazê-la, quando estamos saudáveis não nos damos conta dessa percepção. Nosso corpo tem seu mundo ou compreende seu mundo sem precisar representar-se, sem reduzir-se a uma função objetivante (SENA, 2006; MERLEAU-PONTY, 2011). Por exemplo, para que se possa conceber alguém como

ser cidadão é fundamental que ele tenha incorporado o sujeito de direitos como um hábito.

O que acontece é que, muitas vezes, não nos damos conta dessa existência habitual e de seu remanejamento e renovação, que envolve um esquema corporal. Em nossas pesquisas, podemos estar reproduzindo teses, ao invés de reconhecer o potencial criativo de nosso *corpo habitual*. Para tanto, se quisermos reaprender a ver as coisas temos que contrair um novo uso do *corpo próprio*, enriquecendo e reorganizando nosso esquema corporal, nosso *corpo habitual* (MERLEAU-PONTY, 2011).

### 3.2.2 O *corpo perceptivo*

O *corpo habitual*, involuntariamente, é o que mobiliza o *corpo perceptivo* a agir, a praticar. Então pensamos: de que forma poderíamos mostrar o valor da compreensão merleau-pontyana sobre este tema, sobre o *corpo perceptivo*? Toda abordagem nesse sentido será para valorizar a experiência do outro (ser em transcendência). Assim, no presente, comportamo-nos de maneira a procurar algo desde um passado (temporalidade, *corpo habitual*) e, se não temos formulado aquilo que procuramos, vamos buscá-lo a nossa frente, onde não estamos (horizonte de futuro, perspectiva).

Desse modo, quando o nosso corpo é impulsionado a fazer algo, à ação, estamos falando aí de *corpo perceptivo*, porque, imediatamente ele é mobilizado a agir, no instante em que é impelido pelo *corpo habitual*. Ao desenvolver um estudo com idosos, com a abordagem da percepção em Merleau-Ponty, Sena (2006, p.71-72) resume a compreensão do *corpo perceptivo* ao dizer que:

[...] corresponde à configuração do esquema corporal ou sistema de equivalências do corpo atual. Tal sistema organiza-se de forma espontânea em proveito de uma possibilidade futura, ele envolve a intencionalidade motora que necessitamos para que o objeto da percepção se revele para nós, ou seja, através da intencionalidade motora, conseguimos vislumbrar um esquema corporal em que cada perfil anuncia simultaneamente todos os demais.

Esta constitui a noção de *corpo perceptivo* que, retomando a noção de esquema corporal, seria este sistema em ação guiado por um hábito. Desse modo, o *corpo perceptivo* impulsiona o nosso corpo atual para frente em direção a algo; ao encontrarmos esse algo, ele também nos apresenta uma história anônima, com a qual nosso corpo atual se funde e se abre em direção a um futuro, a nossa história (SENA, 2006; MERLEAU-PONTY, 2011).

Em síntese, toda vez que somos impulsionados a fazer algo, estamos falando de *corpo perceptivo*, porque, imediatamente, somos mobilizados a fazê-lo. Então, toda vez que somos arrebatados por algum sentimento reagimos com uma ação. Nesse instante, nosso corpo é lançado à frente para fazer alguma coisa, para tomar decisões, questionar, enfim, reagir. Isso é mobilizado por um sentimento e a reação imediata que nos ocorre corresponde ao *corpo perceptivo*. Enfim, o *corpo perceptivo* sempre envolve uma ação.

### 3.2.3 O *corpo falante*

Para discorrer sobre o *corpo falante* é fundamental compreender que, segundo o pensamento merleau-pontyano, as palavras não são códigos do pensamento, mas, o processo intencional que precede sua formulação. Toda vez que nos envolvemos com algo que nos possibilite avançar no conhecimento, em alguma compreensão, e isso nos leva a uma expressão, a uma interação, estamos então exercendo o nosso *corpo falante*.

Mas esse corpo não se relaciona apenas às coisas capazes de falar, mas a tudo que se comunica com o mundo e que abre possibilidade a experiências intersubjetivas e articulação de pensamentos, como um romance, um poema, um quadro, uma peça musical. Todos eles fazem com que não consigamos distinguir a expressão do expresso, cujo sentido só é acessível por meio do entrelaçamento, permitindo irradiar a significação sem abandonar seu lugar temporal e espacial (MERLEAU-PONTY, 2011).

Sendo assim, o *corpo falante* abre possibilidades à criatividade e a experiência de tornar-se um outro eu-mesmo, o que nos impõe a utilização dos diversos cenários da nossa vida para exercê-lo. O autor exemplifica a vivência do *corpo falante* fazendo a seguinte reflexão: “o objeto mais familiar parece-nos indeterminado enquanto não encontramos seu nome, porque o próprio sujeito pensante está em um tipo de ignorância de seus pensamentos enquanto não os formulou para si ou mesmo disse ou escreveu (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 241)”.

Para muitos de nós, isso pode parecer confuso e, às vezes, incompreensível. No entanto, se buscarmos em nossas experiências, seremos capazes de compreender que as falas não traduzem pensamentos *a priori*, mas os consumam, e aquele que escuta recebe o pensamento da própria fala e não do seu “interior”, como historicamente aprendemos (MERLEAU-PONTY, 2011).

É preciso estender a nossa compreensão do mundo, dilatar nosso ser no mundo para que possamos enxergar as diversas possibilidades de exercer o nosso *corpo falante*, pois só quando reencontrarmos, sob o ruído das falas, o silêncio primordial, conseguiremos descrever o gesto que rompe esse silêncio. “A fala é um gesto, e sua significação um mundo (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 250)”.

### 3.2.4 O *corpo sexuado*

Segundo o pensamento merleau-pontyano, o *corpo sexuado* constitui um ato existencial, permite que tenhamos um sentido e que continuemos como história. Sua percepção objetiva configura-se como um esquema sexual, pois solicita os gestos do outro e integra uma totalidade afetiva (MERLEAU-PONTY, 2011). A vivência desse corpo envolve, inicialmente, a operação do *corpo habitual* e, de imediato, a do *corpo perceptivo* – processo que produz um efeito em nosso corpo e esse efeito corresponde à sexualidade.

Conforme o filósofo, para que a pessoa seja orientada no uso que fará de seu corpo objetivo, é preciso que haja o *corpo sexuado*, pois é este que confere significação sexual aos estímulos externos. Por meio dele estabelecemos, de forma

espontânea e involuntária, as nossas escolhas pelas coisas, pelo mundo e, especialmente, pelo outro.

Essa noção de sexualidade Merleau-Ponty formulou a partir da ideia freudiana de pulsão, definida como uma força propulsora constante que mobiliza o psiquismo humano. Essa força nasce com as experiências de satisfação que são registradas e mantêm-se no inconsciente, com tendência a repetir-se. A fim de que se mantenha viva diferencia-se em uma parte da estrutura psíquica que Freud denominou *ego*, a qual, segundo ele, é capaz de reprimir a força pulsional, que retorna contra o próprio *ego* na forma de superego (SENA, 2006). Neste contexto, a vivência da pulsão corresponde à vivência de um sentido.

Destarte, na perspectiva de Merleau-Ponty, a vivência do *corpo sexuado* nos ocorre a todo instante, irrefletidamente, consistindo na maneira como reagimos às demandas do outro, cuja origem é desconhecida, mas se refere às atitudes de aceitação ou de recusa ao autoerotismo, que são experiências de comunicação com o outro e, portanto, experiências sexuais.

Assim sendo, a sexualidade habita nossa região corporal e se irradia como um odor ou um som, como a experiência que vivemos em nosso próprio corpo quando somos tomados pelo olhar do outro: ela é nossa dimensão de coexistência e não poderá jamais ser confundida com a genitalidade ou com a questão de gênero (SENA, 2006; MERLEAU-PONTY, 2011). Nós estamos sempre em busca do outro e toda nossa existência exprime algo sexual, que nos permite uma descoberta de nós mesmos como um corpo sexual ambíguo.

### **3.2.5 O corpo do outro**

Após a compreensão do *corpo falante* e do poder do diálogo, como a expressão que rouba a atenção do outro e que oferece a própria significação do nosso pensamento, agora podemos falar sobre o outro, um outro que para nós nunca se apresenta de maneira direta ou de frente, mas sempre em perfil, como algo que nos surpreende a todo momento que respondemos algo, que gesticulamos, que nos

expressamos. Esse outro também não está dentro de nós, como um ser pré-existente, pois, para o autor, dentro de nós só existem “trevas repletas de órgãos” (MERLEAU-PONTY, 2002, p. 167). O outro é uma réplica de nós mesmos e é sempre uma margem do que vemos ou ouvimos, está a nosso lado ou atrás de nós, mas também não está em lugar algum, ou em um espaço físico, pois ele é nós e nós somos um outro nós mesmos. Nós e o outro somos dois círculos que se misturam e que possuem misteriosas diferenças (MERLEAU-PONTY, 2002).

Portanto, se quisermos compreender o *corpo do outro* precisamos nos desvincular da ideia de que existe um lugar para nós e para o outro, o “nós” está em um campo perceptivo e nos possibilita avançar em relação às experiências no mundo. A fala é, portanto, o modo como o outro se infunde sutilmente em nossa vida, ou como nós nos infundimos no outro com intimidade, desse modo, estamos fadados ao poder da fala (SENA, 2006).

Mas, para Merleau-Ponty (2002, p. 178), “não sou apenas ativo quando falo, mas precedo minha fala no ouvinte, não sou passivo quando escuto, mas falo de acordo com o que o outro diz”. Por conseguinte, não somos passivos quando ouvimos ou ativos quando falamos, estamos sempre sendo os dois polos, pois em ambos os momentos nos tornamos *outro*.

Enfim, o *corpo do outro* acontece desde que usamos o nosso corpo para explorar o mundo. Assim, ele se manifesta toda vez que aparece no balanço das nossas experiências, que entra em nosso mundo. Descrevê-lo é sempre um grande desafio, pois, necessitaremos compreender todas as dimensões do corpo e a noção indissociável do *corpo próprio*. O outro está sempre velado e sempre se mostrando de maneira silenciosa ou muda, ele “habita o corpo como generalidade, coexistência anônima, enfim, o nosso ser bruto ou domínio da possibilidade, ou, como dizia Husserl, o mundo da vida (SENA, 2006, p.83)”.

A experiência do outro é sempre inacabada e, segundo o filósofo, se considerarmos que há uma consciência que contém todos os vividos, trata-se de uma consciência ambígua, de uma consciência perceptiva, porque nós e o outro somos um ser de generalidade, e, neste sentido, o outro é muito mais íntimo de nós do que

imaginávamos. Por isso, há necessidade de nos entrelaçarmos, de nos misturarmos com os outros a fim de que possamos alcançar a generalidade.

#### 4 PERCURSO METODOLÓGICO PARA A PRODUÇÃO DAS DESCRIÇÕES VIVENCIAIS

[...] Em todas as escalas aparecem imensos problemas: não apenas técnicas que se tem de encontrar, mas também, políticas, motivos, um espírito, razões de viver [...] (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 85).

O que mais encanta o pesquisador ao escrever um estudo fenomenológico é que, ao fazer ver as essências vivenciais, ele não se desvincula da ciência nem mesmo torna suas descrições meramente empíricas. Ao contrário, ele aproxima-se tanto da sua pesquisa que começa a compreender aquilo que se quer desvelar do fenômeno estudado. Ela traz uma nova contribuição às produções acadêmicas, mostrando o que alguns avanços científicos mais recentes já sugerem, que é a importância da posição do cientista *dentro* do mundo que estuda. O tráfego entre sujeito e objeto jamais acontecerá em direção única, mas sim, em ambas as direções.

As leituras de Merleau-Ponty não se contrapõem aos conceitos elaborados pela ciência. Elas tentam complementá-los por meio da compreensão de um vivido que não pode ser definido ou conceituado, porque nunca estará acabado, e desse modo o objetivo de um estudo fenomenológico é desvelar como acontece o conhecimento e não como é este conhecimento. Por esta razão, ao tentar realizar a pesquisa para elaborar esta dissertação sabíamos que não bastava entender as teses referentes ao exercício da cidadania pelos idosos, pois estas já estavam à mostra em nosso meio sociocultural: queríamos compreender o que os movia em direção a elas, o que estava por trás desse conhecimento, o incompreendido que se poderia fazer ver na intersubjetividade das relações, entre o pesquisador e os idosos e entre os próprios idosos, de maneira que podemos afirmar que todos juntos caminhamos para a construção do estudo.

#### 4.1 NATUREZA E MÉTODO DE PESQUISA

Como foi dito ao longo do texto, a pesquisa que fundamenta esta dissertação buscou obter descrições vivenciais e, para ser útil aos seus objetivos, a abordagem qualitativa mostrou ser a mais adequada para nortear o seu desenvolvimento. Na pesquisa qualitativa, o interesse do pesquisador não está voltado para contar quantas vezes uma variável aparece, mas sim, que qualidade ela apresenta (LEOPARDI, 2001), isto é, em apreender o que ela significa no processo focalizado. Esta abordagem responde a questões muito particulares, preocupando-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado (MINAYO; DESLANDES; NETO, 2004). A fonte do conhecimento que se pretende produzir nasce da relação dialógica intersujeitos, cuja ênfase está no processo e não apenas no resultado.

Desse modo, o estudo aqui relatado foi orientado pela abordagem fenomenológica, mais especificamente pela ontologia da experiência merleau-pontyana, teoria que busca a compreensão de vivências essenciais, que se caracterizam como generalidades intercorporais (MERLEAU-PONTY, 2011).

A fenomenologia trata da forma como surge o conhecimento e baseia-se, no sentido husserliano, no seguinte questionamento: como os vividos se mostram? E não, “o que são os vividos?”, preocupando-se, assim, com a questão metodológica da construção do conhecimento (SENA, 2006, p.47-48).

A escolha pela pesquisa qualitativa, utilizando a filosofia de Merleau-Ponty, ocorreu a partir da necessidade de descrever o vivido que se mostra em si mesmo e não de analisá-lo ou explicá-lo. Por se tratar de descrições vivenciais da percepção de pessoas idosas sobre o exercício da cidadania, buscaremos reconhecer em que sentido essas vivências constituem-se generalidades, que é a experiência do ser idoso como sujeito de direitos.

## 4.2 CENÁRIO DA PESQUISA

O cenário de investigação constitui o campo de possibilidade de aproximação daquilo que se deseja conhecer e estudar, bem como da construção de conhecimento a partir da realidade presente (MINAYO, 2010). Para tanto selecionamos na cidade de Jequié, no interior da Bahia, um grupo homogêneo de idosos que já vêm experimentando a possibilidade de tornar-se um outro a partir das relações intersubjetivas estabelecidas em grupos de convivência para idosos.

Como já foi explicitado na Introdução, esse grupos de convivência integram a Aagruti, associação criada a partir da necessidade de acadêmicos da Uesb em iniciar suas atividades extra- e intramuros com a população idosa local, dando origem, em 1996, ao Projeto Universidade Aberta com a Terceira Idade (Uati). Esta era um espaço voltado para conhecer a realidade do idoso jequieense, tendo como objetivos sua valorização, a criação de uma imagem positiva que resgatasse seu conhecimento como fonte de saber e a abertura de possibilidades para a ampliação de sua escolaridade em sentido amplo. Além de conhecer a cotidianidade das pessoas idosas, o projeto objetivava promover a criação de grupos de convivência nas comunidades civis organizadas periféricas. Desse modo, foram promovidos cursos livres para líderes comunitários e simpatizantes com o trabalho junto à pessoa idosa, promovendo qualificação, adequação curricular e, por fim a criação do Grepe.

Os membros da equipe executora do projeto (Uati), que integrava o Grepe/Uesb, desenvolveram suas ações no período de 1996 a 2000. Inicialmente, as instâncias criadas eram representadas por 12 grupos de convivência que sentiram a necessidade de fortalecer e unificar o trabalho voluntário, instituindo, em 2001, a Aagruti. Esta associação é uma organização não governamental (ONG) que tem o propósito de contribuir para a conquista da cidadania e consequente melhoria da qualidade de vida do idoso da cidade de Jequié/BA, sendo reconhecida como organização de utilidade pública municipal, conforme consta do registro da Câmara Municipal de Vereadores, lei nº 969 de 06/06/2003 e como de utilidade pública estadual conforme registro na Assembleia Legislativa Estadual, lei nº 8.733 de 07/09/2003 (SANTANA, 2010).

Atualmente, possui uma clientela específica de aproximadamente 1300 participantes distribuídos em 19 grupos de convivência e tem sido a inspiração para o desenvolvimento de muitas pesquisas na área do envelhecimento. Estes grupos, formados em comunidades organizadas de bairros centrais e periféricos (cada grupo em sua comunidade e com seus líderes), realizam encontros semanais, geralmente em salas de casas paroquiais ou de outras entidades, e promovem diversas atividades socioculturais e educativas.

Para a pesquisa aqui relatada, compuseram o cenário deste estudo apenas 13 grupos de convivência com os quais apresentamos o projeto e selecionamos os sujeitos (Quadro 1). Tal cenário justifica-se pelo fato de que, apesar da existência de 19 grupos vinculados à Aagruti, apenas 17 realizavam suas reuniões na cidade de Jequié, os outros dois restantes eram de municípios vizinhos e, portanto, apesar de fazerem parte da associação não continham idosos do município definido para realização do estudo. Dos 17 grupos de convivência desta cidade, dois estavam inativos e dois encontravam-se temporariamente sem realizar reuniões por conta de outras atividades que vinham desenvolvendo restando apenas, os 13 grupos que compuseram o cenário definitivo do estudo.

Quadro 1 – Caracterização dos grupos de convivência/Aagruti, Jequié, 2012.

| <b>Nome do grupo</b>        | <b>Local das reuniões</b>                          | <b>Número de idosos</b> | <b>Atividades desenvolvidas nas reuniões</b>  |
|-----------------------------|--|-------------------------|---|
| 1. De bem com a vida        | Centro Comunitário Emaús/Jequezinho                | 32                      | Palestras educativas, dinâmicas de grupo, danças, alongamento, viagens, participação em eventos religiosos, sociais e culturais e confecção de artesanatos. |
| 2. Descobrindo a Felicidade | Convento/ Jequezinho                               | 38                      | Dinâmicas de grupo, danças, alongamento, palestras educativas, viagens, eventos religiosos e comunitários.  |
| 3. Vencedores com Cristo    | Igreja Quadrangular/ Jequezinho                    | 26                      | Religiosas, sociais, palestras educativas, danças e viagens.  |
| 4. Bela Idade               | Igreja Nª Srª de Fátima/ Joaquim Romão             | 25                      | Dinâmicas de grupo, danças, alongamento, palestras educativas, viagens, eventos religiosos, comunitários e atividades artesanais.                           |
| 5. Nossa Senhora Aparecida  | Salão Paroquial Nª Srª Aparecida/ Cidade Nova      | 22                      | Palestras educativas, dinâmicas de grupo, danças, alongamento, viagens, participação em eventos religiosos, sociais e culturais e confecção de artesanatos. |
| 6. Fonte de Sabedoria       | Salão Comunitário Nª Srª das Dores/ Joaquim Romão  | 26                      | Religiosas, sociais, palestras educativas, dança, viagens e participação em eventos culturais.  |
| 7. Idade Feliz              | Salão Comunitário Nª Srª das Graças/ Joaquim Romão | 30                      | Dinâmicas de grupo, danças, alongamento, palestras educativas, viagens, eventos religiosos e comunitários.  |
| 8. Esperança                | Senhor do Bonfim/ Pau Ferro                        | 27                      | Religiosas, sociais, palestras educativas, danças, viagens e atividades artesanais.   |
| 9. Tempo de Viver           | Salão Paroquial da Catedral/ Centro                | 43                      | Dinâmicas de grupo, danças, alongamento, palestras educativas, viagens, eventos religiosos, comunitários e atividades artesanais.                           |
| 10. Jesus Mediador          | Comunidade do Mandacaru/ Mandacaru                 | 16                      | Religiosas, sociais, palestras educativas, dança, viagens e participação em eventos culturais.  |
| 11. Vida Nova               | Salão da Igreja Batista Sião/ São José             | 20                      | Religiosas, sociais, palestras educativas, danças e viagens.  |
| 12. Idade Dourada           | Centro Comunitário Lagoa Dourada/ Joaquim Romão    | 28                      | Dinâmicas de grupo, danças, alongamento, palestras educativas, viagens, eventos religiosos e comunitários.  |
| 13. São José                | Salão Paroquial São José/ São José                 | 21                      | Religiosas, sociais, palestras educativas, danças, viagens e confecção de artesanatos.  |

### 4.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os participantes da pesquisa foram 13 pessoas idosas, integrantes dos grupos de convivência citados acima, que participavam efetivamente dos encontros com seus grupos e aceitaram livremente participar desta pesquisa, respeitando as questões éticas, receberam informações específicas sobre a pesquisa e consentiram sua participação mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – APÊNDICE A).

Para a seleção dos participantes, consideramos a característica da técnica de grupo focal, utilizada, nesta pesquisa, para obtenção das descrições vivenciais. O tamanho da amostra não deveria ser grande, para não diminuir as chances de participação da totalidade dos indivíduos nas atividades de reflexão e de discussão devendo todos compartilhar experiências relacionadas ao tópico da pesquisa (GONDIM, 2003; NETO; MOREIRA; SUCENA, 2002).

Desse modo, os 13 grupos que compuseram o cenário da pesquisa estudo foram visitados durante suas reuniões e esclarecidos quando à proposta do projeto. Posteriormente, solicitávamos que indicassem uma pessoa que pudesse representá-los e que tivesse o seguinte perfil: estar com idade a partir de 60 anos; fazer parte do seu grupo de convivência há mais de um ano; não ter o diagnóstico de demência ou qualquer outra dificuldade cognitiva que o incapacitasse de participar dos encontros de grupo focal; interessar-se pela pesquisa e ter disponibilidade para participar dos encontros agendados previamente com o grupo.

Como ocorreu com o perfil dos grupos de convivência em outros estudos, a maioria das pessoas idosas eram do sexo feminino (BORGES et al., 2008; DAL RIO, 2009; RIZZOLI; SURDI, 2010; SILVA, 2011), de maneira que, em todos os grupos, a indicação recaía sempre em uma mulher idosa, definindo-se assim 13 idosas para obtenção das descrições vivenciais. Em respeito ao anonimato dos sujeitos, cada idosa escolheu um codinome constituído pelo nome de uma fruta, pois, durante os grupos focais, criamos uma técnica lúdica para fomentar as discussões cuja proposta era

resumidamente fazer frutificar uma árvore que ainda não possuía frutos e assim cada idosa e cada tema discutido seriam os frutos que dariam vida àquela árvore.

No Quadro 2, abaixo, encontra-se a caracterização dessas idosas para facilitar a compreensão do perfil das integrantes desta pesquisa.

Quadro 2 – Caracterização das idosas, participantes da pesquisa (Jequié, 2012).

| <b>Grupo de convivência</b> | <b>Codinome</b> | <b>Idade</b> | <b>Tempo no grupo</b> | <b>Grau de escolaridade</b> | <b>Religião</b> | <b>Estado civil</b> |
|-----------------------------|-----------------|--------------|-----------------------|-----------------------------|-----------------|---------------------|
| 01                          | Goiaba          | 68 anos      | 5 anos                | Nenhuma                     | Católica        | Casada              |
| 02                          | Pera            | 63 anos      | 1ano                  | Fundamental incompleto      | Católica        | Solteira            |
| 03                          | Banana          | 71 anos      | 5 anos                | Médio Completo              | Evangélica      | Casada              |
| 04                          | Uva             | 68 anos      | 3 anos                | Nenhuma                     | Católica        | Casada              |
| 05                          | Melancia        | 77 anos      | 12 anos               | Nenhuma                     | Católica        | Viúva               |
| 06                          | Maçã            | 64 anos      | 3 anos                | Fundamental incompleto      | Católica        | Viúva               |
| 07                          | Laranja         | 60 anos      | 1 ano                 | Fundamental incompleto      | Católica        | Divorciada          |
| 08                          | Manga           | 63 anos      | 5 anos                | Nenhuma                     | Católica        | Solteira            |
| 09                          | Abacaxi         | 67 anos      | 11 anos               | Médio completo              | Católica        | Casada              |
| 10                          | Melão           | 70 anos      | 5 anos                | Fundamental Completo        | Católica        | Viúva               |
| 11                          | Pêssego         | 75 anos      | 1 ano                 | Fundamental Completo        | Evangélica      | Viúva               |
| 12                          | Morango         | 67 anos      | 10 anos               | Nenhuma                     | Católica        | Viúva               |
| 13                          | Caqui           | 68 anos      | 6 anos                | Fundamental Incompleto      | Católica        | Casada              |

As idosas que participaram da pesquisa tinham idade entre 60 e 77 anos, o tempo de integração aos grupos de convivência variava de um ano a 12 anos, sendo que a maioria (61%) tinha cinco anos ou mais nos grupos, corroborando estudos realizados em Minas Gerais por Borges et al. (2008) e, em Aracaju, por Silva (2011). Com relação ao nível de escolaridade, quatro (30%) delas não possuíam nenhuma escolaridade e apenas duas (15%) tinham o ensino fundamental completo. Quase 85% das idosas eram católicas, e 38% eram igualmente casadas e viúvas, mostrando a

variação com relação ao estado civil, também, evidenciadas em outras pesquisas (BORGES et al., 2008; SILVA, 2011).

#### 4.4 ESTRATÉGIA PARA A OBTENÇÃO E PRODUÇÃO DAS DESCRIÇÕES VIVENCIAIS

No processo para produção das descrições vivenciais elegemos a técnica de grupo focal considerando que o seu uso requer domínio teórico e habilidade prática, em decorrência do fato de que a experiência dialógica propicia um envolvimento estreito de pesquisador e participantes do estudo.

##### 4.4.1 Técnica de grupo focal

O grupo focal constitui uma técnica de pesquisa que coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador (MORGAN, 1997). Como técnica, ocupa uma posição intermediária entre a observação participante e as entrevistas em profundidade e pode ser caracterizada como um recurso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos (VEIGA; GONDIM, 2001).

Ele tem uma característica peculiar que é provocar o estranhamento entre os envolvidos na relação, instituindo o sentido intersubjetivamente (JOSGRILBERG, 2007). Como explicita Merleau-Ponty (2011, p.410):

[...] eu não tenho a rigor algum terreno em comum com o outro; a posição do outro com o seu mundo e a minha posição com o meu mundo constituem uma alternativa. Uma vez colocado o outro, uma vez que o olhar do outro sobre mim, inserindo-me em seu campo, tira uma parte do meu ser, compreende-se bem que eu não posso recuperá-la a não ser estabelecendo relações com o outro, fazendo-me reconhecer livremente por ele, e que a minha liberdade exige para os outros a mesma liberdade.

Outro fator positivo para a utilização da técnica de grupo focal na pesquisa fenomenológica é o fato de, muitas vezes, os pesquisados poderem se sentir mais à vontade na presença de seus pares, ainda que não se conheçam pessoalmente. Esta familiaridade e o reconhecimento de uma situação próxima, por vezes, garantem uma espontaneidade que não se consegue com outro recurso, especialmente quando o debate se anima entre os participantes, proporcionando uma abertura contínua de possibilidades para fazer ver o vivido que se mostra (JOSGRILBERG, 2007).

Desse modo, a principal característica desta técnica reside no fato de ela trabalhar com a reflexão expressa por meio dos discursos dos participantes, permitindo que eles apresentem, simultaneamente, suas percepções, impressões e sentimentos sobre determinado tema. Sob este contexto, Neto et al. (2002, p. 9) definem os grupos como:

Uma técnica de pesquisa na qual o pesquisador reúne, num mesmo local e durante um certo período, uma determinada quantidade de pessoas que fazem parte do público-alvo de suas investigações, tendo como objetivo coletar, a partir do diálogo e do debate com e entre eles, informações acerca de um tema específico.

A atividade deve ser dirigida por até três pessoas: uma, conversando, o moderador; a outra, anotando, o relator e uma terceira, observando a condução do grupo e orientando o moderador nas discussões. Porém, ressalta-se que a pessoa que escreve não deve interferir na condução do grupo. O moderador tem a função de conduzir as discussões e de levantar várias questões para os participantes. Estas questões devem fazer parte de um roteiro previamente testado, preparado a partir dos objetivos do estudo. Ao moderador cabe encorajar os participantes a expressarem livremente seus sentimentos, opiniões e pareceres sobre a questão em estudo, além de manter a discussão focalizada, fazendo resumos e retomando o assunto quando alguém se desvia dele (GOMES; BARBOSA, 1999; WESTPLTAL; BÓGUS; FARIA, 1996).

O relator é a pessoa encarregada de captar as informações não-verbais expressas pelos participantes, e o observador fica atento à dinâmica de interação entre eles e, ao final, ambos ajudam o moderador a analisar os possíveis vieses ocasionados

por problemas na sua forma de coordenar a sessão (WESTPLTAL; BÓGUS; FARIA, 1996).

Vale ressaltar que, no início de cada grupo focal, a agenda deve ser negociada e o plano de ação aprovado. No final devemos realizar uma avaliação do encontro, a partir da qual novos redirecionamentos poderão ocorrer ao longo do processo. Assim, cada participante terá a oportunidade de falar sobre os seus sentimentos e suas percepções acerca do processo e dar sugestões para melhorar os encontros seguintes e o processo como um todo. Salienta-se que cada encontro deve durar entre uma a duas horas (GOMES; BARBOSA, 1999).

#### **4.4.2 Procedimento para realização dos grupos focais**

Após entrar em contato com os grupos de convivência, selecionar e convidar as idosas para participar da pesquisa, agendamos os encontros em dias próximos, pois acreditamos que um longo intervalo entre um encontro e outro poderia comprometer as discussões.

Para preparar o encontro e conduzir a reunião, o moderador, neste caso a própria pesquisadora, contou também com a participação de uma relatora e de uma observadora, para que as tarefas fossem divididas durante as reuniões e a moderadora pudesse conduzi-las da melhor maneira possível.

Foram realizadas três sessões no mês de abril de 2012, na sede da Aagruti. Em cada reunião, um roteiro (APÊNDICE B) era seguido a fim de que os encontros não se tornassem monótonos e os participantes pudessem se sentir em um ambiente descontraído e livre de ruídos para a captação das falas, uma vez que as discussões foram gravadas e transcritas. Ainda para facilitar a participação e a interação do grupo, os participantes e o moderador eram dispostos em círculo, ao redor de uma mesa com lanches, frutas e sucos, de tal modo que houvesse um contato frente a frente entre cada um e as nossas tardes fossem sempre um momento agradável para todos.

Conforme o planejamento prévio, a condução do grupo aconteceu em três etapas, iniciadas no momento em que o primeiro participante entrava na sala de discussão. Além de receber cada participante de maneira cordial, a moderadora criou

um ambiente afável de espera, evitando ao máximo que o tema do estudo fosse abordado precocemente em conversas informais, o que eventualmente poderia "esfriar" a discussão no momento da obtenção das descrições vivenciais. Uma vez iniciados os trabalhos, a palavra coube primeiramente à moderadora, que apresentou os outros membros (observadora e relatora) da equipe, dispensando sua apresentação, uma vez que todos os sujeitos já haviam tido um contato anterior durante as reuniões dos grupos de convivência.

Iniciamos o primeiro encontro falando sobre os objetivos da pesquisa de forma rápida e genérica, pois todos já haviam sido orientados durante a assinatura do TCLE. Em seguida, explicamos a forma de funcionamento do grupo, explicitando algumas regras gerais necessárias à condução de grupos focais. Enfatizamos que não se buscava o consenso na discussão a ser empreendida e que a divergência de perspectiva e experiências era extremamente bem-vinda.

Ainda na perspectiva de tornar o ambiente dinâmico e agradável, bem como facilitar o diálogo e as discussões entre as participantes, levamos ao encontro a *Árvore de temas* (Figura 1), como uma forma lúdica que “se configura numa necessidade humana, que facilita o processo de relações interpessoais, permitindo penetrar, desvelar e compreender as experiências com espontaneidade, criatividade e prazer” (OLIVO, 1998, p.150).



Figura 1 – Foto da *Árvore de temas* utilizada nos grupos focais

A *Árvore de temas* foi dividida em raiz, tronco e galhos, que representavam respectivamente as pessoas idosas, a Aagruti e os grupos de convivência. Desse modo, tentávamos chamar atenção sobre a importância das pessoas idosas (a raiz da árvore) em fortalecer essa árvore (Aagruti e os grupos de convivência) e conseqüentemente dar frutos a ela.

Os frutos, por sua vez, representados por maçãs, configuravam os temas a serem discutidos nos encontros (Figura 2). Dessa forma, a proposta da *Árvore de temas*, que no primeiro encontro estava sem frutos, era fazer com que, à medida que os temas fossem discutidos, os frutos fossem sendo colocados na árvore e assim, ao finalizar os encontros, teríamos obtido as descrições vivenciais que constituiriam resultados da pesquisa e, conseqüentemente, gerariam os frutos que possivelmente derivarão dela, além de estimular a reflexão das idosas quanto ao exercício da cidadania.

Os temas foram selecionados e apresentados ao grupo para que todos indicassem a ordem em que seriam discutidos, sendo organizados da seguinte maneira: 1) Qual o papel de uma associação?; 2) O que significa pra você participar de uma associação de idosos?; 3) Antes de se associar e fazer parte dos grupos de convivência, o que mudou na sua visão de mundo?; 4) Vocês se consideram idosas cidadãs?; 5)

Para vocês, o que seria exercer a cidadania?; 6) Quais as contribuições para o exercício da cidadania você tem realizado como integrante desta associação?



Figura 2 – Maçãs temáticas utilizadas para conduzir as reuniões.

Vale ressaltar que não havia imposição quanto ao número de temas que seriam discutidos nos encontros, pois a inclusão de um novo tema na discussão era feita à medida que sentíamos necessidade de inclui-lo, ou seja, ao final dos três encontros, todos os temas seriam discutidos.

Assim, o planejamento dos encontros pautava-se sempre em três momentos: apresentação do projeto (primeira reunião) ou retomada do encontro anterior (segunda e terceira reuniões); discussão dos temas conforme ordem de escolha dos participantes e, por fim, avaliação do encontro para planejamento adequado do encontro seguinte. Durante as discussões utilizávamos um aparelho de videoprojetor, para projetar fotos que representavam o exercício diário da cidadania dos idosos, utilizando o recurso de *PowerPoint* (Microsoft Office 2010). A primeira reunião contou com a presença de 12 informantes, a segunda, com nove informantes e a última, com 12 informantes, ressaltando que todos participaram de, no mínimo, dois encontros.

Acreditamos que dessa forma, fomos fieis a técnica de obtenção das descrições vivenciais o que, com certeza, proporcionou ao trabalho uma riqueza de descobertas e retomadas vivenciais.

#### 4.5 PROCEDIMENTOS PARA A COMPREENSÃO DAS DESCRIÇÕES VIVENCIAIS

A organização das descrições vivenciais foi realizada por meio da *analítica da ambiguidade*, técnica desenvolvida para a análise de descrições empíricas em estudos com abordagem fenomenológica (SENA, 2006; SENA et al., 2010, 2011). Tem como matriz teórica, fundamentalmente, a fenomenologia de Edmund Husserl e a filosofia da experiência de Maurice Merleau-Ponty, conforme já foi explicitado anteriormente. O foco da análise não recai sobre a interpretação das vivências, mas sobre a percepção das ambiguidades que se mostram nos discursos dos sujeitos.

Esta técnica se aplica na perspectiva de que, enquanto estamos lendo as descrições vivenciais, sentimos algo que nos é próprio, deparamo-nos com um olhar que interrompe a trajetória perceptiva e somos atraídos por uma percepção inédita que nos traz ao presente um mundo que nos é estranho, mas que, ao mesmo tempo, parece-nos familiar (SENA, 2006). Para a autora, nesse instante, esforçamo-nos para converter o irrefletido à reflexão e articular um pensamento a ser objetado, lançado ao exterior como objeto percebido.

Destaque-se que não se tratou de descrever o mundo vivido como um conjunto de eventos localizados em nosso “interior”, como requer a psicologia clássica, mas sim de compreender como esse vivido se estabelece e se mostra a partir de si mesmo. Logo, os temas discutidos nos grupos focais, foram as imagens sob as quais emergiram os diversos perfis, os mais variados horizontes.

Neste sentido, atendendo ao rigor acadêmico, a partir dos “dados empíricos” (descrições vivenciais das idosas), a analítica consistiu em perceber as ambiguidades que apareceram nas falas e em objetivá-las sob a forma de categorias.

Em seguida, a análise sob a perspectiva da analítica da ambiguidade procedeu da seguinte forma (SENA, 2006; SENA et al., 2010): partindo das descrições

vivenciais correspondentes aos grupos focais realizados, organizamos os textos referentes às transcrições das gravações na íntegra; em seguida, realizamos leituras minuciosas do material, na perspectiva de fazer ver as vivências essenciais que se constituem como experiências perceptivas em duas dimensões, a sensível e a reflexiva, sendo, portanto, uma experiência ambígua; em seguida, permitimos que a leitura do material fluísse livremente, deixando os fenômenos (percepção) se mostrarem em si mesmos, a partir de si mesmos, isto é, o pesquisador reconhece o que há de essencial na intersubjetividade eu-outrem (generalidade intercorporal), corroborando o estudo fenomenológico proposto que sempre parte de uma vivência.

Com base nos pressupostos fenomenológicos descritos, compreendemos que o pesquisador encontrou-se em regime de redução fenomenológica, convencendo-se de estar diante de teses caracterizadas por convicções de que as coisas e os outros já são em si mesmos, isto é, já são objetividades *a priori*. Ao realizar a leitura minuciosa do material, o pesquisador, convencido das inúmeras ambiguidades que aparecem no campo fenomenal próprio da vivência perceptiva, efetiva objetivações como operações expressivas (SENA, 2006). Estas consistem na transmutação do polo pré-reflexivo à reflexão, processo realizado pela fala, utilizando-se de palavras, formas, síntese e um gênero literário, aos quais se juntam o estilo próprio do escritor e os sentimentos que o habitam (MERLEAU-PONTY, 2000).

Em seguida descrevemos o retorno às coisas mesmas, como novo sentido que se abre através da percepção e, por sua vez, não põe primeiramente um objeto de conhecimento, mas, como uma intenção de nosso ser total nos possibilita uma visão *pré-objetiva* que é aquilo que chamamos de “ser no mundo” (MERLEAU-PONTY, 2011). Mesmo sem tentar simplificar a percepção das idosas sobre cidadania, fomos metodologicamente movidas a criar categorias objetivas de suas experiências.

#### 4.6 DIMENSÕES ÉTICAS

Antes de iniciar a pesquisa, o projeto foi submetido à Plataforma Brasil para apreciação do Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da Uesb (CEP/Uesb), seguindo as recomendações da resolução 196 do Conselho Nacional de Saúde que apresenta as diretrizes e normas regulamentadoras das pesquisas envolvendo seres humanos (BRASIL, 1996). Desse modo, o estudo não apresentou riscos aos participantes e respaldou-se nos aspectos éticos e legais, antes de ser iniciado.

Após parecer favorável com protocolo do projeto de pesquisa nº 9760 (ANEXO A), a pesquisa foi iniciada e todos os sujeitos foram informados sobre a sua natureza, justificativa, objetivos, finalidade, autonomia, benefícios e riscos. Também foram alertados para o fato de que todas as informações fornecidas por eles permaneceriam confidenciais, o anonimato seria garantido através do uso de codinomes e teriam o direito assegurado de recusar a participar ou de se retirar da pesquisa em qualquer momento.

Assim, após todos os esclarecimentos, os idosos aceitaram participar do estudo autorizando-se por meio de assinatura do TCLE, a divulgação dos conteúdos gravados, bem como a publicação dos resultados da pesquisa nesta dissertação, artigos, revistas e socialização em eventos técnico-científicos nacionais e internacionais.

## **5 O RETORNO ÀS COISAS MESMAS: PERCEPÇÃO DE IDOSOS SOBRE O SER CIDADÃO**

Esta seção tem como finalidade apresentar os resultados do estudo que, em linhas gerais, na ontologia merleau-pontyana, significa o retorno às coisas mesmas. O momento que antecede a definição da questão da pesquisa até a sua efetivação, corresponde à operação do processo intencional que envolve, segundo o pensamento de Edmund Husserl, intenção fenomênica, intuição categorial, objeto intencional e consciência. Uma vez que o pesquisador se reconhece naquilo que produziu, ou seja, quando os resultados do estudo corroboram aquilo que foi intuído, estamos diante do retorno às coisas mesmas.

Não obstante o fato de que as objetivações estabelecidas como resultados do estudo constituam ambiguidades, considerando que a percepção é sempre dinâmica e instável, em atendimento às normas do Programa de Pós-graduação em Enfermagem e Saúde, apresentamos a seguir três manuscritos que integram a dissertação de mestrado, como requisito para obtenção do grau de mestre. O propósito desses textos é construir um conhecimento que visa a preencher lacunas no campo do saber gerontológico a partir da utilização de um referencial filosófico.

Os manuscritos estão formatados segundo as normas de publicação de revistas indexadas e terão como principal objetivo descrever a percepção de pessoas idosas integrantes de grupos de convivência sobre o exercício da cidadania. A fundamentação dos artigos encontra-se na ontologia da experiência de Merleau-Ponty (2011), acerca do corpo próprio, considerando as cinco dimensões descritas na seção 3 desta dissertação.

O primeiro manuscrito, intitulado *Ser cidadão idoso no contexto da experiência habitual e perceptiva*, desvela a percepção de idosos sobre o exercício da cidadania, sob a ótica do *corpo habitual e perceptivo*. Os resultados são apresentados em duas categorias: a primeira, *o ser cidadão idoso na expressão do corpo habitual* e a segunda, *o ser cidadão idoso na expressão do corpo perceptivo*. As discussões referem-se à importância da retomada do tema *exercício da cidadania em todas as atividades desenvolvidas com idosos*, para que sua prática se torne algo habitual, no

sentido merleau-pontyano, e a sociedade reconstrua naturalmente a imagem da velhice e do cidadão idoso.

O segundo manuscrito, intitulado *O grupo de convivência como corpo falante*, descreve a percepção de pessoas idosas integrantes de grupos de convivência sobre o exercício da cidadania, sob a dimensão do *corpo falante*. Os seus resultados apontam os grupos de convivência como *corpo falante*, por serem tratadas de ambientes que produzem nos idosos, a arte da expressão e da articulação de pensamentos, como resultante da operação intercorporal, abrindo possibilidades para que eles vivenciem a experiência do outro e ressignifiquem a sua cidadania, tornando-se sujeitos de direitos.

No terceiro e último manuscrito, intitulado *A experiência do outro e o vir a ser cidadão idoso*, a percepção de idosos sobre o exercício da cidadania, com base na noção de *corpo sexuado e corpo do outro*, traz reflexões acerca dos motivos que levam as idosas a inserirem-se em grupos de convivência e o seu desejo de ser cidadã, apontando como principais razões, a necessidade de serem aceitas na sociedade e reconhecidas como sujeitos de direitos.

Os resultados dos manuscritos encontram ressonância à medida que fornecem subsídios ao planejamento de ações voltadas ao atendimento mais humanizado no âmbito das políticas públicas sociais e de saúde, no sentido de fortalecer a inserção social da pessoa idosa com vistas à possibilidade de se ressignificarem como cidadãs na velhice.

## 5.1 PRIMEIRO MANUSCRITO: SER CIDADÃO IDOSO NO CONTEXTO DA EXPERIÊNCIA *HABITUAL* E *PERCEPTIVA*

Este manuscrito será submetido à *Revista Brasileira de Enfermagem*, e foi elaborado conforme as instruções para autores, disponíveis no link: <<http://www.scielo.br/revistas/reben/pinstruc.htm>>, consultadas em outubro de 2012.

SER CIDADÃO IDOSO NO CONTEXTO DA EXPERIÊNCIA HABITUAL E  
PERCEPTIVA<sup>1</sup>

BEING AN ELDERLY CITIZEN IN THE CONTEXT OF HABITUAL AND  
PERCEPTUAL EXPERIENCE

SER UN CIUDADANO MAYOR EN EL CONTEXTO DE LA EXPERIENCIA  
HABITUAL Y PERCEPTIVA

Luana Machado Andrade<sup>2</sup>  
Edite Lago da Silva Sena<sup>3</sup>

### Resumo

A pesquisa objetiva descrever a percepção de idosos sobre o exercício da cidadania, à luz do pensamento de Maurice Merleau-Ponty, acerca do corpo próprio. Desvela-se a partir da participação de treze idosos, integrantes de grupos de convivência na cidade de Jequié/BA, que produziram descrições vivenciais em encontros de grupo focal. Tais descrições foram submetidas à analítica da ambiguidade, técnica que consiste em suspender as teses que postulam ser as coisas em si mesmas e perceber as ambiguidades que lhes são inerentes. Dessa análise, emergiram duas categorias: *o ser cidadão idoso na expressão do corpo habitual* e *o ser cidadão idoso na expressão do corpo perceptivo*. As reflexões resultaram na compreensão de que é preciso retomar o tema *exercício da cidadania em todas as atividades desenvolvidas com idosos*, para que a sua prática se torne algo habitual, no sentido merleau-pontyano, e a sociedade reconstrua naturalmente a imagem da velhice e do cidadão idoso.

**Palavras-chave:** Filosofia em enfermagem. Idoso. Participação cidadã.

---

<sup>1</sup> Recorte da dissertação de mestrado: ANDRADE, L. M. **Percepção de idosos integrantes de grupos de convivência sobre o viver/envelhecer cidadão**. 2012. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde. Área de Concentração: Saúde Pública. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Jequié/BA.

<sup>2</sup> Enfermeira. Mestranda do PPGES. Professora Substituta do DS da UESB, campus Jequié/BA. E-mail: luanamachado87@hotmail.com

<sup>3</sup> Enfermeira. Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Professora Adjunta do DS/UESB, campus de Jequié/BA. Docente do PPGES, Nível Mestrado – UESB, campus Jequié/BA. E-mail: editelago@gmail.com

## Abstract

The research aims to describe the perception of the elderly on the exercise of citizenship in the light of the thought of Maurice Merleau-Ponty, about the body itself. Unveils itself the participation of thirteen elderly women, members of acquaintanceship groups in the city of Jequié/BA. Experience descriptions were produced in focus group meetings and submitted to the ambiguity analytics, a technique that consists in suspending the theories that postulate be things in themselves and realize the ambiguities inherent in them. From this understanding two categories have emerged: *being an elderly citizen in the expression of the habitual body*; *being an elderly citizen in the expression of the perceptive body*. Reflections made us realize that it is need to revisit the issue citizenship exercise in all activities with the elderly so that its practice becomes something habitual, in Merleau-Ponty sense, and society naturally rebuild the image of old age and senior citizen.

**Keywords:** Philosophy in Nursing. Elderly. Citizen participation.

## Resumen

El estudio objetivó describit la percepción de las personas mayores en el ejercicio de la ciudadanía, bajo el pensamiento de Maurice Merleau-Ponty, sobre el cuerpo propio. Contó con la participación de trece mujeres mayores, miembros de grupos de convivencia en Jequié/BA. Las descripciones vivenciales se produjeron en reuniones de grupos focales y fueron sometidas a la analítica de la ambigüedad, técnica que consiste en suspender las teorías que postulan ser las cosas en sí mismas y darse cuenta de las ambigüedades inherentes a ellas. De este entendimiento dos categorías han emergido: *el ser ciudadano mayor en la expresión del cuerpo habitual*; *el ser persona mayor en la expresión del cuerpo perceptivo*. Las reflexiones nos mostraron que es necesario volver a la cuestión del ejercicio de la ciudadanía en todas actividades con personas mayores para que su práctica se convierta en algo habitual, en el sentido de Merleau-Ponty, y la sociedad naturalmente reconstruya la imagen de la vejez y del ciudadano mayor.

**Palabras clave:** Filosofía en Enfermería. Anciano. Participación ciudadana.

## INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva descrever a percepção de idosos a respeito do exercício da cidadania, à luz do pensamento de Maurice Merleau-Ponty acerca do corpo próprio – noção formulada a partir dos estudos que realiza sobre a percepção humana<sup>(1)</sup>. O material utilizado como objeto de análise foram os relatos de vivências do exercício da cidadania, feitos por pessoas idosas que integram grupos de convivência, por meio da intersubjetividade estabelecida na pesquisa. O artigo, assim, visa a contribuir para um novo olhar em relação ao ser cidadão idoso no contexto atual.

Merleau-Ponty desenvolve sua teoria sobre a percepção humana tomando como matriz teórica os projetos de fenomenologia de Edmund Husserl, dos quais retira a noção de *corpo*, discutida pelo filósofo como vivência da temporalidade. Essa noção de corpo se refere à atualização, no presente, de um horizonte de passado (sentimento que nos ocorre independentemente de nossa vontade) e de um horizonte de futuro (perspectiva). Seguindo esse pensamento, Merleau-Ponty compreende a percepção como *corpo próprio*.

O termo *próprio* é agregado à noção de *corpo* considerando a versatilidade da experiência perceptiva e a possibilidade que ela nos abre à transcendência, que consiste no fato de reconhecermos naquilo que produzimos algo que nos é próprio e, por isso, nos faz *outro*. Logo, a teoria merleau-pontyana acerca da percepção traduz-se na descrição do *corpo próprio*, que consiste na vivência ambígua de um *eu posso*<sup>(1)</sup>.

As pessoas que atualmente estão vivendo a fase do ciclo vital considerada idosa – no Brasil, a partir dos 60 anos de idade – foram aquelas que durante a infância e a adolescência conviveram de forma mais intensa com o estigma em relação à velhice. Ser idoso, naquela época, era sinônimo de ser decrepito, incapaz e inútil.

Ao mesmo tempo, em função do crescente aumento da população idosa, com todas as implicações que o fenômeno impõe (econômico, social, político, entre outros), a indústria cultural, em nome de um ideal das políticas públicas, movida por interesses capitalistas, através da mídia, impõe ao idoso a imagem de um super-herói. Ele agora tem que ser ativo e saudável. Se assim não for, quem constituirá a mão de obra para manter o mercado produtivo, considerando as estimativas da população idosa, por

exemplo, para o ano de 2030? Por outro lado, comina-se, ainda, que para se manter ativo e saudável, o idoso deve integrar-se à sociedade do consumo, cujos setores industrial e comercial estão, a todo vapor, investindo na fabricação e distribuição de produtos e serviços adequados à idade.

Outro aspecto interessante na experiência do ser idoso na contemporaneidade é que a sociedade que impõe uma concepção de idoso ativo e saudável é a mesma que o discrimina e o exclui, pois ainda atribui valor maior ao jovem, por acreditar que este tem mais vigor físico para o trabalho, enfim, o essencial para o sistema é o lucro, de maneira que, ao fim de tudo, o idoso vivencia uma fase de transição. Ao mesmo tempo em que é idoso ativo, saudável, sujeito de direitos, tem que personificar-se como jovem, vestir-se, comportar-se como jovem, frequentar os mesmos espaços e consumir os mesmos produtos que o jovem.

Neste sentido, a aplicação da noção merleau-pontyana de *corpo próprio*, no contexto deste estudo, no que concerne às dimensões habitual e perceptiva, refere-se, respectivamente, à retomada que o idoso de hoje faz dessa vivência historicamente construída, claro que de forma modificada e criativa (*corpo habitual*) e à compulsão a agir em direção ao futuro, na perspectiva do fazer-se ser ativo, capaz e jovem, a fim de ser aceito socialmente.

O corpo próprio, sob esta ótica, aparecerá como uma carne porosa que, ao entrelaçar-se com as coisas, com o mundo e com o outro, nos permite vivenciar sensações duplas e ambíguas que se revelam, entre outras dimensões, no *corpo habitual e no corpo perceptivo*<sup>(1,2)</sup>.

Desse modo, além do desafio de encarar a longevidade, diante das características biológicas próprias da idade, o idoso convive com o estigma social de que se encontra em uma fase de incapacidades, doenças, perdas, solidão e dependência, tanto nas atividades básicas como nas instrumentais da vida diária<sup>(3)</sup>. São estereotipados como pessoas ultrapassadas, cheias de manias, tristes e onerosas, o que pode afetar a impessoalidade e comprometer o desenvolvimento de competências, principalmente no que se refere à inserção e participação social<sup>(4)</sup>.

Acreditamos que, por estarem inseridos em grupos de convivência cujo principal objetivo é ampliar as redes sociais e fortalecer o sentido do exercício da

cidadania, os idosos participantes do estudo desvelaram experiências perceptivas que contribuirão com a produção do conhecimento no campo da gerontologia, servindo de subsídios para avaliar a participação social do idoso na perspectiva do ser ativo, conforme preconizam as políticas públicas voltadas para esse segmento no Brasil<sup>(5,6)</sup>.

Portanto, o grupo de convivência configura-se como espaço de expressão do *corpo próprio*, uma vez que permite a operação do *corpo perceptivo* (ação) orientado pelo *corpo habitual* (retomada dos vividos), no contexto do desenvolvimento das diversas atividades, e abre possibilidade à consolidação da identidade do ser idoso cidadão na contemporaneidade.

## **TRAJETÓRIA METODOLÓGICA**

Trata-se de um de abordagem qualitativa fenomenológica, fundamentado na ontologia da experiência de Merleau-Ponty, que descreve a percepção como essência do ser humano – experiência dialógica e intersubjetiva que se exprime como generalidade<sup>(1)</sup>.

O cenário da pesquisa foi a Associação de Amigos, Grupos de Convivência e Universidade Aberta à Terceira Idade (Aagruti) que integra idosos vinculados a grupos de convivência na cidade de Jequié/BA, município que possui, aproximadamente, 17.330 idosos, equivalendo a 11,4% de sua população total, mas que ainda não avançou na implantação de políticas públicas para atender suas demandas socioculturais e de saúde<sup>(7)</sup>.

Participaram da pesquisa 13 idosas, com idade de 60 a 77 anos, integrantes de grupos de convivência vinculados à Aagruti. O procedimento para a composição desse grupo participante percorreu os seguintes passos: visita aos grupos com apresentação do projeto, explicitação dos critérios de inclusão do idoso (ter idade a partir de 60 anos; ter mais de um ano no grupo de convivência; não ter o diagnóstico de demência ou qualquer outra dificuldade cognitiva que o incapacitasse de participar dos encontros de grupo focal, interessar-se pela pesquisa e ter disponibilidade da participar dos encontros) e convite para participar da pesquisa. Dentre aqueles que

preencheram os critérios, o grupo indicou, através de manifestação verbal, um membro para representá-los na pesquisa.

Para a obtenção das descrições vivenciais (coleta das informações) empregamos a técnica de grupo focal, que ocorreu em três encontros, previamente agendados, com duração, em média, de duas horas, no mês de abril de 2012. Nos encontros, valorizamos a ludicidade com a apresentação dos temas a serem abordados através da Árvore de Temas (construída com papel madeira, cartolina colorida, material emborrachado, entre outros). A raiz representava os idosos; o tronco, a Aagruti; os galhos, os grupos de convivência e as frutas (maçãs), os temas, que foram ordenados na sequência: Qual o papel da associação? O que significa pra você, participar de uma associação de idosos? Antes de se associar e fazer parte dos grupos de convivência, o que mudou em sua visão de mundo? Vocês se consideram idosos cidadãos? Para vocês, o que seria exercer a cidadania? Quais são as contribuições para o exercício da cidadania que você tem realizado?

Em cada encontro, apresentávamos um relatório com a síntese do anterior, exceto no primeiro, em que discutimos a ordem dos temas. Em seguida, efetuávamos a discussão e, para concluir, as idosas avaliavam o momento, a fim de planejarmos o seguinte. Os grupos focais foram gravados e, posteriormente, transcritos.

As descrições produzidas foram submetidas à analítica da ambiguidade, técnica desenvolvida por Sena<sup>(2,8,9)</sup> para a análise de descrições empíricas em estudos com abordagem fenomenológica. Tem como matriz teórica a fenomenologia de Edmund Husserl e a ontologia da experiência de Maurice Merleau-Ponty. O foco da análise não recai sobre a interpretação de vivências, mas na identificação das ambiguidades que se mostram na experiência intersubjetiva entre pesquisador e participantes do estudo<sup>(8,9)</sup>.

A discussão dos resultados teve como fundamento o referencial teórico filosófico de Merleau-Ponty no que tange à abordagem sobre a percepção na perspectiva do corpo próprio, especificamente as dimensões do *corpo habitual* e do *corpo perceptivo*.

A pesquisa foi iniciada após aprovação pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (CEP/Uesb), sob o protocolo de nº 9760.

Os participantes assinaram o Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Para preservar o anonimato os participantes escolheram nomes de frutas como codinomes.

## **O SER CIDADÃO IDOSO NA EXPRESSÃO DO *CORPO HABITUAL***

Durante muitos anos, as sociedades encararam o envelhecimento como um acontecimento natural à existência, logo, pensar na velhice constituía uma vivência imanente ao ser humano. No entanto, com as mudanças no perfil demográfico mundial, que resultou no aumento progressivo da população idosa e das demandas socioculturais, econômicas e políticas inerentes ao novo contexto, a partir da década de 1970, os países desenvolvidos começam a articular programas e movimentos sociais para o enfrentamento da realidade emergente, procedimento que, na década de 1990 se expandiu para os países em desenvolvimento<sup>(10)</sup>.

Assim, a velhice, que constituía uma vivência irrefletida, passa a fazer parte do processo reflexivo, ou seja, aquilo que era imanente torna-se transcendente. A sociedade cria imagens do envelhecimento e a população é estimulada a refletir sobre a velhice como uma fase de vida saudável e ativa.

No Brasil, os debates, fóruns, discussões, eventos científicos e movimentos sociais, contribuíram significativamente com a formulação e a implementação de políticas públicas direcionadas à população idosa. Porém ainda deparamo-nos com inúmeros desafios para a consolidação dessas políticas, fato que nos conduz à seguinte pergunta: será que toda a preocupação com o ser ativo e saudável no contexto gerontológico condiz realmente com as necessidades da pessoa humana que envelhece?

O fato é que o envelhecimento, no contexto ocidental, traz não apenas novas demandas, mas, principalmente, novas preocupações, pois o capitalismo vigente, por priorizar o lucro, valoriza a jovialidade e o vigor físico para o trabalho e a produção, ou seja, importa mais o ter do que o ser. Por conseguinte, a pessoa idosa é levada a exercer um esforço intenso para atender às expectativas sociofamiliares e, caso não consiga, pode sentir-se frustrada, além de contribuir para o fortalecimento do estigma em relação à velhice. Neste contexto, convive-se hoje no Brasil com uma nova

imagem do idoso: *o jovem cidadão idoso*, expressão que formulamos com base nas falas das idosas integrantes desse estudo.

Neste sentido, quando se fala em velhice ainda se retoma uma imagem revestida de valores negativos, que torna o velho, a velhice e o envelhecer eventos indesejáveis e geradores de sofrimentos<sup>(11,12)</sup>. Sob a perspectiva de Merleau-Ponty<sup>(1)</sup> acerca da percepção, esse imaginário social, que retoma um horizonte de passado, constitui uma vivência do *corpo habitual*.

Em função da mudança do perfil demográfico e de toda mobilização social, política, econômica, familiar e cultural que a cerca, o idoso de hoje vivencia uma experiência ambígua. Ao mesmo tempo em que retoma o *corpo habitual* com a imagem do velho que aprendeu historicamente – decrépito, incapaz e inútil – é mobilizado a viver uma imagem construída pela mídia e pelos vários segmentos sociais (profissionais de saúde, gestores, sociedade civil, entre outros) – ser saudável, ativo e capaz – ou seja, o idoso atualiza, no presente, uma imagem passada que se entrelaça com a imagem que está sendo construída.

Portanto, ao abordar o idoso sobre essa fase do ciclo vital que está vivendo, notamos a ambiguidade do *corpo próprio* (percepção), que envolve a retomada do passado (*corpo habitual*) e a projeção ao futuro (*corpo perceptivo*). Ele vivencia, no presente, a experiência de um novo ser que se exprime na participação em movimentos sociais, que reivindica em filas de banco, que é saudável e ativo, um *jovem cidadão idoso*. Contudo, essas atitudes (*corpo perceptivo*) aparecem de forma personificada no ser jovem, garantindo aquilo que é belo, capaz e produtivo, uma vez que, para ser aceito na sociedade, esta lhe impõe tais requisitos. Trata-se, portanto, da experiência do *corpo próprio*, uma vivência ambígua que se mostra por meio das dimensões, a do *corpo habitual* e a do *corpo perceptivo*<sup>(1)</sup>. As descrições a seguir corroboram essa discussão, uma vez que mostram a ambiguidade que as idosas que participaram do grupo focal revelaram no contexto do ser cidadão, ou seja, ser idoso e jovem ao mesmo tempo:

Somos essa árvore cheia de frutinhas. Não uma árvore pura, nem uma raiz pura, mas cheia de frutas (...) por quê? Por que nós somos velhos? Não. Não é porque nós somos velhos (**Uva**).

Eu digo: pois é, sou idosa mesmo, não sou velha não. [...] Mas eu posso sentar também no lugar da mocinha, que eu não tô jogada fora (**Pêssego**).

A minha vida melhorou 100% depois que eu passei pra terceira idade. [...] Eu tô vivendo a minha adolescência hoje (**Laranja**).

Porque às vezes você é jovem e se sente uma pessoa velha, aquela pessoa com ideias velhas, aquelas ideias que tudo ela reprime, não é? Então eles acham, às vezes, que um idoso ele não pode ser jovem, não pode ser feliz. E é o contrário, hoje o velho do idoso tem que ser mesmo é feliz, tem que ser feliz (**Abacaxi**).

Porque ele era jogado lá no canto, dentro de casa. Ficava lá, tinha uns que dava até depressão. E agora não, agora botou pra animar. Por causa da Aagruti. [...] Porque a gente se sente jovem (**Manga**).

[...] Depois que eu me entreguei pra o bem-estar da Aagruti, do meu convívio, a minha vida modificou, eu me senti mais jovem, eu não me senti aquela pessoa antiga, eu não me senti aquela pessoa muito doente, eu fui melhorando pouco a pouco, então minha vida mudou, pra melhor, com certeza (**Goiaba**).

Hoje não, hoje eu tenho juventude que é esses grupos que eu participo. Hoje eu sei o que é viver, na minha idade que eu sei o que é viver (**Melancia**).

Assim, já que a velhice e o envelhecimento situam-se na contracorrente de uma sociedade centrada na produção, no rendimento e no dinamismo, os movimentos sociais surgem na perspectiva de ressignificar a posição dos idosos na sociedade<sup>(3)</sup>. Desse modo, as redes sociais e comunitárias construídas, principalmente, por grupos de convivência e associações para idosos, entendidas como espaços de compartilhamento e estímulo a atitudes de confiança, comportamento de cooperação e reciprocidade, têm se constituído como um dos recursos disponíveis para aliviar as cargas da vida cotidiana e aquelas que provêm das enfermidades, além de diminuir o isolamento social, estimular a participação na comunidade e propiciar o exercício do seu papel de cidadão<sup>(13-15)</sup>.

Em todas as falas, a ambiguidade mostra-se no entrelaçamento da aceitação do idoso e da personificação do ser jovem diante da negação social do processo de envelhecimento. Na reflexão de **Uva**, ela começa afirmando uma tese social que associa o velho àquele que é considerado, metaforicamente, “uma árvore cheia de frutinhas”. Porém a ambiguidade aparece quando ela questiona e, em seguida, nega a relação entre sua sabedoria e a velhice: “Porque nós somos velhos? Não. Não é porque somos velhos”. Ora, se o idoso pode ser uma árvore cheia de frutos, um sábio, e se a

sociedade o identifica desta forma, porque não admitir o velho? O estereótipo associado à palavra faz com que o idoso vivencie a ambiguidade entre valorizar-se como idoso e negar-se como velho, ressaltando uma necessidade de reviver a juventude para ser aceito na sociedade.

As políticas, criadas com o intuito de estimar e ressignificar a pessoa idosa, não foram suficientemente capazes de modificar a sociedade pós-moderna e, como diria Bauman<sup>(15)</sup>, a “modernidade líquida”, em que tudo é transitório e inacabado, e os valores são desconstruídos sem perspectiva de reconstrução. Nesse contexto, ao mesmo tempo em que a população encontra-se diante do impulso compulsivo da produção, da busca pela vitalidade, pela jovialidade e pela força, ela se depara com uma população idosa, cada vez mais presente no mercado de trabalho, nos espaços de lazer, de cultura, de turismo, entre outros, mas, com características opostas às aquelas almejadas na atualidade. O idoso da “modernidade líquida”, acostumado a ter uma imagem sólida, passa a viver a inconstância, característica do estado de liquidez, mas, como ser social que é, começa a personificar sua existência desconstruindo a imagem do velho.

Assim, o personagem criado é o *jovem cidadão idoso* da fala de **Abacaxi**, aquele que para “ser feliz” precisa ser jovem, pois este não tem “ideias velhas” nem se “reprime”. É nesse contexto que a ontologia merleau-pontyana mostra-nos a ambiguidade inerente à percepção humana e nos permite repensar a produção de cuidado ao ser idoso, numa sociedade em que a implantação das políticas públicas é ainda ineficiente: o velho que não se enquadra ou não consegue personificar-se como jovem, participar de grupos de convivência e ser “ativo” pode vir a adoecer, padecer ou “ficar jogado lá no canto” (**Manga**), ou seja, a identificação com o ser idoso implicaria em sofrimento emocional, sendo este um dos fatores atribuídos à ocorrência de depressão e ansiedade nesta fase da vida<sup>(17)</sup>.

Ser velho na sociedade ocidental significa, ainda, conviver com estereótipos que levam as pessoas a incorporar atributos pejorativos como parte de sua personalidade. Ao chegar à velhice, querem continuar satisfazendo o desejo da jovialidade: ser belo, forte, capacitado para o mercado de trabalho. No entanto, de certa forma, percebe

limitações fisiológicas não condizentes com o esperado, o que se configura como frustração de expectativas sociais.

Começa então a vivência de um conflito de identidade, evidenciado na ambiguidade entre o querer ser jovem e a consciência de que está ficando velho. Uma vez que todas as características, ou a maioria delas, já se mostram nele, continua tentando suprir as expectativas sociais. Não obstante a sociedade já esteja começando a conviver com o fenômeno do envelhecimento e percebendo que o idoso tem muitas capacidades, o velho ainda se sente discriminado e vivencia a experiência ambígua.

É neste pêndulo, entre a vontade de exercer a juventude e o saber de sua existência como velho, que coabita a ambiguidade da percepção humana. O ser jovem confere-lhe o status de pessoa saudável, ativa, ao passo que as características da velhice não podem ser modificadas, mas, de alguma forma, ser valorizadas. Esse pensamento encontra ressonância na fala a seguir que desvela, com mais clareza, o sentimento de uma idosa:

Olha gente, em toda parte, sempre o idoso tá presente. Em toda parte, quem tá mais presente hoje é o idoso. Vamos tirar pelas igrejas, quem participa mais da igreja? Tem mais idosos do que jovem, sendo os jovens, eles só fica de fora, não se ajunta ali com nós idosos. Vamos tirar pelo padre lá da nossa paróquia, quando ele fala assim: é porque o grupo de jovem faz e acontece, viva o grupo de jovem. Aí um dia eu falei assim: Viva o grupo de idoso, jovem sou eu (**Banana**)!

Nesta reflexão, **Banana** começa a valorizar a velhice retomando seu *corpo habitual*: “Olha gente, em toda parte, sempre o idoso tá presente”. No entanto, ela nos mostra, mais uma vez, a necessidade de tornar-se um outro, de vivenciar a experiência da ressignificação, ou como preferimos, da *personificação* do idoso na juventude: “Viva o grupo de idoso, jovem sou eu!”

O aspecto novo desta categoria, no que concerne à percepção das pessoas idosas sobre o exercício da cidadania na dimensão do *corpo habitual*, consiste em fazer ver a identidade do cidadão construída na velhice como uma vivência ambígua: em um polo, a retomada dos vividos históricos que trazem uma visão estereotipada do velho, como aquele que está decrépito, desatualizado, doente e incapaz para o desejo de ser saudável; em outro polo, a supressão da velhice por meio da valorização do que é belo,

jovem e ativo personificando o velho como um *jovem cidadão idoso* para integrar-se em uma sociedade que lhe exige tais características.

Desse modo, acreditamos que a compreensão desta ambiguidade subsidiará a enfermagem gerontogeriatrica na elaboração de estratégias de cuidado que estimulem os idosos, por meio da participação em instâncias de mobilização social, para que eles reconheçam-se como uma parcela da população que, ao invés de lutar pela aceitação social e artificializar a imagem do velho, deve preocupar-se em exercer seus deveres e reivindicar o combate às iniquidades referentes à não-efetivação dos seus direitos, sem precisar representar a velhice na figura do ser jovem. Ser, enfim, um *velho cidadão idoso*.

### **O SER CIDADÃO IDOSO NA EXPRESSÃO DO *CORPO PERCEPTIVO***

Esta categoria canaliza o olhar sobre a percepção de pessoas idosas em relação ao exercício da cidadania como expressão do *corpo perceptivo*, que implica em uma ação social. Neste contexto, o *corpo perceptivo* opera sob a orientação do *corpo habitual*, na medida em que retoma um horizonte de passado e move-se em direção ao futuro, projetando-se intencionalmente à frente, pois, em repouso, o corpo é apenas uma massa obscura que, ao se movimentar, faz-nos ver que não podemos conceber a coisa percebida sem alguém que a perceba<sup>(1,2)</sup>.

Neste ponto, as descrições conduziram-nos à percepção de que o exercício da cidadania pelas pessoas idosas envolve a ambiguidade entre o reconhecimento da existência de políticas de proteção e valorização da pessoa idosa e a prática habitual de suas diretrizes, o que implicaria no fortalecimento e respeito aos idosos, no sentido de torná-los sujeitos de direito.

Com a criação de políticas de assistência e de inclusão que oferecem uma nova imagem aos idosos, camuflada com traços de vitalidade e guiada por ações de promoção, no sentido de transformá-los em cidadãos de direitos, protegidos por lei e úteis à sociedade, a população e os próprios idosos começam a ser conduzidos pela mídia e pelos movimentos sociais à compreensão de que o ser idoso requer respeito e cumprimento de seus direitos básicos como, por exemplo, prioridade em qualquer

atendimento e acesso gratuito ao transporte público<sup>(12)</sup>. No entanto, assim como a maioria das conquistas de direitos coletivos que visam a atender grupos prioritários em nosso país (crianças, mulheres, homossexuais, deficientes físicos e idosos) as políticas públicas de saúde, por exemplo, parecem ser implementadas como uma obrigação social e não pelo reconhecimento das necessidades e direitos humanos.

Neste estudo, as falas das idosas revelam que, apesar dos avanços legais a sociedade ainda traz consigo a ideia historicamente construída em torno do envelhecimento humano e as leis são atendidas como uma imposição e não como um hábito.

Tal compreensão ocorre, tanto entre a população não idosa, como entre os próprios idosos, de maneira que ambos os grupos, como seres sociais, vivenciam a mesma ambiguidade, embora retomem seus vividos de forma criativa (*corpo habitual*) e ajam de maneira diferente, operando o *corpo perceptivo*. Assim, de um lado, situa-se a população não idosa, que sabe da necessidade de respeitar os direitos adquiridos pelos idosos, mas, independentemente de sua vontade, desrespeita a pessoa idosa quando age habitualmente, ou quando, de alguma forma, sente-se prejudicada por conta da necessidade de atender as exigências legais. De outro lado, situa-se a população idosa que precisa mostrar-se como cidadã para ser valorizada, reage o tempo inteiro como quem é capaz de lutar e fazer valer aquilo que foi instituído por lei.

Desse modo, nas falas a seguir percebemos que as idosas não exercem sua cidadania apenas pela garantia dos direitos dispostos nos documentos oficiais, mas pela necessidade de mostrar-se como ser atuante em uma sociedade que ainda discrimina a pessoa idosa:

E lutar. Porque ainda tem muita gente ignorante ainda que anda passando na frente da gente (**Melão**).

Nas filas nós encontramos uma dificuldadezinha, porque ainda tem muita gente ignorante, né? Que não reconhece nem seu lado, nem o meu, nem o dela, nem de ninguém [...] Agora nós aprendemos a viver e estamos aprendendo cada dia mais que nós falamos: “ei senhores, se os senhores passarem na minha frente que eu sou idosa, eu quero que o senhor não atravessa na minha frente não, que o senhor não tem esse direito, eu tenho” (**Maçã**).

Não é só isso não, eles tratam mal é todo mundo. Com tudo isso já melhorou, porque a gente hoje já entra no ônibus, eu já chego exercendo minha cidadania. Aí fui pra Salvador e no primeiro dia entrei no ônibus com minha carteirinha, e meu marido com vergonha foi lá pelo fundo e pagou a passagem dele, na segunda vez ele já entrou pela frente e aí acostumou e já começou a entrar pela frente. Quer dizer, é só a gente ir ensinando também né (**Pêra**)?

Porque aí através da Aagruti né? Porque aí também a gente já conhece mais ou menos os nossos direitos. Que antigamente a gente ficava toda cabreira, aí agora já é ousada, já vai na frente [...]Senhora, a fila é cá. Eu digo: Meu filho, eu já tenho 68 anos, e não pego fila não. E aí dou as costas. Êta! Eu sou ousada viu, meu nome é ousadia (**Caqui**).

A interestadual aqui, a gente vai comprar, chega na rodoviária os vendedor só falta mandar a gente sentar pra mijar, pra poder humilhar a gente (**Morango**).

Além das reflexões até então realizadas, percebemos que a inserção dos idosos nos grupos de convivência, nas passeatas, nas reuniões da associação, nas reivindicações, na participação em conselho municipal de saúde, ou em conselho comunitário, abriu possibilidades ao desenvolvimento da capacidade de expressão e de enfrentamento diante das resistências sociais, mobilizando-o para questionar seus direitos, conforme reza o *Estatuto do idoso*, a Política Nacional do Idoso e a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa.

No entanto, a ambiguidade aparece quando tentamos compreender como os vividos se mostram à percepção, ou seja, o que realmente mobiliza os idosos para agirem dessa forma. De um lado, está o preconceito construído historicamente por idosos e não idosos e, do outro, o imperativo de fazer valer seus direitos para serem inseridos na sociedade e não por uma necessidade real.

A fala de **Pêra** revela a operação do *corpo perceptivo*, pois, referindo-se a sua entrada no ônibus coletivo, diz: “eu já chego exercendo minha cidadania”. Esse perfil mostra-nos o que a mobilizou a agir perceptivamente, isto é, o *corpo habitual*, que aparece na maneira como os idosos são tratados em nossa sociedade, pois, na mesma fala, ela diz: “não é só isso não, trata mal é todo mundo”. Além de **Pêra**, **Maçã** também inicia sua fala mostrando o perfil desse fenômeno ao dizer que: “nós (os idosos) encontramos uma dificuldadezinha, porque ainda tem muita gente ignorante, né?” e, mais adiante, ela mostra como reage à dificuldade, questionando os seus direitos, exercendo sua cidadania e projetando-se em direção ao futuro: “mas a gente reunido e fazendo a união, e se conversando, é que chega lá, né”?

Nesta perspectiva, fica clara a precariedade social vivida pela grande maioria de idosos no Brasil, com leis que, embora bem formuladas, parecem uma mera tentativa de camuflar aquilo que realmente é o ponto crucial da questão: a falta de mudanças de comportamentos sociais que permitam aos idosos não ter que se submeter a mendigar direitos como, por exemplo, o acesso gratuito a transporte público, cinemas e outras atividades culturais e de lazer e, principalmente, não precisar submeter-se à deficiência de um serviço público de saúde que não está preparado para lidar com as demandas das doenças crônicas não transmissíveis, características de um país que envelhece<sup>(15,18,19)</sup>.

Os problemas enfrentados pelos idosos em nosso país, no âmbito do conceito amplo de saúde, afetam os seus sentimentos levando-os a agir artificialmente para vencer os obstáculos e conseguir exercer de maneira plena a sua cidadania. A luta diária das pessoas idosas mostra como ainda não conseguimos avançar na compreensão do ser humano que envelhece e, desse modo, somos levados a vivenciar um processo ambíguo entre respeitar a velhice e ter que aceitar a presença dos idosos na sociedade. Nos depoimentos a seguir podemos perceber a ambiguidade vivenciada por todos nós, na generalidade das falas das idosas:

Eu mesmo tenho problema de diabete e pressão alta. Ontem eu fui ao posto medir a pressão e a diabete. Quando cheguei lá eu passei mal [...] Aí as meninas foram chamar a enfermeira e tinha um moço de junto de mim que disse: ah, eu também tenho problema de diabete. Aí a menina falou, eu sou, você é e ela também é, mas o senhor não tá sentindo o problema que ela tá, nem é idoso, então ela tem que ir primeiro, o senhor pode esperar um pouco aí (**Melão**)?

Não vai ao posto não, ainda mais se é gente velha [...] Um dia lá no posto, a mulher chamou até o guarda pra me tirar do lugar, porque eu estava na frente dela. Encheu o saco: “Seu Osvaldo vem aqui tirar essa mulher, essa mulher não tava aqui não”. Eu virei e falei: “Minha filha, eu cheguei aqui 04h, tu chegou agora 07h.” E ela: “Mas a senhora não tava na fila geral.”. Eu falei: “Eu não estou na sua fila, foi a agente de saúde que mandou e pegou os últimos idosos que tava aí e pôs aqui na janela pra marcar o exame” (**Morango**).

Enquanto a sociedade continuar sendo submetida à imposição de ter que aceitar a conviabilidade com os idosos, em função da criação de leis, portarias e decretos, ao invés de reconhecer suas necessidades básicas, sem desvalorizá-los, teremos uma sociedade que vivenciará a ambiguidade perceptiva que transita um ser natural e um dever ser artificial. Somos seres humanos inseridos no mundo e não podemos

objetificar nossa existência com a ideia de tratar pessoas diferentes de modo diferente: somos todos iguais do ponto de vista da impessoalidade e é neste sentido que devemos nos preocupar. Modelos éticos que trabalhem a solidariedade e a humanidade, ao invés de modelos que discriminam e que criam alternativas para mascarar o que realmente está posto, o desrespeito e a intolerância aos mais velhos.

Desse modo, a categoria tenta mostrar como o idoso e a sociedade ainda ignoram o velho, mascarando suas posturas ao agir de maneira artificial. O idoso, tentando mostrar-se ativo e a sociedade, tentando aceitar o envelhecimento. Porém o perfil aparece nos sinais de desrespeito apresentados pela população não idosa e no adoecimento dos idosos que não conseguem ser velhos ativos e saudáveis, por conta, muitas vezes, de alguma deficiência biológica inerente ao processo de senescência.

Assim, quando o idoso integrante de grupos de convivência está diante de uma situação em que seus direitos não são respeitados, ele lança-se à frente, fala, reivindica, questiona e, ao agir dessa forma, desvela a percepção como uma ação do *corpo perceptivo*<sup>(1)</sup>. Logo, quando o idoso vivencia uma situação de violação de direitos ocorre-lhe um sentimento que precede a ação, que é *corpo habitual* e, para tornar-se parte integrante de uma sociedade ele reage com vigor, exercendo sua cidadania como operação do *corpo perceptivo*. Da mesma maneira, a população que ainda não é idosa é levada pelo mundo da cultura a aceitar o envelhecimento, mas retoma o *corpo habitual* com a ideia da desvalorização do que é velho e age de forma indelicada, desrespeitando a pessoa idosa como operação do *corpo perceptivo*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem merleau-pontyana nos permite compreender de que forma os idosos vêm exercendo a sua cidadania no contexto de uma experiência de campo perceptivo, como intencionalidade e parte das experiências vividas.

A questão do envelhecimento encontra limites claros na sociedade ocidental, fazendo com que a vivência do ser velho constitua, a todo momento, uma ambiguidade. O idoso, como ser social, passa a personificar sua imagem no jovem, na

tentativa de romper com o paradigma da velhice e adequar-se ao perfil exigido pela sociedade, criando *o jovem cidadão idoso*.

No entanto, essa tentativa de artificializar a velhice pode fazer com que o idoso, caso não consiga atender os padrões da contemporaneidade, sinta-se incapaz e passe a valorizar os estereótipos atribuídos ao velho, o que poderá implicar em sofrimento mental e declínio de capacidades cognitivas e biológicas.

De outro modo, a população não idosa também vivencia esta ambiguidade, pois, ao mesmo tempo em que tem consciência dos direitos da pessoa idosa, instituídos no mundo da cultura, ela retoma o *corpo habitual*, a imagem do ser idoso como aquele decrépito e inútil, e age desrespeitando a pessoa idosa em diversos cenários do dia a dia. Os idosos, por sua vez, ao perceber que seus direitos estão sendo violados, agem tentando mostrar que são ativos e que podem lutar pela efetivação.

Nesse sentido, o estudo destaca a importância da valorização das relações intersubjetivas, descritas por Merleau-Ponty<sup>(1)</sup>, como medida para compreensão e superação desta situação. Acreditamos que todas as atividades promovidas em grupos de convivência podem fazer com que, a cada evento, o *corpo habitual* transcenda a imagem do velho e mobilize o *corpo perceptivo* para exercer a cidadania, não para que o idoso personifique a velhice na juventude, mas para se tornar de fato sujeito de direitos.

Por isso, ressaltamos a necessidade, por parte dos pesquisadores da gerontologia, de fortalecer, sensibilizar, incentivar e colaborar para o avanço dos movimentos sociais mediados pelos grupos de convivência e associação de idosos. Para tanto, é preciso retomar o tema “exercício da cidadania”, realizando atividades que promovam a sensibilização e o incentivo dos idosos e da sociedade como um todo para discutir o assunto. Na própria fala desses idosos, percebemos como é importante a abordagem dentro dos grupos, por mais que, na maioria das vezes, eles prefiram desenvolver atividades de lazer e descontração.

O estudo nos faz ver como não se pode perder de vista a discussão sobre políticas, direitos e deveres nesses espaços, pois, a nosso ver, se os idosos praticassem sempre as atividades enfocando o tema da cidadania, seu exercício poderia se tornar algo habitual, no sentido merleau-pontyano e, assim, a sociedade iria naturalmente

reconstruindo a imagem da velhice. Desse modo, o exercício da cidadania deixaria de ser uma ação em busca da aceitação social e passaria a ser uma ação natural, orientada por um hábito.

## REFERÊNCIAS

1. Merleau-Ponty M. Fenomenologia da percepção. Tradução: Carlos Alberto Moura. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
2. Sena ELS. A experiência do outro nas relações de cuidado: uma visão merleau-pontyana sobre as vivências de familiares cuidadores de pessoas com doença de Alzheimer [tese]. Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem; 2006.
3. Moreira V, Nogueira FNN. Do indesejável ao desejável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade. *Psicol.USP*. 2008; 19(1): 59-79.
4. Almeida PM, Mochel EG, Oliveira MSS. O idoso pelo próprio idoso: percepção de si e de sua qualidade de vida. *Rev. Kairós Gerontol*. 2011; 13(2): 99-113.
5. OMS. Organização Mundial de Saúde. Envelhecimento ativo: uma política de saúde / World Health Organization; tradução Suzana Gontijo. – Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005: 60.
6. Brasil. Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa, aprovada pela Portaria n. 2.528, de 19 de outubro de 2006. Brasília: Diário Oficial da República Federativa do Brasil, 2006.
7. IBGE. Censo Demográfico Brasil, 2010. Disponível: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/>. Acessado em: 31 de agosto de 2011.
8. Sena ELS, Gonçalves LHT. Vivências de familiares cuidadores de pessoas idosas com doença de Alzheimer: perspectiva da filosofia de Merleau-Ponty. *Texto Contexto Enferm*. 2008 Abr-Jun; 17(2): 232-40.
9. Sena ELS, Gonçalves LHT, Granzotto MJM, Carvalho PAL, Reis HFT. Analítica da ambigüidade: estratégia metódica para a pesquisa fenomenológica em saúde. *Revista Gaúcha de Enferm*. [internet]. 2010; 31(4):769-775.
10. Camarano AA, Pasinato MT. O Envelhecimento populacional na agenda das políticas públicas. In: Camarano AA. Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60? Rio de Janeiro: IPEA. 2004; Cap. 8: 253-92.

11. Debert GG. A reinvenção da velhice. São Paulo: Edusp, 2004.
12. Correa MR, França SAM, Hashimoto F. Políticas públicas: a construção de imagem e sentidos para o envelhecimento humano. *Estud. Interdiscipl. Envelhec.* 2010; 15(2): 219-238.
13. Martins EJS. De volta à escola: investindo em uma proposta de Universidade Aberta à Terceira Idade [tese]. Marília (SP): Universidade Estadual Paulista (UNESP). Faculdade de Filosofia e Ciências; 1997.
14. Veras R. A novidade da agenda social contemporânea: a inclusão do cidadão de mais idade. *Rev. A Terceira Idade.* 2003; 14(28): 06-29.
15. Peres MAC, Vieira EA, Pestana LP. Velhice e ação política: os movimentos sociais e as políticas públicas do idoso no Brasil. In: *Anais do 2ª Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais no Brasil, 2005 Out 13-15; Cascavel, Brasil.* Cascavel (SP): UNIOESTE; 2005.
16. Bauman Z. *Modernidade Líquida.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
17. Batistoni SST, Neri AL. Percepção de classe social entre idosos e suas relações com aspectos emocionais do envelhecimento. *Psicologia em Pesquisa (UFJF).* 2007; 1(02): 03-10.
18. Camarano A. *Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros.* Rio de Janeiro: IPEA, 1999.
19. Debert GG. A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. *Rev. Bras. de Ciências Sociais.* 1996; 12(34): 39-56.

## 5.2 SEGUNDO MANUSCRITO: O GRUPO DE CONVIVÊNCIA COMO *CORPO FALANTE*

Este manuscrito será submetido à *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia* e foi elaborado conforme as instruções para autores, disponíveis no link: <<http://revista.unati.uerj.br/revistas/rbgg/pinstruc.htm>>, consultadas em outubro de 2012.

*O GRUPO DE CONVIVÊNCIA COMO CORPO FALANTE*<sup>4</sup>*ACQUAINTANCE GROUP AS A SPEAKING BODY*

Luana Machado Andrade<sup>5</sup>  
Edite Lago da Silva Sena<sup>6</sup>

**Resumo**

**Objetivo:** descrever a percepção de pessoas idosas integrantes de grupos de convivência sobre o exercício da cidadania, sob a dimensão do *corpo falante* à luz do pensamento de Maurice Merleau-Ponty. **Método:** fundamentado na ontologia da percepção merleau-pontyana que aborda a noção de corpo próprio, o estudo contou com a participação de treze idosas, integrantes de grupos de convivência na cidade de Jequié/BA. As descrições vivenciais foram produzidas em encontros de grupo focal e submetidas à analítica da ambiguidade, técnica que consiste em suspender as teses que postulam ser as coisas em si mesmas e perceber as ambiguidades que lhes são inerentes. **Resultados:** aponta os grupos de convivência como *corpo falante*, por serem ambientes que produzem, nos idosos, a arte da expressão e da articulação de pensamentos, como resultante da operação intercorporal e, por conseguinte, intersubjetiva. **Conclusões:** a abordagem fenomenológica nos fez ver que a integração em grupos de convivência apresenta-se como uma possibilidade de vivenciar a experiência de abertura ao outro e ressignificar a cidadania dos idosos, ressaltando a importância desses espaços no sentido de sensibilizá-los a fim de que possam adotar uma nova maneira de posicionar-se como sujeito de direitos.

**Palavras-chave:** Idoso. Participação cidadã. Filosofia em enfermagem.

---

<sup>4</sup> Recorte da dissertação de mestrado: ANDRADE, L. M. **Percepção de idosos integrantes de grupos de convivência sobre o viver/envelhecer cidadão**. 2012. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde. Área de Concentração: Saúde Pública. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Jequié/BA.

<sup>5</sup> Enfermeira. Mestranda do PPGES/UESB, campus de Jequié/BA. End.: rua Jornalista Fernando Barreto, 340 – Centro, Jequié/BA. CEP: 45203 120. E-mail: [luanamachado87@hotmail.com](mailto:luanamachado87@hotmail.com) (A pesquisadora trabalhou na pesquisa, metodologia, concepção e redação final e declara não haver conflitos de interesses).

<sup>6</sup> Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente do PPGES, Nível Mestrado – UESB, campus Jequié/BA. End.: Rua 2ª Travessa Afrânio Peixoto, 86 – Mandacarú, Jequié/BA. CEP: 45 207 390. E-mail: [editelago@gmail.com](mailto:editelago@gmail.com) (A pesquisadora trabalhou na pesquisa, concepção e redação final e declara não haver conflitos de interesses).

**Abstract**

**Objective:** to describe the perception of elderly people members of acquaintance groups on citizenship exercise, under the *speaking body* dimension under the light of the thought of Maurice Merleau-Ponty. **Method:** based on the ontology of Merleau-Ponty perception that addresses the notion of the body itself, the study involved the participation of thirteen elderly women, members of acquaintance groups in the city of Jequié/BA. Experience descriptions were produced in focus group meetings and submitted to the ambiguity analytics, a technique that consists in suspending the theories that postulate be things in themselves and realize the ambiguities inherent in them. **Results:** points acquaintance groups as *speaking body*, because they are environments that produce in the elderly, the art of expression and articulation of thoughts, as resulting from the interbody operation and therefore intersubjective. **Conclusions:** phenomenological approach made us see that integration in acquaintance groups, presents itself as an opportunity to live the experience of openness to others and reframe citizenship of the elderly, emphasizing the importance of these spaces in order to sensitize them so they can adopt a new way to position themselves as subjects of rights.

**Keywords:** Philosophy in Nursing. Elderly. Citizen participation.

## INTRODUÇÃO

A ideia de construção deste artigo, considerando o grupo de convivência para pessoas idosas como *corpo falante*, emergiu de estudos sobre a noção de percepção desenvolvida por Maurice Merleau-Ponty, que a descreve como ontologia do *corpo próprio*. Para o filósofo, o *corpo* refere-se à experiência perceptiva em que, a cada momento de nosso cotidiano, somos levados a retomar um horizonte de passado (temporalidade), que consiste tanto na manifestação de acontecimentos históricos modificados, como em vivências inéditas, resultantes da intuição. O *próprio* relaciona-se à possibilidade de tornar-se *outro*, em função da dinamicidade operativa da percepção.

Nesta perspectiva, a noção de *corpo* em Merleau-Ponty<sup>1</sup>, não corresponde ao corpo anatomofisiológico, embora este seja indispensável à ocorrência daquele. Para o autor, o *corpo próprio* refere-se à percepção humana, que se desvela sob cinco dimensões: *corpo habitual*, *corpo perceptivo*, *corpo sexuado*, *corpo falante* e *corpo do outro*.<sup>1,2</sup>

No presente artigo, objetivamos descrever a percepção de pessoas idosas, integrantes de grupos de convivência, a respeito do exercício da cidadania, sob a perspectiva do *corpo falante*. Este caracteriza-se pela eficácia na produção de falas, articulação de ideias e formulação de pensamentos, de que se segue que a fala não constitui o código e a expressão do pensamento, mas o precede.<sup>3</sup> Neste sentido, os grupos de convivência para idosos podem ser configurados como *corpo falante*, na medida em que se mostram como espaços de relação dialógica, de intersubjetividade, enfim, de produção de falas.

Com o processo de envelhecimento humano e o elevado número de idosos na sociedade atual, os grupos de convivência passam a ganhar destaque como espaços de (re)socialização desse grupo etário, que vivencia mudanças biológicas e sociais em um contexto no qual predomina a visão estereotipada da velhice, associada a imagens de doenças, solidão e tristeza.<sup>4,5</sup>

Alguns estudos destacam a importância desses espaços na promoção de atividades de lazer, cultura, esporte, educação e turismo, o que abre, para os integrantes, a possibilidade de formularem novas visões de mundo em relação ao ser idoso, especialmente por permitir a expressão da vitalidade, o compartilhamento de experiências agradáveis com os pares e o exercício da cidadania na velhice.<sup>6,7,8,9</sup>

Assim, o presente estudo mostra-se relevante na medida em que trará uma nova compreensão da noção de percepção humana, abordando o processo de envelhecimento, a cidadania e os grupos de convivência como espaços que abrem possibilidades para que os idosos tornem-se um outro, capaz de exercer o papel de cidadão como condição inerente a vida humana.

## **TRAJETÓRIA METODOLÓGICA**

Trata-se de um de abordagem qualitativa fenomenológica, fundamentado na ontologia da experiência de Merleau-Ponty, que descreve a percepção como essência do ser humano – experiência dialógica e intersubjetiva que se exprime como generalidade.<sup>1</sup>

O cenário da pesquisa foi a Associação de Amigos, Grupos de Convivência e Universidade Aberta à Terceira Idade (Aagruti) que integra idosos vinculados a grupos de convivência na cidade de Jequié/BA, município que possui, aproximadamente, 17.330 idosos, equivalendo a 11,4% de sua população total, mas que ainda não avançou na implantação de políticas públicas para atender suas demandas socioculturais e de saúde.<sup>10</sup>

Participaram da pesquisa 13 idosas, com idade de 60 a 77 anos, integrantes de grupos de convivência vinculados à Aagruti. O procedimento para a composição desse grupo participante percorreu os seguintes passos: visita aos grupos com apresentação do projeto, explicitação dos critérios de inclusão do idoso (ter idade a partir de 60 anos; ter mais de um ano no grupo de convivência; não ter o diagnóstico de demência ou qualquer outra dificuldade cognitiva que o incapacitasse de participar dos encontros de grupo focal, interessar-se pela pesquisa e ter disponibilidade de participar dos

encontros) e convite para participar da pesquisa. Dentre aqueles que preencheram os critérios, o grupo indicou, através de manifestação verbal, um membro para representá-los na pesquisa.

Para a obtenção das descrições vivenciais (coleta das informações) empregamos a técnica de grupo focal, que ocorreu em três encontros, previamente agendados, com duração, em média, de duas horas, no mês de abril de 2012. Nos encontros, valorizamos a ludicidade com a apresentação dos temas a serem abordados através da Árvore de Temas (construída com papel madeira, cartolina colorida, material emborrachado, entre outros). A raiz representava os idosos; o tronco, a Aagruti; os galhos, os grupos de convivência e as frutas (maçãs), os temas, que foram ordenados na sequência: Qual o papel da associação? O que significa pra você, participar de uma associação de idosos? Antes de se associar e fazer parte dos grupos de convivência, o que mudou em sua visão de mundo? Vocês se consideram idosos cidadãos? Para vocês, o que seria exercer a cidadania? Quais são as contribuições para o exercício da cidadania que você tem realizado?

Em cada encontro, apresentávamos um relatório com a síntese do anterior, exceto no primeiro, em que discutimos a ordem dos temas. Em seguida, efetuávamos a discussão e, para concluir, as idosas avaliavam o momento, a fim de planejarmos o seguinte. Os grupos focais foram gravados e, posteriormente, transcritos.

As descrições produzidas foram submetidas à analítica da ambiguidade, técnica desenvolvida por Sena<sup>2,11,12</sup> para a análise de descrições empíricas em estudos com abordagem fenomenológica. Tem como matriz teórica a fenomenologia de Edmund Husserl e a ontologia da experiência de Maurice Merleau-Ponty. O foco da análise não recai sobre a interpretação de vivências, mas na identificação das ambiguidades que se mostram na experiência intersubjetiva entre pesquisador e participantes do estudo.<sup>11,12</sup>

A discussão dos resultados teve como fundamento o referencial teórico de Merleau-Ponty no que tange à abordagem sobre a percepção na perspectiva do corpo próprio, especificamente a dimensão do *corpo falante*.

A pesquisa foi iniciada após aprovação pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (CEP/Uesb), sob o protocolo de nº 9760.

Os participantes assinaram o Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Para preservar o anonimato os participantes escolheram nomes de frutas como codinomes.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste estudo, os grupos de convivência que constituíram os cenários da pesquisa foram considerados como *corpo falante*, pois ali é produzida a arte da expressão e da articulação de pensamentos, que resulta da operação intercorporal e, por conseguinte, intersubjetiva. Nesses espaços, os idosos, como sujeitos de direitos, podem refletir sobre seus lugares sociopolíticos e culturais e, nesse processo, construir sua cidadania.

Desde quando as idosas tornam-se integrantes dos grupos, elas passam a compartilhar vivências que, com o decorrer do tempo, tornam-se generalidades, ou seja, vivências que lhes são comuns. Ao serem interrogadas sobre o que mudou em suas vidas, antes e após a inserção nos grupos, com relação ao exercício da cidadania, revelaram, entre outros aspectos, que se sentem mais encorajadas à reivindicação de seus direitos, o que se deve à intersubjetividade mobilizada pelo grupo como *corpo falante*.

O estudo partiu da intuição de que, embora os idosos residentes no município estudado integrem grupos de convivência e estejam vinculados à Aagruti, parece que não têm exercido, de fato, o papel de sujeitos de direitos, no sentido de luta política em busca da efetivação desses direitos, em termos da implantação das políticas públicas para o acesso a bens e serviços voltados para a melhoria da qualidade de vida das pessoas idosas.

A noção de cidadania, apesar de naturalizada no senso comum, no sentido real do termo, pode ainda estar imanente no imaginário social e não praticado efetivamente. Assim, “o objeto mais familiar parece-nos indeterminado enquanto não encontramos seu nome, por que o próprio sujeito pensante está em um tipo de ignorância de seus pensamentos enquanto não os formulou para si ou mesmo disse e escreveu”.<sup>1:241</sup> Desta forma, os grupos de convivência têm papel fundamental na

produção de *falas falantes* e articulação de pensamentos capazes de proporcionar mudanças políticas e sociais no campo gerontogeriátrico.

O *corpo falante* descrito na obra *Fenomenologia da percepção*, do filósofo citado, apresenta-se como a capacidade humana de estabelecer comunicação, na tentativa de preencher uma carência que põe em movimento a fala do outro<sup>2</sup>. É essa relação dialógica que caracteriza a dinâmica dos grupos de convivência, configurando-se como palco propício à produção artística de um novo modo de viver e envelhecer cidadão.

Para tanto, é necessário que esse corpo falante seja sensibilizado e mobilizado à práxis do senso crítico, do exercício do ser sujeito de direitos. O filósofo destaca que a ocorrência de uma expressão bem-sucedida implica em fazer a significação existir como uma coisa no coração do texto, que seja capaz de abrir uma nova dimensão à experiência do leitor<sup>1</sup> e, no grupo, cada integrante é ao mesmo tempo, escritor e leitor e, por conseguinte, capaz de produzir significações e abrir possibilidades à experiência do outro.

Ao exprimir suas vivências como integrantes da Aagruti, as idosas participantes do estudo referem-se à organização como espaço indispensável à ressignificação de suas vidas:

Tem que ter a associação para a gente, pra render fruto, né (**Abacaxi**)?

Então eu sinto assim, que foi depois dessa associação (**Uva**).

Através da Aagruti é que tem muita luta, que a gente luta muito pra correr atrás dos nossos direitos (**Melancia**).

Essas considerações em relação ao papel da Aagruti talvez lhes ocorram em função do conhecimento que têm da situação em que vive a maioria dos idosos em nosso país, em comparação com elas, que têm a oportunidade de participar de uma associação. O fato de retomarem as mudanças ocorridas em suas vidas antes e depois de se integrarem a grupos de convivência e, conseqüentemente, vincularem-se à Aagruti, constitui uma oportunidade de ressignificar a experiência, o que, ecoando o pensamento de Merleau-Ponty<sup>1</sup>, corresponde à experiência do *outro*, permitida pela manifestação do *corpo falante*. Na intersubjetividade dos grupos de convivência, esse

*corpo* mobiliza o integrante a expressar o sentido da vivência, conforme aparece nos depoimentos a seguir:

Porque a gente vê a batalha, a luta pra trazer as coisas, pra fazer as viagens, então a Aagruti é o alicerce mesmo para o idoso (**Pêra**).

Eu sempre dou valor a essa associação porque tem um acompanhamento, tem os amigos que estão lá, outras que vão de visita, leva pra sessão, para as coisas. [...] Levantou o idoso que era tudo doente, que tava quase botando vela na mão pra morrer, e ela assim, restabeleceu. Então eu sinto assim, que foi depois dessa associação. Deus abençoe a pessoa que pensou nisso, e que proteja muito a vida dela (**Pêssego**).

E a Aagruti também foi uma associação que Deus botou na nossa vida, que luta muito por nós idosos. Busca longe e nos ensina muito também nós lutar. Através da Aagruti é que tem muita luta, que a gente luta muito pra correr atrás dos nossos direitos (**Manga**).

Essas descrições mostram que a participação nos grupos trouxe melhorias significativas e mudanças à vida das idosas, corroborando outras pesquisas que apontam que as atividades realizadas nos grupos contribuem bastante para o desenvolvimento das atividades da vida diária de pessoas idosas, que passam a obter reconhecimento e valorização, tanto por parte dos familiares como da sociedade em geral.<sup>9</sup> Talvez seja essa valorização social um dos motivos por que uma idosa deste estudo chegou a afirmar que o “espírito” delas foi “levantado”, que elas passaram a dar “frutos”, pois, em uma perspectiva social, a maioria dos idosos não é vista como ativa, participante e sujeito de sua própria vida.

As necessidades e as aspirações de uma pessoa idosa devem compor seu projeto de vida pessoal e social, o que lhe proporciona um novo modo de viver seu envelhecimento. A maneira como se integra às possibilidades de convivência, influi em seu envolvimento e forma de participação, em suas escolhas e potencial de assumir-se como um ser ativo, inovador, resistente e protagonista.<sup>13</sup>

No contexto das leis já regulamentadas em nosso país, percebemos que a lei nº 8.842/94 (PNI) em seu artigo primeiro institui que “A Política Nacional do Idoso tem por objetivo assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade”.<sup>14</sup> Neste sentido, participar da Aagruti representa o meio que lhes possibilita exercer seu dever como

cidadãos instituídos e lhes dá o direito ao acesso às políticas públicas. No entanto, para a efetivação desta cidadania é necessário que os idosos sintam-se sujeitos de direitos, e o envolvimento em grupos abre possibilidade à experiência de tornar-se outro, como diz Merleau-Ponty<sup>1</sup> acerca da vivência do *eu posso*.

No processo intersubjetivo vivenciado, nos grupos, por meio da fala, as idosas articulam seus pensamentos. Ao mesmo tempo, elas retomam os pensamentos dos semelhantes e, assim, as reflexões enriquecem-se mutuamente. Deste modo, nós nos comunicamos, assumindo as palavras do outro, fazendo-as em nosso corpo e, assim, a significação não está necessariamente em nós nem no outro: “para que a entendamos, a única possibilidade é refazê-la em nós, logo, a significação é imanente à fala”.<sup>2:76</sup>

Assim, o que nos faz ver o grupo de convivência como corpo falante é a sua semelhança com a obra de arte, uma tela, uma música ou um poema. Como na arte, o grupo de convivência fala por si só. Ao contemplar a obra, não se pensa nas partes que a constituem, mas ela se mostra como um todo a nossa percepção e nos possibilita transcender a outros cenários. Neste estudo, podem ser considerados “cenários”, além dos grupos de convivência, as filas de banco, os caixas lotéricos, os serviços de saúde e o sistema de transporte coletivo.

Como integrantes de uma associação, no momento em que vivenciam a possibilidade de efetivarem seus direitos no campo social, as idosas utilizam a fala como operação da *carne gloriosa* – a linguagem, na perspectiva merleau-pontyana. Sendo assim, aquilo que era sensível – os sentimentos que os idosos vivenciam diante das barreiras sociais para o gozo de seus direitos – torna-se reflexão, mediante a coragem de lutar pela efetivação das políticas, o que foi uma conquista da inserção nos grupos de convivência e na Aagruti, que constituem espaços de expressão do *corpo falante*.

Para Merleau-Ponty<sup>1:153</sup> “o orador não pensa antes de falar nem mesmo enquanto fala; sua fala é seu pensamento”. No contexto vivenciado pela população idosa em nosso país, o *corpo falante* permite-lhe criar e retomar a possibilidade de ser cidadão. Os diversos “cenários” são como “telas” em que o artista pode pintar o que se pretende ser no domínio das lutas pela consolidação das políticas públicas. Esta ideia torna-se mais consistente no diálogo com as falas das idosas participantes da pesquisa:

Porque através da Aagruti também tem a força dos postos, que nós não tinha essa intimidade, nós não tinha, como ela falou aqui, não tinha aquela intimidade da gente chegar na frente e dizer: primeiro é os idosos. E veio essa semente da onde? Desse pé de árvore (referindo-se a *Árvore de Temas*, apresentada na metodologia desta dissertação) que é a Aagruti, né [...] (**Melão**)?

[...] Tinha essa necessidade pra a gente se alicerçar em alguma coisa, pra justamente fazer isso que nós estamos fazendo aqui, exercer a nossa cidadania. Justamente por isso porque sem essa associação nós não teríamos toda essa ousadia que nós temos hoje, que nós estamos vendo tanto aí, né? De ir para a fila do banco e reclamar que o idoso ele tem prioridade. Dentro do ônibus, também as passagens que nós já batalhamos muito pelas passagens [...] (**Morango**).

Ó, depois que mudou o idoso, a gente tem os direitos da gente, ensinou muito nós, ensinou nós muitas coisa, primeiramente nós num tava defendendo nossos direitos, porque a gente chegava numa fila não sabia se defender: numa fila de banco, numa fila de posto, a gente não sabia se defender. [...] Então foi uma coisa que nos ensinou muito, inclusive ensinou nós a conversar, eu tinha vergonha de conversar, hoje eu converso. O certo, o errado, mas o que tem dentro de mim eu coloco pra fora, então foi muito bom, muito bom. E isso a cada dia vai nos ensinando (**Caqui**).

As falas de **Melão**, **Morango** e **Caqui** permitem-nos perceber os cenários do dia a dia, funcionando como um todo de possibilidades para o exercício da cidadania. A liberdade em expressar-se através da “força dos postos”, do “ir para a fila do banco e reclamar que o idoso tem prioridade”, e o fato de que a Aagruti “inclusive ensina a conversar”, tudo isso faz-nos ver como o *corpo falante* se exprime, trazendo para o estudo em questão uma reflexão sobre a importância dos grupos de convivência no processo de exercício da cidadania dos idosos.

As questões associadas à velhice estão demandando, com o tempo, vários esforços, no sentido de manter o idoso inserido no meio social e uma das formas de inserção é através da formação de grupos de convivência, nos quais a pessoa nessa fase da vida encontra espaço para desenvolver diversas atividades que lhe permitem ressignificar a existência.<sup>9</sup>

A maioria dos participantes menciona a satisfação com a interação social com família, amigos e vizinhos como condição indispensável à conquista cidadã. As relações entre os participantes dos grupos de convivência de idosos fortalecem a experiência coletiva e favorecem a ampliação interpessoal, o que evidencia a

importância da intersubjetividade para que os idosos desenvolvam o sentido de si, como seres cidadãos e sociais.<sup>6</sup> Esta reflexão encontra ressonância na fala a seguir:

Às vezes o preconceito vem da gente. Porque a gente acha, porque nós estamos na idade, nós não precisamos mais viver, que o velho tem que morrer. Eu digo pra vocês: esse grupo quando apareceu eu fui logo do primeiro, aí eu comecei participar, mas eu só vivia com isso na cabeça. Eu tinha uma vergonha, eu dizia: eu, com meu cabelo ruim, eu vou pra onde desse jeito? Até pra missa que eu ia, eu ia com um lenço na cabeça. Pra eu chegar assim numa social dessa pra eu conversar, eu não conversava não, eu ficava lá no canto ó, tinha uma vergonha de conversar, porque eu tinha medo de falar errado, e as pessoas sorrirem de mim, as pessoas me criticarem [...] quando chegava uma pessoa assim, tinha qualquer coisa na casa: “D. Melancia, eu vim lhe chamar que lá em casa hoje vai ter um aniversário, vai ter uma reza, eu vim lhe chamar para a senhora ir”. E eu dizia: tá certo, eu vou fulano. Quando a pessoa virava as costas eu dizia: Eu? Eu não vou não. Eu não vou não, eu véa, o que é que eu vou fazer lá? Lugar de véi é dentro de casa [...]. Hoje, a pessoa não abre a boca duas vezes pra me chamar pra eu ir a algum lugar (**Goiaba**).

O relato de **Goiaba** mostra como a pessoa idosa vivencia a ambiguidade entre o exercício da cidadania e a vergonha de ser cidadã. No meio social em geral, a idosa encontra uma barreira à cidadania, mas, a partir da inserção na Aagruti, na convivência com os pares, ela é encorajada a expressar-se, rompendo com o sentimento de exclusão como cidadã.

Esta ruptura pode estar relacionada ao fato de que, nos grupos de convivência as idosas têm a oportunidade de repensar a terceira idade como uma etapa de independência, maturidade e tempo de usufruir atribuições ligadas ao dinamismo, à atividade, ao lazer. Logo, passam a ter coragem de integrar-se progressivamente aos espaços públicos, como estratégias de sociabilidade que lhes permitem tecer novas relações sociais e fugir do isolamento. Portanto, mais uma vez, percebemos, a importância que os grupos exercem na vida dessas pessoas, pois, ali, elas têm a possibilidade de encontrar estímulo para uma vida social saudável, desenvolver sua cultura, ter momentos de lazer e exercer a cidadania. Melhoram-se, assim, sua autoestima e sua aceitação na sociedade, pois é nesses locais que aprendem lições de cidadania, de participação e de como colaborar para o bem comum, aprendendo que para ser cidadão não há limite de idade.<sup>9</sup>

As falas mostram que o grupo de convivência como *corpo falante* constitui espaço de abertura ao outro, compreendida sob o olhar merleau-pontyano, como desobstrução dos poros da carne, ou seja, é por meio da intersubjetividade que acontece nos grupos que aqueles idosos mais introspectivos podem retomar suas falas e conseguir exercer a cidadania. Desse modo, a interferência do mundo da cultura na obstrução dos poros da carne, em função dos estereótipos em relação a velhice, é minimizada por meio das relações entre os pares e das experiências vividas.

Ao tentar romper o silêncio primordial que permeia o ruído das falas, **Goiaba** diz: “às vezes o preconceito vem da gente”. Mais à frente, ela complementa: “eu tinha uma vergonha (...)”. Nessas falas, a vergonha e o preconceito decorrem da concepção estereotipada que ainda se tem da velhice, que é ressignificada por meio da participação no grupo.

Desse modo, podemos acreditar que as ações desenvolvidas com idosos têm resultado em significativas alternativas de ressocialização, de melhoria da qualidade de vida e de promoção da cidadania.<sup>15</sup> Os encontros de pessoas idosas, nos mais diversos cenários – grupos e centros de convivência, escolas, faculdades ou universidades abertas – não representam mais atividades irrelevantes, mas sim, uma realidade bem consolidada.

Os estudos fenomenológicos no campo da percepção humana permitem-nos destituir a visão superficial sobre o homem. Ao contrário, começamos a remontar sua origem, a partir da tentativa de descrever a fala como um gesto, e de compreender sua significação no mundo.<sup>1</sup>

Nesse contexto, o grupo de convivência apresenta-se como *corpo falante* que avança na compreensão da cidadania como elemento primordial à participação social dos idosos. Toda vez que se integra a um grupo, avança-se na construção do conhecimento, na interação, e consolida-se uma nova maneira de posicionar-se na sociedade, com mais segurança e atitude.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo revelou-nos que os grupos de convivência apresentam-se na experiência perceptiva de idosos, como *corpo falante*. No imaginário social, a velhice aparece como uma etapa final do processo de viver e, ao participar de grupos, as idosas percebem que o processo de aprendizagem, de ressignificação e, por sua vez, a educação do ser humano não é uma etapa vinculada exclusivamente à infância ou à juventude, mas algo inacabado que lhes faz, paradoxalmente, sentirem-se mais vivas a cada envelhecer. As idosas integrantes do estudo compreendem os grupos de convivência como instâncias de reposição de novas experiências de vida na relação com os outros, e a cidadania acontece no momento em que se agregam novos conhecimentos e faz-se valer a vontade coletiva.

Desse modo, os grupos de convivência como *corpo falante* permitem que as idosas reflitam sobre a noção de que sempre é tempo de serem sujeitos de direitos, de falar o que pensam sem medo de críticas e de reivindicar respeito e consideração onde quer que sejam agredidas socialmente. Os grupos fazem com que elas percebam que o ser humano jamais estará pronto ou acabado, mas em constante processo de construção e de aprendizagem, até a experiência de alteridade mais radical – a morte – e que a velhice deve ser vivida com a garantia das necessidades básicas respeitadas, da mesma forma como se devem respeitar as pessoas de outras idades.

O estudo aponta a importância desses espaços no sentido de estimular as pessoas idosas a exercerem sua cidadania assim como realizam atividades inerentes à vida. O exercício da cidadania não deve ser algo elaborado ou representado para garantir inserção social: ele deve ser uma expressão de vida elaborada por si, pelos outros e enfim, pela sociedade da qual é parte integrante.

Assim, todas as atividades promovidas pelos grupos de convivência deverão ter um fundo social, no sentido de sensibilizar e mobilizar a produção de falas que conduzem os idosos ao reconhecimento de que são sujeitos de direitos e que devem lutar para que estes direitos se consolidem na prática, com a implementação das políticas públicas visando a uma melhor qualidade de vida dos idosos.

Por se tratar de um estudo fenomenológico, que trata da percepção e do corpo como veículo do ser no mundo, nada mais natural que, a partir da descrição dos grupos de convivência como *corpo falante*, novas possibilidades sejam abertas para que outras experiências vividas como corpo próprio sejam discutidas em novos estudos, avançando na compreensão do exercício da cidadania das pessoas idosas.

## REFERÊNCIAS

1. Merleau-ponty M. Fenomenologia da percepção. Tradução: Carlos Alberto Moura. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
2. Sena ELS. A experiência do outro nas relações de cuidado: uma visão merleau-pontyana sobre as vivências de familiares cuidadores de pessoas com doença de Alzheimer [tese]. Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem; 2006.
3. Merleau-Ponty M. A prosa do mundo. Tradução: Paulo Alves. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
4. Mauriti R. Padrões de vida na velhice. *Análise social* 2004; 39(171): 339-363.
5. Menezes KMG, Frota MHP. O lazer enquanto expressão de vitalidade na velhice: a experiência de um centro de convivência de idosos em Fortaleza-CE. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção* 2012; 11(32): 486-501.
6. Borges PLC, *et al.* Perfil dos idosos frequentadores de grupos de convivência em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. *Cad. Saúde Pública*. 2008; 24(12): 2798-2808.
7. Rodrigues AA, Justos JS. A resignificação da feminilidade na terceira idade. *Estud. Interdiscipl. Envelhec* 2009; 14(2): 169-186.
8. Coutinho RX, Acosta MAF. Ambientes masculinos da terceira idade. *Ciênc. Saúde Coletiva* 2009; 14(4): 1111-1118,
9. Rizzoli D, Surdi AC. Percepção dos idosos sobre grupos de terceira idade. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.* 2010; 13(2):225-233.
10. IBGE. Censo Demográfico Brasil, 2010. Disponível: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/>. Acessado em: 31 de agosto de 2011.

11. Sena ELS, Gonçalves LHT. Vivências de familiares cuidadores de pessoas idosas com doença de Alzheimer: perspectiva da filosofia de Merleau-Ponty. *Texto Contexto Enferm.* 2008 Abr-Jun; 17(2): 232-40.
12. Sena ELS, Gonçalves LHT, Granzotto MJM, Carvalho PAL, Reis HFT. Analítica da ambigüidade: estratégia metódica para a pesquisa fenomenológica em saúde. *Revista Gaúcha de Enferm.* [internet]. 2010; 31(4):769-775.
13. Graciani JS, Silveira NDR. Envelhecimento compartilhado: participação de idosas no grupo de convivência da comunidade Nova Pantanal. In: *Resumo do III Congresso Ibero-americano de Psicogerontologia s.d., São Paulo. São Paulo: PUC, 2009.*
14. Lei nº. 8.842 Política Nacional do Idoso 1994 jan 4. *Pub DO 1(1), [jan 5 1994].*
15. Dal Rio MC. *Perspectiva Social do Envelhecimento [coordenação geral Áurea Eleotério Soares Barroso]. São Paulo: Secretaria Estadual de Assistência e Desenvolvimento Social: Fundação Padre Anchieta. 2009.*

### 5.3 TERCEIRO MANUSCRITO: A EXPERIÊNCIA DO *OUTRO* E O VIR A SER CIDADÃO IDOSO

Este manuscrito será submetido à revista *Texto & Contexto Enfermagem* e foi elaborado conforme as instruções para autores, disponíveis no link: <[http://www.jped.com.br/port/normas/normas\\_07.asp](http://www.jped.com.br/port/normas/normas_07.asp)>, consultadas em outubro de 2012.

A EXPERIÊNCIA DO OUTRO E O VIR A SER CIDADÃO IDOSO<sup>1</sup>

THE EXPERIENCE OF OTHERS AND THE BECOMING AN ELDERLY CITIZEN

LA EXPERIENCIA DEL OTRO Y EL TORNARSE UN CIUDADANO ANCIANO

Luana Machado Andrade<sup>2</sup>, Edite Lago da Silva Sena<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup>Recorte da dissertação de mestrado: ANDRADE, L. M. **Percepção de idosos integrantes de grupos de convivência sobre o viver/envelhecer cidadão**. 2012. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde. Área de Concentração: Saúde Pública. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Departamento de Saúde. Jequié/BA.

<sup>2</sup>Enfermeira. Mestranda do PPGES. Professora Substituta do DS da UESB, campus Jequié/BA. End.: Rua Jornalista Fernando Barreto, 340/ Centro. Jequié/BA – Brasil. CEP: 45203 120. Tel.: (073) 88357168. E-mail: luanamachado87@hotmail.com

<sup>3</sup>Enfermeira. Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Professora Adjunta do DS/UESB, campus de Jequié/BA. Docente do Programa de Pós Graduação Enfermagem e Saúde – PPGES, Nível Mestrado – UESB, campus Jequié/BA.

---

**RESUMO**

O estudo objetiva descrever a percepção de idosos sobre o exercício da cidadania, à luz do pensamento de Maurice Merleau-Ponty, com base na noção de *corpo sexuado* e *corpo do outro*. Desvela-se a partir da participação de treze idosas, integrantes de grupos de convivência na cidade de Jequié/BA, que produziram descrições vivenciais em encontros de grupo focal. Tais descrições foram submetidas à analítica da ambiguidade, técnica que consiste em suspender as teses que postulam ser as coisas em si mesmas e perceber as ambiguidades que lhes são inerentes. Dessa análise, emergiram duas categorias: *o ser cidadão idoso na expressão do corpo sexuado* e *o ser cidadão idoso na expressão do corpo do outro*. As reflexões mostraram que a inserção de idosas em grupos de convivência e seu desejo de exercer a cidadania ocorrem, dentre outras razões, pela necessidade de serem aceitas na sociedade e reconhecidas como sujeitos de direitos.

**Descritores:** Idosos. Participação cidadã. Filosofia em enfermagem.

## ABSTRACT

The study aims to describe the perception of the elderly on the exercise of citizenship in the light of the thought of Maurice Merleau-Ponty, based on the notion of sexual body and the other body. Discloses was from the participation of thirteen elderly, members of acquaintance groups in the city of Jequié/BA, which produced experiential descriptions in focus group meetings. Such descriptions were submitted to ambiguity analytics, a technique that consists in suspending the theories that posit be things in themselves and notice the ambiguities inherent in them. From this analysis, two categories have emerged: *being an elderly citizen in the expression of the sexed body* and *being an elderly citizen in the expression of the other's body*. The reflections have shown that the inclusion of elderly women in acquaintance groups and their desire to exercise citizenship occur, among other reasons, by the need to be accepted in society and recognized as subjects of rights.

**Descriptors:** Elderly. Citizen participation. Philosophy in Nursing.

## RESUMEN

El estudio tiene como objetivo describir la percepción de las personas mayores en el ejercicio de la ciudadanía, a la luz del pensamiento de Maurice Merleau-Ponty, basado en la noción de cuerpo sexual y el cuerpo de otro. Revela se con la participación de trece ancianas, miembros de grupos de convivencia en Jequié/BA, que produjeron descripciones vivenciales en reuniones de grupos focales. Tales descripciones fueron sometidas a la analítica de la ambigüedad, técnica que consiste en suspender las teorías que postulan ser las cosas en sí mismas y observar las ambigüedades inherentes a ellas. A partir de este análisis, dos categorías surgieron: *ser ciudadano anciano en la expresión del cuerpo sexuado* y *ser ciudadano anciano en la expresión del cuerpo del otro*. Las reflexiones demostraron que la inclusión de ancianas en grupos de convivencia y su deseo de ejercer la ciudadanía se producen, entre otras razones, por la necesidad de ser aceptadas en la sociedad y reconocidas como sujetos de derechos.

**Descriptores:** Ancianos. Participación ciudadana. Filosofía en Enfermería.

## INTRODUÇÃO

Em decorrência do envelhecimento populacional, os idosos têm se tornado uma parcela significativa da população, com o potencial de influenciar na vida política do país, o que se faz representar em diferentes instâncias da sociedade.<sup>1</sup> Alguns deles, diante da necessidade de interação com outros idosos, passam a inserir-se em grupos de convivência vinculados a associações, cujo objetivo principal consiste em possibilitar o protagonismo dos indivíduos dessa faixa etária.

Na condição de integrante desses grupos, a maioria dos idosos percebe que a rotina de sua vida começa a mudar, principalmente no que refere à reconstrução de vínculos sociais e diminuição da solidão.<sup>2</sup> Nos grupos, compartilham alegrias, afeto, amor, tristezas e conhecimentos, o que funciona como estratégia de suporte emocional e motivação para o estabelecimento de objetivos de vida.

Tão significativos têm sido os efeitos dessa participação que é possível perceber cada vez mais, que as questões relacionadas ao bem-estar físico, psicológico e social dos idosos despertam o interesse de pesquisadores e formuladores de políticas de saúde, educação, trabalho e seguridade social. Dessa maneira, vários elementos passam a ser apontados como determinantes de bem-estar para esse segmento da população, dentre os quais se destacam a longevidade, a saúde biológica e psíquica, a satisfação, a competência social, a atividade produtiva e de lazer, a eficácia cognitiva, o *status* social a melhoria da renda, a continuidade de papéis familiares, ocupacionais e de relações informais em grupos de amigos.<sup>3</sup>

Nesse contexto, os grupos de convivência inscrevem-se como instâncias que objetivam promover o *empowerment* dos idosos, a partir da sensibilização para que se tornem sujeitos de direitos.<sup>4</sup> Assim, os diversos grupos criados nos últimos anos têm possibilitado o fortalecimento do movimento social de idosos, desmistificando, progressivamente, o preconceito constituído em torno do velho, de maneira a constituir, na sociedade, uma concepção segundo a qual o idoso seja tratado com respeito e dignidade e tenha a garantia da efetividade de seus direitos, sob a forma de políticas de proteção.

No entanto, em um levantamento bibliográfico sobre o tema *políticas públicas para idosos no Brasil*, realizado nas bases de dados da *BVS* e do *Scopus*, compreendemos que, apesar da presente década apresentar-se como um período de criação, articulação, integração e consolidação de planos e redes de proteção e de garantia de direitos dessas pessoas, ainda existem lacunas importantes nas políticas implantadas no país, lacunas estas que merecem destaque e atenção por parte, principalmente, do movimento social.<sup>5,6</sup>

Nessa perspectiva, este artigo objetiva descrever a percepção de pessoas idosas, integrantes de grupos de convivência, a respeito do exercício da cidadania. Tal descrição baseia-se em análise realizada segundo os parâmetros do *corpo sexuado* e do *corpo do outro*, estabelecidos pelo filósofo Maurice Merleau-Ponty.

Em sua obra *Fenomenologia da percepção*, o autor afirma que só podemos “compreender a função do corpo vivo realizando-a eu mesmo na medida em que sou um corpo que se levanta em direção ao mundo”.<sup>7:114</sup> Esse *corpo* cuja concepção o filósofo, posteriormente, vai aprofundar, estabelecendo a noção de *corpo próprio*, diferente do corpo anatomofisiológico, refere-se à dinâmica da experiência perceptiva, que acontece pela operação da totalidade dos sentidos dos seres humanos entrelaçados no mundo, ao qual filósofo denominou carne porosa. Desse modo, a percepção humana ou vivência do *corpo próprio* implica em abertura e *intercorporeidade* com o semelhante, com as coisas e com o mundo, processo que ocorre em cinco dimensões: *corpo habitual*, *corpo perceptivo*, *corpo falante*, *corpo sexuado* e *corpo do outro*.

No presente artigo, ocupamo-nos em estabelecer um diálogo envolvendo as descrições vivências de idosas acerca de sua cidadania, da noção de *corpo sexuado* e *corpo do outro*, e de estudos que tratam do tema do envelhecimento e da participação cidadã na velhice.

A opção por discutir apenas duas dimensões do corpo próprio ocorreu-nos, no momento da análise das descrições vivenciais, ao percebermos que a participação ativa de idosos em grupos de convivência constitui uma abertura para o outro, tanto para o semelhante, como, principalmente, para o *outro eu mesmo* – experiência de transcendência – o que corresponde à noção merleau-pontyana de *corpo sexuado* e de *corpo do outro*. Neste contexto, o sexual não é o genital, mas a vivência gozosa de

diálogo, intersubjetividade e entrelaçamento que ocorre na experiência coletiva do grupo e que faz do sujeito *outro*.

Sob essa perspectiva, as descrições vivenciais dos idosos a respeito do exercício da cidadania, vistas a partir das dimensões do *corpo sexuado* e do *corpo do outro*, mostraram-nos que o vir a ser cidadão idoso efetiva-se no diálogo, por meio da *intercorporeidade*, cujo espaço, nos grupos de convivência, configura-se como estratégia fomentadora da participação social e construção cidadã. Portanto, o estudo oferece uma contribuição nova ao sentido da relação entre ser idoso, grupos de convivência e cidadania.

## **TRAJETÓRIA METODOLÓGICA**

Trata-se de um de abordagem qualitativa fenomenológica, fundamentado na ontologia da experiência de Merleau-Ponty, que descreve a percepção como essência do ser humano – experiência dialógica e intersubjetiva que se exprime como generalidade.<sup>7</sup>

O cenário da pesquisa foi a Associação de Amigos, Grupos de Convivência e Universidade Aberta à Terceira Idade (Aagruti) que integra idosos vinculados a grupos de convivência na cidade de Jequié/BA, município que possui, aproximadamente, 17.330 idosos, equivalendo a 11,4% de sua população total, mas que ainda não avançou na implantação de políticas públicas para atender suas demandas socioculturais e de saúde.<sup>8</sup>

Participaram da pesquisa 13 idosas, com idade de 60 a 77 anos, integrantes de grupos de convivência vinculados à Aagruti. O procedimento para a composição desse grupo participante percorreu os seguintes passos: visita aos grupos com apresentação do projeto, explicitação dos critérios de inclusão do idoso (ter idade a partir de 60 anos; ter mais de um ano no grupo de convivência; não ter o diagnóstico de demência ou qualquer outra dificuldade cognitiva que o incapacitasse de participar dos encontros de grupo focal, interessar-se pela pesquisa e ter disponibilidade da participar dos encontros) e convite para participar da pesquisa. Dentre aqueles que preencheram os

critérios, o grupo indicou, através de manifestação verbal, um membro para representá-los na pesquisa.

Para a obtenção das descrições vivenciais (coleta das informações) empregamos a técnica de grupo focal, que ocorreu em três encontros, previamente agendados, com duração, em média, de duas horas, no mês de abril de 2012. Nos encontros, valorizamos a ludicidade com a apresentação dos temas a serem abordados através da Árvore de Temas (construída com papel madeira, cartolina colorida, material emborrachado, entre outros). A raiz representava os idosos; o tronco, a Aagruti; os galhos, os grupos de convivência e as frutas (maçãs), os temas, que foram ordenados na sequência: Qual o papel da associação? O que significa pra você, participar de uma associação de idosos? Antes de se associar e fazer parte dos grupos de convivência, o que mudou em sua visão de mundo? Vocês se consideram idosos cidadãos? Para vocês, o que seria exercer a cidadania? Quais são as contribuições para o exercício da cidadania que você tem realizado?

Em cada encontro, apresentávamos um relatório com a síntese do anterior, exceto no primeiro, em que discutimos a ordem dos temas. Em seguida, efetuávamos a discussão e, para concluir, as idosas avaliavam o momento, a fim de planejarmos o seguinte. Os grupos focais foram gravados e, posteriormente, transcritos.

As descrições produzidas foram submetidas à analítica da ambiguidade, técnica desenvolvida por Sena<sup>9-11</sup> para a análise de descrições empíricas em estudos com abordagem fenomenológica. Tem como matriz teórica a fenomenologia de Edmund Husserl e a ontologia da experiência de Maurice Merleau-Ponty. O foco da análise não recai sobre a interpretação de vivências, mas na identificação das ambiguidades que se mostram na experiência intersubjetiva entre pesquisador e participantes do estudo.<sup>10,11</sup>

A discussão dos resultados teve como fundamento o referencial teórico de Merleau-Ponty no que tange à abordagem sobre a percepção na perspectiva do corpo próprio, especificamente as dimensões do *corpo sexuado* e do *corpo do outro*.

A pesquisa foi iniciada após aprovação pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (CEP/Uesb), sob o protocolo de nº 9760. Os participantes assinaram o Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Para preservar o anonimato os participantes escolheram nomes de frutas como codinomes.

## O ser cidadão idoso na expressão do *corpo sexuado*

Embora historicamente constituamos teses, por exemplo, de que fazer parte de uma associação de idosos significa o envolvimento em um mecanismo de mobilização social que implica em reivindicações da efetivação de direitos e melhoria de condições e qualidade de vida, este estudo mostra as ambiguidades que contornam a dinâmica da percepção humana, o que implica no despertar para novas possibilidades de configuração no contexto do exercício da cidadania e da integração em grupos de convivência.

A operação do *corpo sexuado*, como dimensão da percepção humana, mostrou-se, no estudo, como efeito nos comportamentos e atitudes dos idosos frente ao movimento gerado pelo processo de transição demográfica, caracterizado pelo aumento da população idosa e das demandas emergentes do fenômeno, significa, portanto, uma abertura à experiência do outro, isto é, a vivência da transcendência. Assim, o *corpo sexuado* não tem a ver com o genital, mas com o desejo de satisfação na vida, de desenvolver os diversos papéis sociais com prazer, e isso se faz na intersubjetividade com o semelhante, envolvendo a integralidade dos sentidos, a percepção. O *sexual*, no sentido merleau-pontyano, solicita os gestos do outro e integra uma totalidade afetiva.<sup>7</sup>

Na intersubjetividade que se inscreve na vida dos idosos integrantes de grupos de convivência, a todo o momento se exprime uma nova possibilidade de vida, como um sentido que estava no campo fenomenal e que se desvela por meio da integração ao grupo. Neste sentido, é possível entender que um corpo que vive sozinho e em ambientes restritos tem a sua saúde e vitalidade comprometidas, pois necessita de espaço, movimento e, principalmente, da relação com o outro. “A exclusão privada favorece o processo de descorporificação, o desaparecimento da pessoa, porque sem o corpo não há existência, deixando lugar apenas para o diagnóstico”.<sup>12: 146</sup>

O fato de conhecer novas pessoas, novos pares com que se identifique, traz o sentimento de pertença e, com ele, surgem os elos de amizade fundamentais no processo de autonomia e construção de novos projetos de vida. Ao fazer parte do

grupo, o idoso passa a interessar-se mais por si mesmo, pelo outro e por novas informações. Esta relação representa uma forma de renovar a vitalidade, de viver mais e melhor, o que dá sentido à vida que, para alguns, havia se tornado vazia durante a velhice.<sup>13</sup> Esta constatação encontra ressonância nas falas das idosas participantes do estudo:

*Eu acho que a Aagruti é uma coisa muito boa para os idosos, que o idoso ficou mais novo [...] A ousadia do velhinho, que agora nós se acha. A gente acha um carinho muito gostoso e vem disso, da Aagruti (Uva). Hoje em dia a gente vê os velhinhos mais alegres: vai pra passeata? Eu digo: vou! Quer dizer, deu aquele sentido na pessoa, né? [...] Porque tudo isso que tá me dando aquela energia, aquela coisa. Eu tenho também que passear, eu tenho que me distrair (Pêssego). Hoje eu passei a manhã toda de cama, mas eu digo: eu vou, eu tenho que ir! Agora eu nem tô sentindo mais nada. Olha a diferença, não é isso? É disso que o idoso precisa (Abacaxi).*

Os depoimentos fazem ver que um corpo que se dirige ao mundo em busca de algo, diante de tantos desafios enfrentados, biológica e socialmente, encontra nos grupos uma possibilidade de abertura ao *outro*, de exercício do *corpo sexuado*, como projeção a uma nova realidade, a algo que lhe proporciona prazer em ser e fazer, o que configura uma perspectiva diferente daquilo que historicamente se convencionou como sendo o ser cidadão.

A possibilidade de fazer parte de um grupo, em um espaço onde possa realizar diferentes atividades e, ao mesmo tempo, conversar, sorrir e estar com outras pessoas, é referido nas falas como uma experiência renovadora entre os idosos. Este cenário, favorece o aumento da autoestima, da valorização pessoal e faz com que ele exerça livremente a sua cidadania.<sup>4</sup> No entanto, como toda vivência corporal é ambígua e se mostra sempre em perfil, podemos desvelar os sentimentos que caminham junto com a sensação de prazer por estar no grupo. Quando **Uva** diz que *os idosos ficou mais novo*, mostra a necessidade de sentir-se jovem, atribuída, talvez, à busca de uma valorização social que o próprio idoso não reconhece. Afinal, como podemos visualizar o exercício da cidadania das idosas integrantes deste estudo, se, ao invés de se identificar como idosas, personificam-se como jovens?

Estudiosos comentam que, discutir a velhice em um país como o Brasil, que conserva o ideário de ser uma nação jovem, não é tarefa fácil, pois, embora a ciência tenha contribuído para retardar o processo biológico inerente ao envelhecimento, não dá conta de transformar os estereótipos culturalmente atribuídos a essa fase da vida.<sup>14</sup> Nesse contexto, o idoso vive a ambiguidade entre aceitar e negar o envelhecimento, o que se mostrou nas falas como necessidade de sentir-se mais jovem na tentativa de atender uma representação social.

**Pêssego** fala sobre sua experiência de participar de um grupo de convivência: *deu aquele sentido na pessoa, né?* E, como é próprio das relações intersubjetivas, **Abacaxi** corrobora a fala de **Pêssego** com a expressão de um sentimento de coexistência: *agora eu nem tô sentindo mais nada. Olha a diferença, não é isso? É disso que o idoso precisa.* Essas descrições desvelam um novo sentido vivenciado pelas idosas integrantes de grupos de convivência, o que favorece sua ressignificação como ser cidadãs. Elas parecem substituir o sofrimento decorrente de doenças e de sentimentos de tristeza por sensação de alegria, satisfação pessoal e capacidade de tornar-se *outro*.

Desse modo, o estudo conduz-nos à reflexão de que, apesar dos grupos de convivência apresentarem-se como espaços de educação em saúde, de (res)socialização e de integração com os pares, possibilitando a compreensão dos idosos em torno das transformações biológicas e sociais decorrentes do processo de envelhecimento, é necessário fazer ver, no âmbito gerontológico, que, além destas contribuições, o grupo tem o importante papel de ressignificar a vida de seus integrantes. Nestes espaços, elaboram um sentimento de autonomia social, através do compartilhamento de vivências universais e intersubjetivas, que favorece a abertura ao *outro* e a operação do *corpo sexuado*, proporcionando-lhes prazer, satisfação, elevação da autoestima e, por sua vez, o exercício da cidadania na velhice.

## O ser cidadão idoso na expressão do corpo do outro

A reflexão sobre o que leva as pessoas idosas a integrar-se em grupos de convivência e o que mudou em suas vidas ao comparar o antes e o depois da inserção nos grupos, conduziu-nos à percepção de que o evento ocorre a partir da necessidade de interação social, mais especificamente, com os pares. Com isso, a maioria dos idosos percebe uma mudança na rotina de vida, em particular, a ruptura com a solidão e com a alienação do meio social.<sup>2</sup> No grupo, compartilham alegrias, afeto, amor, tristezas e conhecimentos, o que lhes serve de suporte emocional e motivador para a construção de objetivos na vida.

A resignificação da vida percebida pelas idosas permite a vivência do *corpo do outro*, especialmente com o reconhecimento e a valorização por parte da sociedade. Os espaços coletivos dos grupos de convivência constituem estratégias indispensáveis para vir a ser cidadão idoso, na medida em que oferecem oportunidade para a experiência intercorporal.

Ao fazer uma leitura das descrições vivenciais das idosas, sob a perspectiva figura-fundo, percebemos a ambiguidade, inerente à percepção, mobilizada por duas dimensões da natureza humana. De um lado, as idosas buscam compartilhar sentimentos de coexistência com os pares, o que constitui uma vivência da impessoalidade. De outro lado, inserem-se nos grupos para ter maior visibilidade e aceitação social, no sentido em que lhes é exigido que sejam idosas ativas e saudáveis, o que se configura como uma vivência reflexiva ou da pessoalidade, ressaltando-se o fato de que as duas motivações contribuem para a experiência do *outro*. As falas a seguir corroboram a vivência ambígua:

*[...] às vezes nós vê uma festa na rua, é toda representada. A gente vê, aqui é o grupo dos idosos, muito bem representado, muito bem recebido (Caqui). [...] esse exemplo mesmo da caminhada, eu acho que, por exemplo, esses movimentos que se faz aí na praça já é um exemplo, já é uma admiração pelo idoso. Outra coisa são os corais que se apresentam aí nas festas e festivais de torta. Tudo isso já é uma apresentação pra sociedade e um meio dela valorizar esses idosos (Goiaba). [...]*

*então, a gente não tinha nada disso e hoje em dia a gente tem. A gente desfila na rua, aí cada um com a toalha na cabeça, tudo cheio de bola, unido, né? Só o povo tirando foto. Eu acho que é maravilhoso, né (Manga)? [...] mudou muita coisa né [...] porque tem muita coisa que a gente tem os direitos que não tinha dentro da sociedade (Melão). [...] hoje não! Eu digo, eu peço: Deus, se a morte for descanso, eu quero viver cansada! É assim que eu falo hoje. Por quê? Hoje nós temos nossos direitos, nós temos nossos direitos por tudo. Nós temos nossos direitos por onde nós anda, ninguém pode criticar de nós, pois agora, nós temos direito na sociedade (Melancia).[...] hoje eu converso na fila, eu pergunto a algumas pessoas, até indico o número da seção quando a pessoa não sabe. Quer dizer, eu estou me sentindo firme, né? Graças a Deus, agradeço todos os dias (Pêra).*

Uma retomada da leitura das descrições com base na relação figura-fundo, permite perceber a ambiguidade do movimento das dimensões que integram a natureza humana. **Goiaba** diz: *esses movimentos que se faz aí na praça já é um exemplo, já é uma admiração pelo idoso [...] Tudo isso já é uma apresentação pra sociedade e um meio dela valorizar esses idosos.* A figura constitui a expressividade das idosas proporcionada pela intersubjetividade dos grupos, que as levam a mobilizar-se em diversos cenários sociais – praça, festas e festivais de tortas – e o fundo, como perfil, revela a necessidade de realizar essas atividades não apenas pela satisfação pessoal, mas para serem valorizadas e reconhecidas pela sociedade.

Na concepção de alguns autores, os idosos inserem-se nas atividades dos grupos de convivência, pois, além de conviverem continuamente com pessoas da mesma idade, também participam de atividades educativas – estudos e debates – promovidas por alguns professores e estudantes de universidades locais. Essa convivência intergeracional favorece sua integração social com grupos mais jovens e valoriza o potencial que possui como cidadão.<sup>2</sup>

Desse modo, as descrições vivenciais fizeram-nos ver, ainda, que, se a maioria das idosas condiciona o ser cidadã a seu reconhecimento na sociedade, a capacidade de ajudar os outros, de se mostrarem ativas, jovens e solidárias pode colaborar para tal reconhecimento. Tais potencialidades desvelam-se como uma síntese que se faz do processo intencional, envolvendo: intuição, operação da linguagem e objetivação.<sup>15</sup>

Assim, a inserção nos grupos permite-lhes refletir sobre o atributo de solidariedade, que se efetiva na ação cidadã coletiva, cumprindo o dever de contribuir para o desenvolvimento social:

*Outra coisa, eu acho que a cidadania, eu na minha mente, no meu pensar [...] eu acho que é a melhor cidadania que essa pessoa pode ter é ajudar o próximo, ajudar a sociedade (Laranja). [...] bom, como foi dito naquele dia, eu da minha parte, eu posso dizer que exercer a cidadania é como eu que já ajudei muitas pessoas, nessa maneira, trazer pessoas pra aposentadoria, pegar pessoas, tipo de favores, que é doente, sem família, botar até dentro de casa pra regenerar a saúde, levar de uma cidade pra outra, carregar pra um outro médico, eu carregava, levava, pedia pro prefeito, pedia as pessoas ajuda pra cuidar daquelas pessoas. Eu acho que o dever de uma cidadã dentro da sociedade é esse (Morango).*

Deste modo, tornar-se sujeito de direitos não se limita à reivindicação de direitos pessoais e coletivos, mas, especialmente, relaciona-se ao cumprimento de deveres que vão além da ajuda humanitária em si.

Como resultado do cumprimento de deveres, particularmente com relação à ajuda humanitária, espera-se conquistar maior valorização social, o que pode contribuir, inclusive, para elevar a autoestima e aumentar a preocupação com o cuidado de si. Essa reflexão encontra ressonância em afirmativas de estudiosos do tema, que apontam a necessidade de superação do estigma, historicamente constituído no imaginário popular, que associa velhice à pessoa descuidada, com aparência desagradável, solitária ou diferente daquela considerada bonita, agradável e feliz.<sup>16</sup> As descrições a seguir revelam a experiência do *outro* com relação à ruptura de estereótipos atribuídos ao idoso:

*[...] eu antes era uma pessoa muito amém, amém e amém. Hoje tô numa ousadia só (risos). Viajo sozinha com o meu grupo, passo 15 dias, 17 dias, 20 dias. Marido não quer ir não? Tchau. E vou pra festa. Dança, quem quer dançar. Quem não quer, fica olhando. Eu não danço, mas eu vou. E a gente tá assim, diferente, não é? A gente tem uma visão da vida totalmente diferente [...] a gente vê hoje assim, eu acho que a fisionomia do idoso é diferente, a fisionomia do idoso antes e depois dos grupos da terceira idade [...] olha como estamos mais jovens, não é isso? (Banana).*

[...] *Pra mim mudou, porque toda vida eu fiz, mas eu fazia com medo, porque tinha repressão. A gente fazia, mas tinha repressão. Tanto das leis quanto da própria população, tinha repressão. Já hoje, a gente tem abertura. A gente fazia, mas fazia as escondidas, e hoje a gente faz e muitas pessoas criticam, falam: “vocês estão fazendo papel de besta, isso não vai valer nada”. Mas a gente faz sem medo. A coisa que eu mais sinto felicidade na vida é quando eu vejo uma pessoa necessitando daquilo, e eu luto e consigo ajudar aquela pessoa (Maçã).*

Estudiosos ressaltam a importância dos grupos como ambientes de convivência social e de integração, em que os idosos realizam múltiplas atividades, entre elas, trabalhos manuais, exercícios físicos, danças e viagens, permitindo o diálogo, a socialização de informações e conhecimentos, o que ajuda a dissipar a solidão.<sup>2</sup>

No entanto, no meio social, o idoso nem sempre consegue superar a ruptura de estereótipos. Quando **Maçã** relata que: *fazia as escondidas*, e **Banana** corrobora dizendo: *A gente tem uma visão da vida totalmente diferente*, parece-nos que a repressão ainda se faz presente nos sentimentos dessas idosas e que a inserção nos grupos de convivência conduzem-nas a vivenciar uma existência ambígua: por um lado, a felicidade de fazer parte dos grupos diante da socialização que lhe proporciona; por outro, o sentimento de repressão social que é atribuído aos velhos.

O estudo mostra-nos como os estereótipos podem afetar a impessoalidade das idosas, uma vez que, como seres sociais, vivenciam a ambiguidade entre o que sentem de si mesmas e o pensamento do outro em relação a si, ou seja, a perspectiva do mundo cultural, que implica no preconceito social é sempre percebida pelas idosas, mesmo que reflexivamente não se sintam desse jeito. Ser velho em nosso país significa ser inválido, incapaz e inútil. Desse modo, as pessoas passam a incorporar esse estereótipo como parte dos seus sentimentos, porque elas são constituídas no mundo e, como *ser no mundo*, constroem sua impessoalidade. Assim, quando chegam à velhice, querem continuar satisfazendo o desejo da sociedade em que se inserem e, com a vontade de conviver com o jovem, com o belo, com o forte, o capacitado para o mercado de trabalho, começam a sentir que estão, de certa forma, perdendo o que as pessoas esperam delas, como se estivessem frustrando as expectativas sociais.

As idosas participantes do estudo revelaram que as mudanças decorrentes de sua inserção nos grupos de convivência estão relacionadas à capacidade de sentirem-se *renovadas*, e essa *renovação* aparece pela retomada da juventude. Desta forma, sob o olhar de Merleau-Ponty, acerca do *corpo do outro*, o *outro* se mostra a partir da integração no grupo que, em função da intersubjetividade, permite a transcendência. Essa vivência mostra-se de maneira ambígua, no desvelamento da satisfação e do prazer como possibilidade de sentir-se jovem. Ou seja, para elas, ser idosa é estar velha, doente, depressiva e, ao contrário, ser jovem é estar feliz, saudável, sorridente e comunicativa.

Assim, a ambiguidade se mostra como uma experiência positiva, pois a dinâmica da percepção faz com que as idosas integrantes de grupos de convivência tornem-se *outro* a cada instante de participação e produção de atividades no grupo, o que lhes possibilita ressignificar-se como cidadãs idosas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo possibilitou descrever a percepção sobre o exercício da cidadania por pessoas idosas integrantes de grupos de convivência, à luz do pensamento de Merleau-Ponty acerca do *corpo sexuado* e do *corpo do outro*. Mostrou que a inserção de idosas nos grupos e seu desejo de exercer a cidadania ocorrem, dentre outras razões, pela necessidade de serem aceitas na sociedade e reconhecidas como cidadãs idosas.

Nesta perspectiva, os profissionais de saúde precisam compreender a pessoa idosa sob uma lógica que desmistifique a ideologia da sociedade ocidental contemporânea que, atribui à palavra *velho* um sentido pejorativo: aquele de ‘pessoa de que já não servem mais’. Assim, devem valorizar a inserção de idosos em grupos existentes na comunidade que favoreçam seu reconhecimento como sujeitos de direitos e protagonistas de suas vidas. Assim contribuirão para a construção de uma sociedade na qual não seja mais necessário representar a imagem do idoso jovem para que ele seja aceito pelos demais grupos etários, uma sociedade em que as pessoas sejam respeitadas e valorizadas como cidadãs, independentemente dos papéis sociais que

representam e das dificuldades inerentes à idade.

Acreditamos que estudos de natureza fenomenológica como o presente, no contexto da gerontologia, possibilitam a valorização das pessoas idosas, uma vez que buscam compreender descrições vivenciais que fornecem subsídios ao planejamento de ações voltadas para o atendimento mais humanizado no âmbito das políticas públicas sociais e de saúde, no sentido de fortalecer sua inserção social como sujeitos de direitos.

Finalmente, compreender a dinâmica que envolve a experiência do *corpo sexuado* e do *corpo do outro*, mostrou-nos a construção de um conhecimento inacabado, no qual os fenômenos nunca se desvelam em si por inteiro, não sendo possível alcançar todas as suas perspectivas neste ensaio.

## REFERÊNCIAS

1. Souza Jr, Kullok AT, Telles, JL. A Agenda 21 Global e a Agenda 21 Brasileira: desafios para a inclusão social dos idosos. *Comun Ciênc Saúde*. 2006; 4(17): 291-302.
2. Leite MT, Coppellari VT, Sonogo J. Mudou, mudou tudo na minha vida: experiências de idosos em grupos de convivência no município de Ijuí/RS. *Rev. Eletr. de Enf.* 2002; 4(1): 18-25.
3. Neri AL. *Qualidade de Vida e Idade Madura*. Campinas: Papyrus; 2007.
4. Rizzoli D, Surdi AC. Percepção dos idosos sobre grupos de terceira idade. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.* 2010; 13(2):225-233.
5. Telles JL. A construção das políticas públicas nos espaços democráticos de participação cidadã: a violência contra pessoas idosas na agenda do movimento social. *Cienc Saude Colet.* 2010; 15(6): 2669-2671.
6. Andrade, LM et al. Políticas Públicas para pessoas idosas no Brasil: uma revisão integrativa. *Ciênc. saúde coletiva*. Rio de Janeiro. [online]. 2012 [acesso em 2012 ago 19] Disponível em: [http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/artigo\\_int.php?id\\_artigo=9712](http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/artigo_int.php?id_artigo=9712).
7. Merleau-Ponty M. *Fenomenologia da percepção*. Tradução: Carlos Alberto Moura. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

8. IBGE. Censo Demográfico Brasil, 2010. Disponível: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/>. Acessado em: 31 de agosto de 2011.
9. Sena ELS. A experiência do outro nas relações de cuidado: uma visão merleau-pontyana sobre as vivências de familiares cuidadores de pessoas com doença de Alzheimer [tese]. Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem; 2006.
10. Sena ELS, Gonçalves LHT. Vivências de familiares cuidadores de pessoas idosas com doença de Alzheimer: perspectiva da filosofia de Merleau-Ponty. *Texto Contexto Enferm.* 2008 Abr-Jun; 17(2): 232-40.
11. Sena ELS, Gonçalves LHT, Granzotto MJM, Carvalho PAL, Reis HFT. Analítica da ambiguidade: estratégia metódica para a pesquisa fenomenológica em saúde. *Revista Gaúcha de Enferm.* [internet]. 2010;31(4):769-775.
12. Monteiro PP. Espaços internos e externos do corpo: envelhecimento e autonomia. *Revista Serviço Social & Sociedade.* 2003; 1(75): 146.
13. Menezes KMG, Frota MHP. O lazer enquanto expressão de vitalidade na velhice: a experiência de um centro de convivência de idosos em Fortaleza-CE. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção.* 2012; 11(32): 486-501.
14. Ávila AH, Guerra M, Meneses MPR. Se o velho é o outro, quem sou eu? A construção da auto-imagem na velhice. *Pensamiento Psicológico.* 2007; 3(8): 7-18.
15. Terra MG, Gonçalves LHT, Santos EKA, Erdmann AL. Fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty como referencial teórico-filosófico numa pesquisa de ensino em enfermagem. *Rev Gaúcha Enferm.* 2009 set; 30(3):547-51.
16. Almeida PM, Mochel EG, Oliveira MSS. O idoso pelo próprio idoso: percepção de si e de sua qualidade de vida. *Rev. Kairós Gerontol.* 2011 março; 13(2): 99-113.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O INACABAMENTO DO SER CIDADÃO IDOSO

A expressão do que *existe* é uma tarefa infinita (MERLEAU-PONTY, 2011, p.118).

O estudo aborda sobre a percepção de pessoas idosas integrantes de grupos de convivência sobre o exercício da cidadania, à luz da ontologia da experiência de Maurice Merleau-Ponty, que permitiu desvelar as ambiguidades existentes no processo de vir a ser cidadão idoso na cidade de Jequié/BA. Portanto, tomando como base a noção de *corpo próprio* e sua dinamicidade temporal e, acreditando que assim como a percepção humana, a cidadania também constitui uma experiência inacabada e renovadora, em que apenas este estudo não daria conta de produzir todo o conhecimento que perpassa a temática no campo da Gerontologia.

As descrições vivenciais fizeram-nos ver as vivências em que as idosas integrantes do estudo identificam-se como *corpo próprio*, como uma experiência perceptiva e ambígua que exprime o entrelaçamento de duas naturezas que se diferenciam em um movimento contínuo: a impessoalidade (mundo da vida) e a pessoalidade (mundo da cultura).

Concluimos que, o conflito entre as duas naturezas humanas se fez ver neste estudo, principalmente, sob a seguinte perspectiva: de um lado *o velho cidadão idoso* e do outro *o jovem cidadão idoso*, ou seja, em um polo, os idosos e a sociedade da qual faz parte, carregam concepções pejorativas do velho, que afetam a sua impessoalidade; já no outro polo, exprimem o desejo de serem aceitos socialmente e a capacidade de ressignificarem-se em grupos de convivência e em movimentos sociais, por meio de ações, expressões e personificação de um cidadão idoso que precisa ser jovem, belo, forte e ativo, o que configura uma pessoalidade artificializada nesta fase da vida.

Desde o referencial teórico podemos depreender que, esta questão, se deva ao fato de a sociedade brasileira ainda conservar a imagem da juventude em diversos cenários do nosso dia a dia, desvalorizando o velho e todas as demandas que perpassam sua existência. Desse modo, apesar do processo de envelhecimento

apresentar-se amplamente discutido em nosso país, que experimenta a mudança no perfil demográfico e epidemiológico de modo bastante acelerado, o que se percebe é que as políticas públicas que estão sendo implantadas apresentam-se pouco efetivas para suprir as novas necessidades do envelhecimento populacional.

Assim, para muitos, a palavra velho arrasta uma série de perfis depreciativos e descartáveis, que precisam ser repensados em uma sociedade contemporânea que daqui a alguns anos terá quase que 30% da sua população composta por idosos. O conjunto de políticas que deveria, então, marcar um compromisso nacional com o fortalecimento da democracia e dos direitos humanos, por intermédio do reconhecimento explícito do respeito às diversas idades, está sendo esquecido pela maioria da sociedade.

O nosso país deveria primar por uma prática de estar saudável, seja biológica, psicológica ou socialmente, na perspectiva de combater a gerofobia e assegurar uma política social e de saúde que considere as características inerentes ao velho, dando-lhe possibilidade de agir e ser cidadão idoso. Trata-se, portanto, de afirmar o compromisso constitucional e democrático de assistência aos idosos, sem distinções fundadas em preferências de gerações etárias, e de estimular o fortalecimento de um movimento social que vise consolidar uma nova visão para este grupo populacional na sociedade.

Desse modo, partindo das reflexões sobre o envelhecimento, as políticas públicas e a cidadania dos idosos, o estudo apresenta resultados relevantes sobre a percepção daqueles que realmente vivem a experiência como cidadãos idosos no contexto da participação em grupos de convivência, cujos objetivos consistem, primordialmente, em promover o protagonismo e estimular o exercício da cidadania na velhice. No entanto, não buscamos suscitar a maneira como os grupos de convivência estimulam a participação dos idosos, mas sim, de que maneira eles percebem-se como cidadãos participativos e decisivamente capazes de promover mudanças sociais.

Nesse sentido, a abordagem merleau-pontyana permitiu-nos compreender de que forma os idosos vêm exercendo a sua cidadania no contexto de uma experiência de campo perceptivo, como intencionalidade e parte das experiências vividas. Os resultados, por sua vez, fundamentados na noção de *corpo próprio*, considerando as dimensões do *corpo habitual*, *corpo perceptivo*, *corpo falante*, *corpo sexuado* e *corpo*

*do outro*, foram apresentados sob a forma de três manuscritos: *ser cidadão idoso no contexto da experiência habitual e perceptiva*; *o grupo de convivência como corpo falante*; *a experiência do outro e o vir a ser cidadão idoso*.

No primeiro manuscrito, as descrições vivenciais apresentam limites claros entre a sociedade ocidental e a questão do envelhecimento em nosso país, fazendo com que a vivência do ser velho constitua, a todo momento, uma ambiguidade. O idoso, como ser social, passa a personificar sua imagem no jovem na tentativa de romper com o paradigma da velhice e adequar-se ao perfil exigido pela sociedade, criando *o jovem cidadão idoso*.

No entanto, percebemos que essa tentativa de artificializar a velhice pode fazer com que o idoso, caso não consiga atender aos padrões da contemporaneidade, sinta-se incapaz e passe a valorizar os estereótipos atribuídos ao velho, o que poderá implicar em sofrimento mental e declínio de capacidades cognitivas e biológicas.

De outro modo, a população não idosa também vivencia ambiguidades à medida que, ao retomarem o *corpo habitual* e a imagem do ser idoso como aquele decrépito e inútil, age desrespeitando a pessoa idosa em diversos cenários do dia a dia. Esta, por sua vez, ao perceber que seu direito está sendo violado, age tentando mostrar que é ativa e que pode lutar pela sua efetivação.

Este movimento que põe em ação o *corpo perceptivo*, a partir da retomada do *corpo habitual*, faz com que o idoso expresse as suas necessidades e vivencie a experiência do *outro*.

Nesse sentido, o segundo manuscrito revelou-nos que os grupos de convivência apresentam-se na experiência perceptiva de idosos, como *corpo falante*, pois, ao participar de grupos, as idosas percebem que o processo de aprendizagem e de ressignificação não é uma vivência exclusiva da infância ou da juventude, mas algo inacabado que lhes faz, paradoxalmente, sentirem-se mais vivas a cada envelhecer. As idosas integrantes do estudo compreendem os grupos de convivência como instâncias de reposição de novas experiências de vida na relação com os outros, e a cidadania passa a acontecer no momento em que se agregam novos conhecimentos e faz-se valer a vontade coletiva.

Desse modo, os grupos de convivência como *corpo falante* permitem que as idosas reflitam sobre a noção de que sempre é tempo de serem sujeitos de direitos, de falar o que pensam sem medo de críticas e de reivindicar respeito e consideração onde quer que sejam agredidas socialmente. Os grupos fazem com que elas percebam que o ser humano jamais estará pronto ou acabado, mas em constante processo de construção, até a experiência de alteridade mais radical – a morte – e que a velhice deve ser vivida com a garantia das necessidades básicas respeitadas, da mesma forma como se devem respeitar as pessoas de outras idades.

Por se tratar de um estudo fenomenológico, que trata da percepção e do corpo como veículo do ser no mundo, nada mais natural que a descrição dos grupos de convivência como *corpo falante*, abra novas possibilidades para que outras experiências vividas como *corpo próprio* sejam discutidas em novos estudos, avançando na compreensão do terceiro manuscrito.

Neste, a percepção de pessoas idosas integrantes de grupos de convivência sobre o exercício da cidadania, acerca do *corpo sexuado* e do *corpo do outro*, mostrou-nos que a inserção de idosas nos grupos e seu desejo de serem cidadãs ocorrem, dentre outras razões, pela necessidade de serem aceitas na sociedade e reconhecidas como tal, o que nos levou a retomar as discussões do primeiro manuscrito, evidenciando o entrelaçamento dos resultados encontrados nesta dissertação.

Acreditamos que estas conclusões tenham de algum modo, respondido às pré-reflexões feitas no início deste estudo. Afinal, se os idosos integram os grupos de convivência desde 2001 (ano de consolidação da Aagruti) e as políticas ainda não foram implantadas, o que poderia estar acontecendo? O idoso realmente estaria exercendo a sua cidadania, no sentido de reivindicar os direitos adquiridos legalmente?

Então, percebemos que no momento em que trazemos o diálogo com Merleau-Ponty na perspectiva das dimensões do *corpo* esse dado empírico, que estava no campo pré-reflexivo torna-se reflexão nos mostrando as possíveis razões pelas quais o exercício da cidadania ainda não esteja sendo efetivo, no sentido da implantação das políticas sociais e em especial das políticas de saúde. As descrições nos fizeram ver que talvez os idosos estejam exercendo-a de maneira incipiente e não na sua totalidade, deixando de lado o que realmente tem importância, que é a efetividade da

implantação das políticas públicas na cidade de Jequié/BA.

A compreensão filosófica nos faz entender como a participação cidadã está sendo vivenciada na pessoalidade das idosas integrantes deste estudo. Parece que os esforços feitos nos grupos de convivência estão vinculados apenas à tentativa de mostrar à sociedade o que, de uma forma geral, espera-se delas: cidadãs jovens, ativas e produtivas. Desse modo, para serem aceitas precisam desenvolver atividades que as mostrem como ativas, ou seja, tentam atender às expectativas sociais para se sentirem integrantes.

Torna-se, portanto, uma conduta cheia de artifícios com vistas a suprir uma demanda social, e não para buscar aquilo que efetivamente precisam, como pessoas idosas e como seres humanos: a qualidade nos serviços em atendimento às suas necessidades na perspectiva de melhorar sua qualidade de vida e ter uma longevidade saudável e ativa, de fato. Assim, elas vivenciam o conflito entre o que realmente precisam e o que a sociedade impõe que elas sejam.

Desse modo, o exercício da cidadania, como um processo inacabado, necessita da retomada do *corpo habitual*, da ação do *corpo perceptivo*, da expressão do *corpo falante* e da operação do *corpo sexuado* para que a abertura ao *corpo do outro* e a possibilidade de transcendência esteja sempre em ascensão, em mudança. Esta compreensão só pode ser alcançada em função da ontologia da experiência merleau-pontyana acerca das dimensões do *corpo próprio*.

O caráter ambíguo deste processo, entre exercer a cidadania, e ao mesmo tempo fazê-la para atender os interesses sociais, não parece um paradoxo. Porém, faz-nos compreender que a cidadania vivenciada por idosas integrantes de grupos de convivência caminha para manter o sistema, as necessidades socioculturais e ideológicas, pois, se as suas teses evidenciam que são cidadãs, porque não está havendo mudanças neste sentido? Será mesmo que o que está acontecendo é de fato cidadania? Será que podemos chamar esta ação de cidadania alienada ao sistema? Mas, afinal, existe cidadania alienada?

Sendo assim, o estudo não pretende trazer subsídios que fomentem a consolidação de uma identidade para a pessoa idosa cidadã, pois, a noção da cidadania

na experiência merleau-pontyana é ambígua e, neste contexto, entendemos que jamais consolidaremos uma identidade ao cidadão idoso.

No entanto, acreditamos que quando a comunidade acadêmica, os profissionais de saúde e a sociedade em geral, tiverem consciência desta ambiguidade, não buscarão estimular nos idosos um ideal de cidadão, mas tentarão fortalecer, sensibilizar e colaborar para o avanço dos movimentos sociais mediados por grupos de convivência e associação de idosos, através do incentivo à retomada do tema “exercício da cidadania”, por meio da realização de atividades que promovam a intersubjetividade entre idosos e demais grupos sociais para discussão em torno do assunto.

Só assim, tornando-se *outro* em cada relação seremos capazes de compreender a pessoa idosa sob uma lógica que desmistifique a ideologia contemporânea e valorize a inserção de idosos, em busca do seu reconhecimento como sujeitos de direitos e protagonistas na velhice. Assim, estaremos contribuindo para a construção de uma sociedade onde não seja mais necessário representar a imagem do idoso jovem para ser aceito pelos demais grupos etários, mas sim, onde as pessoas sejam respeitadas e valorizadas como cidadãs, independente dos papéis sociais que representam e das dificuldades inerentes a sua idade.

Descrever esta experiência numa perspectiva fenomenológica fez-me ver como a área da enfermagem constitui-se em um campo fértil a este tipo de pesquisa. O enfermeiro necessita ter a capacidade de olhar o idoso como um ser social e perceber as necessidades geradas a partir de suas experiências e relações. O idoso traz consigo, toda uma história de vida que necessita de reconhecimento e valorização por parte da sociedade. Desse modo, a valorização da pessoa idosa precisa ser destacada no âmbito da assistência, do ensino, da pesquisa e da extensão, pois é a partir da formação de bons profissionais, sustentada na mudança de preconceitos voltados à pessoa idosa, que nos tornaremos uma civilização mais igualitária.

Finalmente, acreditamos que estudos de natureza fenomenológica como o presente, fornecem subsídios no contexto da gerontologia para o planejamento de ações voltadas ao atendimento mais humanizado no âmbito das políticas públicas sociais e de saúde, no sentido de fortalecer sua inserção social como sujeitos de direitos.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, M.S.S.; CARVALHO, C.M.R.G. O envelhecimento pela ótica conceitual, sociodemográfica e político-educacional: ênfase na experiência piauiense. **Interface Comunicação Saúde Educação**, Botucatu, v. 13, n. 29, p.435-44, 2009.

ALMEIDA, P.M.; MOCHEL, E.G.; OLIVEIRA, M.S.S. O idoso pelo próprio idoso: percepção de si e de sua qualidade de vida. **Revista Kairós Gerontologia**, v. 13, n. 2, p. 99-113, 2011.

ALVES, V.P.; VIANNA, L.G. Políticas públicas para a educação gerontológica na perspectiva da inserção social do idoso: desafios e possibilidades. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 68, p. 489-510, 2010.

ANDRADE, L.M. et al. Políticas Públicas para pessoas idosas no Brasil: uma revisão integrativa. **Ciência & Saúde Coletiva** [online], Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <[http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/artigo\\_int.php?id\\_artigo=9712](http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/artigo_int.php?id_artigo=9712)>. Acesso em: 19 ago 2012.

ARAÚJO, L.F.; CARVALHO, V.A.M. Velhices: Estudo Comparativo das Representações Sociais entre Idosos de Grupos de Convivências. **Textos sobre Envelhecimento**, v. 1, n. 6, p. 57-75, 2004.

ÁVILA, A.H.; GUERRA, M.; MENESES, M.P.R. Se o velho é o outro, quem sou eu? A construção da auto-imagem na velhice. **Pensamiento Psicológico**, v. 3, n. 8, p. 7-18, 2007.

BARRETO, K.M.L. et al. Perfil sócio-epidemiológico demográfico das mulheres idosas da Universidade Aberta à Terceira Idade no estado de Pernambuco. **Revista Brasileira de Saúde Materna e Infantil**, Recife, v. 3, n. 3, p. 339-354, jul./set., 2003.

BATISTONI, S.S.T.; NERI, A.L. Percepção de classe social entre idosos e suas relações com aspectos emocionais do envelhecimento. **Psicologia em Pesquisa** (UFJF), v. 1, n. 2, p. 03-10, 2007.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BORGES, P.L.C. et al. Perfil dos idosos frequentadores de grupos de convivência em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, v. 28, n. 12, p. 2798-2808, 2008.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994**. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da República Federativa do Brasil, vl. 132, n. 3, pp. 77-79, Seção 1, pt. 1, 1994.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Ética e Pesquisa. **Resolução 196 de 10 de outubro de 1996: diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos**. Brasília (DF): MS; 1996.

BRASIL. Presidência da República. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Decreto Nº 1.948**, de 03 de julho de 1996.

BRASIL. Política Nacional de Saúde do Idoso, aprovada pela **Portaria n. 1.395, de 9 de dezembro de 1999**. Brasília: Diário Oficial da República Federativa do Brasil, n. 237-E, p. 20-24, 13 dez. Seção 1, 1999.

BRASILa. Ministério da Saúde. Conselho Nacional dos Direitos do Idoso, aprovada pela **Portaria nº 702, de 12 de abril de 2002**. Brasília: Editora MS, 2002.

BRASILb. Ministério da Saúde. Redes estaduais de atenção à saúde do idoso. Guia operacional e portarias relacionadas, aprovada pela **Portaria nº 249/SAS/MS**. Brasília: Editora MS, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estatuto do Idoso**. – 1. ed., 2.<sup>a</sup> reimpr. – Brasília: Ministério da Saúde, 2003.

BRASILa. Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa, aprovada pela **Portaria n. 2.528, de 19 de outubro de 2006**. Brasília: Diário Oficial da República Federativa do Brasil, 2006.

BRASILb. Pacto pela Saúde, aprovada pela **Portaria/GM nº 399, de 22 de fevereiro de 2006**. Brasília: Diário Oficial da República Federativa do Brasil, 2006.

BRENTANO, F. **Psicología desde el punto de vista empírico**. [S.I.: s.n.],1944.

BRITO, F.C.; RAMOS, L.R. Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada. In: Papaleo Netto M, organizador. **Serviços de atenção à saúde do idoso**. São Paulo: Editora Atheneu, 2000. p. 394-403.

CAMACHO, A.C.L.F.; COELHO, M. J. Políticas públicas para a saúde do idoso: revisão sistemática. **Rev. Bras Enferm**, Brasília, v. 2, n.63, p. 279-784, 2010.

CAMARANO, A. **Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros**. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

CAMARANO, A.A.; PASINATO, M.T. O Envelhecimento populacional na agenda das políticas públicas. In: CAMARANO, A. A. **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004, Cap. 8, p. 253-92.

CAMARGOS, C.N.; MENDONÇA, C.A.; VIANA, E.M.B. Política, estado e sociedade: o estatuto do idosos e a atenção a saúde. **Rev. Comun. Ciência Saúde**, v. 17, n. 3, p. 217-227, 2006.

CIELO, P.F.L.D.; VAZ, E.R.C. Legislação brasileira e o idoso. **Revista CEPPG – CESUC – Centro de Ensino Superior de Catalão**, v. 2, n. 21, p. 33-46, 2009.

CORREA, M.R.; FRANÇA, S.A.M.; HASHIMOTO F. Políticas públicas: a construção de imagem e sentidos para o envelhecimento humano. **Estud. Interdiscipl. Envelhec**, v. 15, n. 2, p. 219-238, 2010.

COUTINHO, R.X.; ACOSTA, M.A.F. Ambientes masculinos da terceira idade. **Ciênc. Saúde Coletiva**, v. 14, n. 4, p. 1111-118, 2009.

DAL RIO, M.C. **Perspectiva Social do Envelhecimento** [coordenação geral Áurea Eleotério Soares Barroso]. São Paulo: Secretaria Estadual de Assistência e Desenvolvimento Social: Fundação Padre Anchieta. 2009.

DEBERT, G.G. A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. **Rev. Bras. de Ciências Sociais**, v. 12, n. 34, p. 39-56, 1996.

DEBERT, G.G. **A reinvenção da velhice**. São Paulo: Edusp, 2004.

DEMO, P. **Participação é conquista: noções de política social participativa**. 6 ed. São Paulo, Cortez, 2009.

GARRIDO, R.; MENEZES, P.R. O Brasil está envelhecendo: boas e más notícias por uma perspectiva epidemiológica. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. São Paulo, v. 24, p. 3-6, 2002.

GOLDFARB, D.C. **Corpo, tempo e envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Edit. Ltda, 1997.

GOMES, M.E.S.; BARBOSA, E. F. A técnica de Grupos Focais para obtenção de dados qualitativos. **Educativa** – Instituto de Pesquisas e Inovações Educacionais, Fevereiro/1999.

GONÇALVES, L.H.T.; ALVAREZ, A.M. A enfermagem gerontogeriatrica: perspectivas e desafios. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**. Passo Fundo, p. 57-68 - jan./jun, 2004.

GONDIM, S.M.G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**, v. 12, n. 24, p.149-161, 2003.

GRACIANI, J.S.; SILVEIRA, N.D.R. Envelhecimento compartilhado: participação de idosas no grupo de convivência da comunidade Nova Pantanal. In: III Congresso Ibero-americano de Psicogerontologia, 2009, São Paulo. **Anais do III Congresso Ibero-americano de Psicogerontologia**. São Paulo: PUC, 2009.

GRACIANI, J.S.; FRANCO, N.A.M.; SILVEIRA, N.D.R. Trabalhos sociais com idosos: propostas e significados. **Rev. Kairós**, v. 5, p. 203-214, 2009.

HILLMAN, J. Somos velhos porque o tempo não para. In: CÔRTE, Beltrina et al. **Velhice, Envelhecimento, Complexidade (Idade)**. São Paulo: ed. Vetor, 2005, cap. 3, p. 57-83.

HUSSERL, E. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. Introd. e trad. Urbano Zilles. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

HUSSERL, E. **Meditações cartesianas: introdução à fenomenologia**. Tradução: Maria Gorete Lopes e Souza. Porto, Portugal: RÉS, 1983.

IBGE. **Censo Demográfico Brasil, 2010**. Disponível: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/>>. Acessado em: 31 de agosto de 2011.

JOSGRILBERG, F.M. A fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty e a pesquisa em comunicação. **Revista Fronteiras - estudos midiáticos**, v. 8, n. 3, p. 223-232, 2007.

KALACHE, A. O mundo envelhece: é imperativo criar um pacto de solidariedade social. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 4, n. 13, p. 1107-1111, 2008.

LARANJEIRA, C.A. “Velhos são os Trapos”: do positivismo clássico à nova era. **Saúde Soc.** São Paulo, v. 19, n. 4, p. 763-770, 2010.

LEITE, M.T.; COPPELLARI, V.T.; SONEGO, J. Mudou, mudou tudo na minha vida: experiências de idosos em grupos de convivência no município de Ijuí/rs. **Rev. Eletr. de Enf.**, v. 4, n. 1, p. 18-25, 2002.

LEOPARDI, M.T. **Metodologia da pesquisa na saúde**. Santa Maria: Pallotti, 2001.

MACHADO, M.A.N. O movimento dos idosos: um novo movimento social. **Revista Kairós**, São Paulo, v.1, n. 10, p. 221-233, 2007.

MARTINS, E.J.S. **De volta à escola: investindo em uma proposta de Universidade Aberta à Terceira Idade** [tese]. Marília (SP): Universidade Estadual Paulista (UNESP). Faculdade de Filosofia e Ciências; 1997.

MARTINS M.S., MASSAROLLO M.C.K.B. Conhecimento de idosos sobre seus direitos. **Acta Paul Enferm**, v. 4, n. 23, p. 479-85, 2010.

MARTINS, J. Não somos cronos, somos kairós. **Revista Kairós: Gerontologia – Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento**. Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia. São Paulo, Educ, v. 1 n. 1, 1998.

MARTINS, J.J. et al . Políticas públicas de atenção à saúde do idoso: reflexão acerca da capacitação dos profissionais da saúde para o cuidado com o idoso. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 371-387, 2007.

MAURITI, R. Padrões de vida na velhice. **Análise social**, v. 39, n. 171, p. 339-363, 2004.

MENEZES, K.M.G.; FROTA, M.H.P. O lazer enquanto expressão de vitalidade na velhice: a experiência de um centro de convivência de idosos em Fortaleza-CE. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 11, n. 32, p. 486-501, 2012.

MENEZES, T.M.O.; LOPES R.L.M. Significado do cuidado no idoso de 80 anos ou mais. **Rev. Eletr. Enf.** [Internet], v. 14, n. 2, p. 240-7, abr/jun, 2012. Disponível: <Available from:<http://dx.doi.org/10.5216/ree.v14i2.13176>>. Acesso em: 20 de out de 2012.

MENEZES, T.M.O; LOPES, R.L.M; AZEVEDO, R.F. A pessoa idosa e o corpo: uma transformação inevitável. **Rev. Eletr. Enf.** [Internet], v. 11, n. 3, p. 598-604, 2009.

MERIGHI, M.A.B.; GOLÇALVES, R.; FERREIRA, F.C. Estudo bibliométrico sobre dissertações e teses em enfermagem com abordagem fenomenológica: tendência e perspectivas. **Rev. Latino-am Enfermagem** [online], v. 15, n. 4, 2007. Disponível em: [www.eerp.usp.br/rlae](http://www.eerp.usp.br/rlae). Acesso em: 20 de out de 2012.

MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. Tradução: José Artur Gianotti e Armando Moura d'Oliveira. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

MERLEAU-PONTY, M. **A prosa do mundo**. Tradução: Paulo Alves. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução: Carlos Alberto Moura. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2010.

MINAYO, M.C.S.; DESLANDES, S.F.; NETO, O.C. **O desafio do conhecimento; pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo: HUCITEC-BRASCO, 2004.

MOIMAZ, S.A.S. et al. Aspectos legislativos de relevância para profissionais de saúde. **Revista Espaço para a Saúde**, Londrina, v. 10, n. 2, p. 61-69, 2009.

MONTEIRO, P.P. Espaços internos e externos do corpo: envelhecimento e autonomia. **Revista Serviço Social & Sociedade**, v. 1, n. 75, p. 146- 158, 2003.

MOREIRA, V.; NOGUEIRA, F.N.N. Do indesejável ao desejável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade. **Psicol.USP**, v. 19, n. 1, p. 59-79, 2008.

MOREIRA, V. O Método Fenomenológico de Merleau-Ponty como Ferramenta Crítica na Pesquisa em Psicopatologia. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 17, n. 3, p. 447-456, 2004.

MORGAN, D. L. **Focus Groups as Qualitative Research**. 2ª ed. Thousand Oaks: London, New Delhi: Sage Publications, 1997.

MOURA, C.A.B. **Racionalidade e crise: estudos de história da filosofia moderna e contemporânea**. Curitiba: Editora UFPR, 2001.

MOUSTAKAS, C. **Phenomenological Research Methods**. Thousand Oaks: Sage Publications, 1994.

MÜLLER-GRANZOTTO, M.J. **Merleau-Ponty acerca da expressão**. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

MÜLLER-GRANZOTTO, M.J. e GRANZOTTO, R.L. **Curso: fenomenologia e conhecimento**. Florianópolis, SC: Instituto Gestalt, 2003. (Digitado).

MÜLLER-GRANZOTTO, M.J. **Curso: o que é fenomenologia**. Florianópolis, SC: Instituto Gestalt, 2004. (Digitado).

NERI, A.L. **Qualidade de Vida e Idade Madura**. Campinas: Papirus; 2007.

NETO, O.C.; MOREIRA, M.R.; SUCENA, L.F.M. Grupos Focais e Pesquisa Social Qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação. **XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais**, Minas Gerais, Brasil de 4 a 8 de novembro de 2002. Disponível: <[http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/Com\\_JUV\\_PO27\\_Neto\\_texto.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/Com_JUV_PO27_Neto_texto.pdf)>. Acesso em: 18 de ago de 2011.

OLIVEIRA, P.J.J. A Cidadania é para todos. Direitos, deveres e solidariedade. **Jus Navigandi**, Teresina, ano 15, n. 2517, 2010.

OLIVO, V.M.F. **O ser e o fazer na enfermagem: compreendendo o sentido do trabalho de equipe**. Florianópolis: UFSC, 1998. Dissertação (Mestrado em Assistência de Enfermagem) UFSC, 1998.

OMS. Organização Mundial de Saúde. **Envelhecimento ativo uma política de saúde/ World Health Organization**; tradução Suzana Gontijo. – Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. 60p.: il.

PAIVA, P.T.A.; WAJNMAN, S. Das causas às consequências econômicas da transição demográfica no Brasil. **Rev. bras. Est. Pop.**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 303-322, 2005.

PERES, M.A.C.; VIEIRA, E.A.; PESTANA, L.P. Velhice e ação política: os movimentos sociais e as políticas públicas do idoso no Brasil. **2ª Seminário Nacional**

**Estado e Políticas Sociais no Brasil**, Cascavel/SP, de 13 a 15 de outubro de 2005. Disponível: <[http://cac.php.unioeste.br/projetos/gpps/midia/seminario2/trabalhos/servico\\_social/MSS37.pdf](http://cac.php.unioeste.br/projetos/gpps/midia/seminario2/trabalhos/servico_social/MSS37.pdf)>. Acesso em: 31 de ago de 2011.

RIZZOLI, D.; SURDI, A. C. Percepção dos idosos sobre grupos de terceira idade. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 225-233, 2010.

RODRIGUES, A.A.; JUSTOS, J.S. A resignificação da feminilidade na terceira idade. **Estud. Interdiscipl. Envelhec**, v. 14, n. 2, p. 169-186, 2009.

RODRIGUES, N.C. **Conversando com Nara Costa Rodrigues: sobre gerontologia social**. Org. Carme Regina Shons e Lucia Terezinha Saccomori Palma. 2º ed. Passo Fundo: UPF, 2000.

SANTANA, M.A.C.T. **Envelhecimento e a pessoa idosa: grupos de convivência promovendo saúde**. [Tese] Universidade Federal da Bahia – Instituto de Saúde Coletiva, 2010.

SANTOS, S.S.C. Concepções teórico-filosóficas sobre envelhecimento, velhice, idoso e enfermagem gerontogeriatrica. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 63, n. 6, p. 1035-9, nov-dez, 2010.

SENA, E.L.S. **A experiência do outro nas relações de cuidado: uma visão merleau-pontyana sobre as vivências de familiares cuidadores de pessoas com doença de Alzheimer**. [Tese] Florianópolis (SC): UFSC/PEN, 2006.

SENA, E.L.S.; GONÇALVES, L.H.T. Vivências de familiares cuidadores de pessoas idosas com doença de Alzheimer: perspectiva da filosofia de Merleau-Ponty. **Texto Contexto Enferm**, v. 17, n. 4, p. 232-40, Abr-Jun. 2008.

SENA, E.L.S. et al. Analítica da ambiguidade: estratégia metódica para a pesquisa fenomenológica em saúde. **Rev. Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre (RS), v. 31, n. 4, p. 769-775, 2010.

SENA, E.L.S. et al. A intersubjetividade do cuidar e o conhecimento na perspectiva fenomenológica. **Rev. Rene**, Fortaleza, v. 12, n. 1, p. 181-188, 2011.

SERRA, A. M. **Kriterion**. Belo Horizonte, v. 50, n. 119, June, 2009.

SILVA, C.A.; PORTELLA, M.R.; PAQUALOTI A. Perfil dos homens idosos frequentadores do grupo de terceira idade de um município do norte do Rio Grande do Sul. **Estud. Interdiscipl. Envelhec**, v. 16, n. 1, p. 7-21, 2011.

SOUZA, Jr.; KULLOK, A.T.; TELLES, J.L. A Agenda 21 Global e a Agenda 21 Brasileira: desafios para a inclusão social dos idosos. **Comun Ciênc Saúde**, v. 4, n. 17, p. 291-302, 2006.

TELLES, J.L. A construção das políticas públicas nos espaços democráticos de participação cidadã: a violência contra pessoas idosas na agenda do movimento social. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 6, 2010.

TERRA, M.G. et al. Na trilha da fenomenologia: um caminho para a pesquisa em enfermagem. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 672-8, Out-Dez 2006.

TERRA, M.G. et al. Fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty como referencial teórico-filosófico numa pesquisa de ensino em enfermagem. **Rev Gaúcha Enferm.**, v. 30, n. 3, p. 547-51, 2009.

TERRA, M.G. et al. Sensibilidade nas relações e interações entre ensinar e aprender a ser e fazer enfermagem. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v 18, n. 2, p. 64-71, 2010.

VEIGA, L.; GONDIM, S.M.G. A utilização de métodos qualitativos na ciência política e no marketing político. **Opinião Pública**, v. 2, n. 1, p. 1-15, 2001.

VEIGA, K.C.C.; MENEZES, T.M.O. Produção do conhecimento em enfermagem: a (in)visibilidade da atenção à saúde do idoso. **Rev. Esc. Enferm. USP**, v. 42, n. 42, p. 761-8, 2008.

VERAS, R. A novidade da agenda social contemporânea: a inclusão do cidadão de mais idade. **Rev. A Terceira Idade**, v. 14, n. 28, p. 06-29, 2003.

VERAS, R.P.; CALDAS, C.P. Promovendo a saúde e a cidadania do idoso: o movimento das universidades da terceira idade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 9, n. 2, p. 423-432, 2004.

VERAS, R. Fórum Envelhecimento populacional e as informações de saúde do PNAD: demandas e desafios contemporâneos. Introdução. **Cad. Saúde Pública**, v.23, n.10, p. 2.463-2.466, 2007.

VERAS, R. Envelhecimento, demandas, desafios e inovações. **Rev Saúde Pública**, v. 3, n.43, p. 548-54, 2009.

VERAS, R.P. Experiências e tendências internacionais de modelos de cuidado para com o idoso. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 1, p. 231-238, 2012.

WESTPLTAL, M. F.; BÓGUS, C. M.; FARIA, M. M. Grupos focais: experiências precursoras em programas educativos em saúde no Brasil. Bol **Oficina Sanit Panam**, 120(6); 1996.

WONG, L.L.R.; CARVALHO, J.A. O rápido processo de envelhecimento populacional do Brasil. **R. bras. Est. Pop.**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 5-26, 2006.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Resolução nº 196, de 10 de Outubro de 1996, sendo o Conselho Nacional de Saúde.

O presente termo em atendimento à Resolução 196/96, destina-se a esclarecer ao participante da pesquisa intitulada “**O exercício da cidadania de pessoas idosas integrantes de grupos de convivência**”, sob responsabilidade dos pesquisadores **Luana Machado Andrade e Edite Lago da Silva Sena**, do curso de Pós-graduação em Enfermagem e Saúde (PPGES), nível mestrado, do Departamento de Saúde (DS), os seguintes aspectos:

**Objetivo:** descrever a percepção de idosos, integrantes de uma associação de idosos, sobre o exercício da cidadania.

**Metodologia:** Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo-exploratório, a ser desenvolvido na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, na cidade de Jequié, com 10 idosos, integrantes dos Grupos de Convivência da Aagruti. Os dados serão coletados por meio de, no mínimo, três encontros sob a forma de grupos focais, nos quais serão debatidos os temas emergentes desde o primeiro encontro, na perspectiva de construir, validar e aprofundar a discussão grupal acerca do objetivo proposto, favorecendo a reflexão e o empoderamento. Todo o material decorrente da coleta de dados será gravado, filmado, transcrito e submetido à *técnica da analítica da ambiguidade*, para que a partir das descrições vivenciais, sejam desvelados os fenômenos, abrindo-lhes possibilidades à experiência de transformação em cidadãos participativos.

**Justificativa e Relevância:** o envelhecimento populacional, como um fenômeno mundial, vem alterando não só o perfil demográfico da população, mas também, o perfil epidemiológico, econômico e social peculiar a esta faixa etária em ascensão. A necessidade de discussão e implementação de políticas públicas destinadas às pessoas idosas torna-se cada vez mais imperiosa em nosso país, que apesar da existência de um suporte legal que forneça proteção à pessoa idosa, ainda possui grandes deficiências no que tange à efetivação dos seus direitos. Desse modo, o estudo será relevante no sentido que promoverá uma reflexão acerca de como estes idosos, integrantes de

Grupos de Convivência percebem-se enquanto cidadãos participativos e decisivamente capazes de promover mudanças sociais e efetivarem seus direitos.

**Participação:** Os idosos que aceitarem participar da pesquisa terão que estar presentes em, no mínimo, três reuniões de grupo focal, realizados mensalmente com datas acordadas entre os participantes. As reuniões terão em torno de 2 horas de duração e, ao final de cada reunião um relatório e um planejamento será elaborado e validado para retomada no encontro seguinte.

**Desconfortos e riscos:** este estudo não trará riscos a integridade física, mental ou moral do participante, uma vez que, a coleta de dados será utilizada apenas para fins científicos e mediante autorização do participante.

**Confidencialidade do estudo:** e os dados colhidos serão analisados com extremo sigilo garantindo, assim, o total anonimato e a individualidade dos atores sociais, sendo respeitados também, seus valores culturais, morais, sociais, religiosos e éticos.

**Benefícios:** o estudo contribuirá para a descrição vivencial, entre os idosos, sobre o exercício da cidadania enquanto integrantes de grupos de convivência. Com base no diálogo e participação colaborativa, os integrantes da pesquisa terão a oportunidade de examinarem seus atos, compartilhar suas vivências, e encontrar, com a equipe, soluções possíveis para a construção de processo de viver/envelhecer cidadão na velhice.

**Dano advindo da pesquisa:** em hipótese alguma o informante estará submetido a riscos devido a sua participação neste estudo, uma vez que, terão acesso ao tratamento e manipulação dos dados somente os pesquisadores responsáveis e colaboradores, não sendo identificados os informantes, que, sem dúvida, serão os maiores beneficiados da pesquisa.

**Garantia de esclarecimento:** em caso de dúvida, em qualquer momento da pesquisa, garantimos qualquer esclarecimento adicional aos sujeitos da pesquisa.

**Participação Voluntária:** a participação dos sujeitos é, portanto, voluntária e livre de qualquer forma de remuneração. O participante pode retirar seu consentimento em participar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo e/ou penalidades para o mesmo.

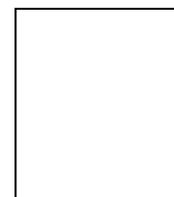
- **Consentimento para participação:** Eu estou de acordo com a participação no estudo descrito acima. Eu fui devidamente esclarecido quanto os objetivos da pesquisa, aos procedimentos aos quais serei submetido e os possíveis riscos

envolvidos na minha participação. Os pesquisadores me garantiram disponibilizar qualquer esclarecimento adicional que eu venha solicitar durante o curso da pesquisa e o direito de desistir da participação em qualquer momento, sem que a minha desistência implique em qualquer prejuízo à minha pessoa ou à minha família, sendo garantido anonimato e o sigilo dos dados referentes a minha identificação, bem como de que a minha participação neste estudo não me trará nenhum benefício econômico.

**Eu, \_\_\_\_\_, aceito livremente participar do estudo intitulado “O exercício da cidadania de pessoas idosas integrantes de grupos de convivência”, desenvolvido pelos pesquisadores Luana Machado Andrade e Edite Lago da Silva Sena, do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde (PPGES) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).**

Nome da Participante \_\_\_\_\_

Nome da pessoa ou responsável legal \_\_\_\_\_



Polegar direito

### **COMPROMISSO DO PESQUISADOR**

Eu discuti as questões acima apresentadas com cada participante do estudo. É minha opinião que cada indivíduo entenda os riscos, benefícios e obrigações relacionadas a esta pesquisa.

\_\_\_\_\_, Jequié, Data: \_\_/\_\_/\_\_  
Assinatura do Pesquisador

Para maiores informações, pode entrar em contato com Prof. Dr. Edite Lago da Silva Sena, Fone: (73) 3526-0197; (73)8839-3743 ou com a mestrand Luana Machado Andrade, Fone: (73) 8835-7168; (73) 9123-1113.

## APENDICE B – Cronograma e Roteiro das Reuniões de Grupo Focal

### O EXERCÍCIO DA CIDADANIA DE PESSOAS IDOSAS INTEGRANTES DE GRUPOS DE CONVIVÊNCIA.

#### CRONOGRAMA DOS ENCONTROS DO GRUPO FOCAL

| <b>ENCONTRO</b> | <b>DATA</b> | <b>LOCAL</b> | <b>HORÁRIO</b>   |
|-----------------|-------------|--------------|------------------|
| 1º ENCONTRO     | 19/04/12    | Aagruti*     | 15:00 às 17:00 h |
| 2º ENCONTRO     | 23/04/12    | Aagruti *    | 15:00 às 17:00 h |
| 3º ENCONTRO     | 25/04/12    | Aagruti *    | 15:00 às 17:00 h |

\* Sede da Aagruti: Associação de Amigos, Grupos de Convivência e Universidade Aberta a Terceira Idade.

**PLANEJAMENTO DO GRUPO FOCAL  
1ª ENCONTRO**

| <b>1ª ETAPA</b> |   |
|-----------------|---|
| HORÁRIO         | ATIVIDADE   |
| 15:00-15:15     | MOMENTO DE CHEGADA  |
| 15:15-15:30     | <p><b>TÉCNICA DE ACOLHIMENTO:</b></p> <p>TEMPO: 15 minutos.<br/> RECURSO: Moderadora, crachás de identificação.<br/> OBJETIVO: Apresentar a história que levou a moderadora a fazer a pesquisa e integrar o grupo.<br/> TÉCNICA: Após exposição oral da moderadora cada participante se apresentará e escolherá o seu codinome, que será escrito no crachá para identificação.</p>  |
| <b>2ª ETAPA</b> |   |
| HORÁRIO         | ATIVIDADE   |
| 15:30-15:45     | <p><b>APRESENTAÇÃO DOS TEMAS A SEREM DISCUTIDOS NOS ENCONTROS (ÁRVORE DE TEMAS).</b></p> <p>TEMAS:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- O que significa pra você participar de uma associação de idosos?</li> <li>- Qual o papel da associação?</li> <li>- Para vocês, o que seria exercer a cidadania?</li> <li>- Quais as contribuições para o exercício da cidadania você tem realizado enquanto integrante desta associação?</li> <li>- Antes de se associar e fazer parte dos GC, o que mudou na sua visão de mundo?</li> <li>- Vocês se consideram idosos cidadãos?</li> </ul> <p>TEMPO: 15 minutos<br/> RECURSO: Cartolina - emborrachado, papel A4, cola e fita adesiva.<br/> OBJETIVO: Apresentar os temas elaborados pela pesquisadora conforme objetivo da pesquisa.<br/> TÉCNICA: Exposição oral.</p> |
| 15:45-16:00     | <b>ELEIÇÃO E ORDENAÇÃO DOS TEMAS A SEREM DISCUTIDOS NO DECORRER DOS ENCONTROS DO GRUPO</b>  |

|                 |  |
|-----------------|--|
| 16:00-16:45     | <p>DISCUSSÃO DO (S) TEMA (S) CONFORME ORDEM DE PRIORIDADE ESTABELECIDO PELO GRUPO.</p> <p>TEMPO: 45 minutos<br/> RECURSO: Projetor Multimídia.<br/> OBJETIVO: Apresentar imagens que promovam a reflexão e estimulem a discussão dos idosos conforme os temas que serão discutidos.<br/> TÉCNICA: Discussão em grupo.</p>  |
| <b>3ª ETAPA</b> |  |
| <b>HORÁRIO</b>  | <b>ATIVIDADE</b>   |
| 16:45-17:00     | <p>AVALIAÇÃO CONJUNTA (ESCALA DE CORES) E ENCERRAMENTO DO ENCONTRO.</p> <p>TEMPO: 15 minutos<br/> RECURSO: Crachás e pincéis coloridos.<br/> OBJETIVO: Avaliar o momento por meio da escolha de uma cor conforme escala apresentada pela moderadora.<br/> TÉCNICA: No verso dos crachás estarão dispostos o número dos encontros e um círculo para ser pintado com a cor que representa a sua avaliação do momento conforme escala apresentada pela moderadora. Após pintar cada um fala porque escolheu aquela cor e encerramos as atividades.<br/> *Oração do Pai Nosso para finalizar o encontro.</p> |

**PLANEJAMENTO DO GRUPO FOCAL  
2ª ENCONTRO**

| <b>1ª ETAPA</b> |   |
|-----------------|---|
| HORÁRIO         | ATIVIDADE   |
| 15:00-15:15     | MOMENTO DE CHEGADA  |
| 15:15-15:45     | <p><b>TÉCNICA DE ACOLHIMENTO:</b></p> <p>TEMPO: 15 minutos.<br/> RECURSO: Moderadora, Caixa com espelho.<br/> OBJETIVO: Apresentar uma síntese do primeiro encontro e estimular a reflexão dos idosos sobre sua percepção de cidadão no mundo.<br/> TÉCNICA: Após exposição oral da moderadora sobre o encontro anterior e validação pelos participantes, iniciaremos a dinâmica do espelho, onde cada participante ao olhar para dentro da caixa ver a sua própria imagem refletida no espelho e é estimulado a falar sobre aquela imagem.</p>   |
| <b>2ª ETAPA</b> |   |
| HORÁRIO         | ATIVIDADE   |
| 15:45-16:00     | <p><b>RETOMADA DA SÍNTESE DA DISCUSSÃO DO SEGUNDO ENCONTRO E APRESENTAÇÃO DOS TEMAS A SEREM DISCUTIDOS (ÁRVORE DE TEMAS).</b></p> <p><b>TEMAS:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Antes de se associar e fazer parte dos GC, o que mudou na sua visão de mundo?</li> <li>- Vocês se consideram idosos cidadãos?</li> <li>- Para vocês, o que seria exercer a cidadania?</li> <li>- Você hoje é integrante de uma associação e faz parte de um grupo de convivência (GC) para idosos, quais as contribuições para o exercício da cidadania você tem realizado enquanto integrante desta associação?</li> </ul> <p>TEMPO: 15 minutos<br/> RECURSO: Cartolina - emborrachado, papel A4, cola e fita adesiva.<br/> OBJETIVO: Apresentar os temas, segundo ordenação selecionada pelos participantes no encontro anterior.<br/> TÉCNICA: Exposição oral.</p> |

|                 |  |
|-----------------|--|
| 16:00-16:45     | <p>DISCUSSÃO DO (S) TEMA (S) CONFORME ORDEM DE PRIORIDADE ESTABELECIDADA PELO GRUPO.</p> <p>TEMPO: 45 minutos<br/> RECURSO: Projetor Multimídia.<br/> OBJETIVO: Apresentar imagens que promovam a reflexão e estimulem a discussão dos idosos conforme os temas a serem discutidos.<br/> TÉCNICA: Discussão em grupo.</p>  |
| <b>3ª ETAPA</b> |  |
| <b>HORÁRIO</b>  | <b>ATIVIDADE</b>   |
| 16:45-17:00     | <p>AVALIAÇÃO CONJUNTA (ESCALA DE CORES) E ENCERRAMENTO DO ENCONTRO.</p> <p>TEMPO: 15 minutos<br/> RECURSO: Crachás e pincéis coloridos, projetor e vídeo educativo.<br/> OBJETIVO: Avaliar o momento por meio da escolha de uma cor conforme escala apresentada pela moderadora e encerrar o encontro.<br/> TÉCNICA: Assim como no encontro anterior, os participantes irão pintar no verso do crachá a cor que avalia o encontro, conforme escala de cores apresentada no painel da árvore de temas. Em seguida encerramos as atividades com um vídeo educativo sobre cidadania para deixar uma reflexão para o próximo encontro.</p> |

**PLANEJAMENTO DO GRUPO FOCAL  
3ª ENCONTRO**

| <b>1ª ETAPA</b> |  |
|-----------------|--|
| HORÁRIO         | ATIVIDADE  |
| 15:00-15:15     | MOMENTO DE CHEGADA   |
| 15:15-15:45     | <p><b>TÉCNICA DE ACOLHIMENTO:</b></p> <p>TEMPO: 15 minutos.<br/> RECURSO: Moderadora, letra da música: Cidadão (Zé Ramalho).<br/> OBJETIVO: Apresentar uma síntese do segundo encontro e estimular a reflexão dos idosos sobre o conceito de cidadania através da música.<br/> TÉCNICA: Após exposição oral da moderadora sobre o encontro anterior e validação pelos participantes, será distribuída a letra da música Cidadão (Zé Ramalho) para leitura com os participantes e em seguida a música será ouvida e cantada por todos para auxiliar a discussão na 2ª etapa do encontro.</p>  |
| <b>2ª ETAPA</b> |  |
| HORÁRIO         | ATIVIDADE  |
| 15:45-16:00     | <p><b>RETOMADA DA SÍNTESE DA DISCUSSÃO DO SEGUNDO ENCONTRO E APRESENTAÇÃO DOS TEMAS A SEREM DISCUTIDOS (ÁRVORE DE TEMAS).</b></p> <p><b>TEMAS:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Para vocês, o que seria exercer a cidadania?</li> <li>- Você hoje é integrante de uma associação e faz parte de um grupo de convivência (GC) para idosos, quais as contribuições para o exercício da cidadania você tem realizado enquanto integrante desta associação?</li> </ul> <p>TEMPO: 15 minutos<br/> RECURSO: Cartolina - emborrachado, papel A4, cola e fita adesiva.<br/> OBJETIVO: Apresentar os temas, segundo ordenação selecionada pelos participantes no encontro anterior.<br/> TÉCNICA: Exposição oral.</p> |

|                 |  |
|-----------------|--|
| 16:00-16:45     | DISCUSSÃO DO (S) TEMA (S) CONFORME ORDEM DE PRIORIDADE ESTABELECIDADA PELO GRUPO.  |
| <b>3ª ETAPA</b> |  |
| <b>HORÁRIO</b>  | <b>ATIVIDADE</b>   |
| 16:45-17:00     | <p>AVALIAÇÃO CONJUNTA (ESCALA DE CORES) E ENCERRAMENTO DO ENCONTRO.</p> <p>TEMPO: 15 minutos<br/> RECURSO: Crachás e pincéis coloridos, lanches e distribuição da lembrança do encontro.<br/> OBJETIVO: Avaliar o momento por meio da escolha de uma cor conforme escala apresentada pela moderadora e encerrar o encontro com entrega da lembrança para os participantes.<br/> TÉCNICA: Assim como no encontro anterior, os participantes irão pintar no verso do crachá a cor que avalia o encontro, conforme escala de cores apresentada no painel da árvore de temas. Em seguida encerramos as atividades com a entrega da lembrança do encontro e lanche para confraternização.</p> |







**APENDICE D – Orçamento da pesquisa.****ORÇAMENTO**

| <b>ESPECIFICAÇÃO</b>                               | <b>QT</b> | <b>VI. UN.</b> | <b>TOTAL<br/>(R\$)</b> |
|--|-----------|----------------|------------------------|
| CD-R   | 15        | 1,00           | 15,00                  |
| <i>Pen drive</i>                                   | 02        | 15,00          | 30,00                  |
| Papel ofício A4 (resma)                            | 10        | 11,00          | 110,00                 |
| Classificador                                      | 10        | 2,00           | 20,00                  |
| Caneta esferográfica                               | 20        | 0,50           | 10,00                  |
| Lápis preto  | 20        | 0,25           | 5,00                   |
| Borracha   | 05        | 0,30           | 1,50                   |
| Cartolina  | 05        | 1,50           | 7,50                   |
| Pincel atômico                                     | 10        | 3,00           | 30,00                  |
| Cartucho colorido para impressora HP<br>(Recargas) | 05        | 10,00          | 50,00                  |
| Cartucho preto para impressora HP<br>(Recargas)    | 05        | 10,00          | 50,00                  |
| Gravador   | 01        | 300,00         | 300,00                 |
| Câmera Filmadora                                   | 01        | 500,00         | 500,00                 |
| Reprografia  | 3000      | 0,10           | 300,00                 |
| Encadernação capa dura                             | 03        | 30,00          | 90,00                  |
| Revisão ortográfica                                | 100       | 10,00          | 1.000,00               |
| Revisão <i>abstract</i>                            | 04        | 35,00          | 140,00                 |
| <b>TOTAL</b>                                       |           |                | <b>2.659,00</b>        |

## **ANEXOS**

**ANEXO A – Parecer consubstanciado / CEP - Uesb**

Plataforma Brasil - Ministério da Saúde

UESB/BA**PROJETO DE PESQUISA****Título:** O EXERCÍCIO DA CIDADANIA DE PESSOAS IDOSAS INTEGRANTES DE GRUPOS DE CONVIVÊNCIA**Pesquisador:** Luana Machado Andrade**Versão:** 1**Instituição:** Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB**CAAE:** 01172712.7.0000.0055**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****Número do Parecer:** 9760**Data da Relatoria:** 11/04/2012**Apresentação do Projeto:**

O EXERCÍCIO DA CIDADANIA DE PESSOAS IDOSAS INTEGRANTES DE GRUPOS DE CONVIVÊNCIA

**Objetivo da Pesquisa:**

Por se tratar de uma pesquisa que busca desvelar vivências e percepções, optamos por uma fundamentação filosófica que nos ajuda a fazer ver o vivido no constante processo de conquista e exercício de cidadania dos idosos. Para tanto o estudo apoia-se-á na ontologia merleau-pontyana da experiência, que contribuiu para a formulação do seguinte objetivo de pesquisa: descrever a percepção de pessoas idosas, integrantes de uma associação de idosos sobre o exercício da cidadania.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Em relação a riscos são mínimos já que os sujeitos entrevistados darão seu aval e unicamente sofrerão o risco de constrangimento de alguma pergunta, que se neutraliza com a não obrigatoriedade da resposta, quanto que os benefícios conquistados, poderiam ser muitos já que com essas informações poderão sugerir-se ações que podem traduzir-se em benefícios para às políticas da terceira idade

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Está pesquisa pode ser considerada de grande relevância já que fornecerá subsídios para a sociedade e a comunidade acadêmica, que poderão assim melhor compreender o processo de envelhecimento e o exercício da cidadania, com a proposta de ações que auxiliem o exercício da cidadania.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Todos os documentos necessários foram apresentados.

**Recomendações:**

Sem recomendações.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

As pesquisadoras realizaram as adequações solicitadas pelo parecer do relator.

JEQUIE, 19 de Abril de 2012



Assinado por:

Ana Angélica Leal Barbosa